3 1761 04694679 5

LUIS CHAVES

Amor Português

O namoro — O casamento — A familia

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
LISBOA

O Amor Português

LUÍS CHAVES

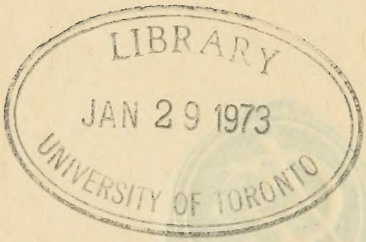
O Amor Português

O namoro
O casamento
A familia

(ESTUDO ETHNOGRAPHICO)

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1922

GT
2650
C43



Tip. Sequeira, Limitada
114, R. José Falcão, 122
PORTO

ÁS MOÇAS DE PORTUGAL,
QUE TÃO BEM SABEM
CANTAR.

O Amor Português

Dizem que o amor é morte;
quem me dera assim morrer!
Mais vale morrer de amores
do que sem elles viver.

Fala-se de amores, evoca-se o nacionalismo e com elle a familia.

A familia é a forma vincular da adaptação do homem ao tempo e ao espaço. Onde quer que o homem viva e aonde chegue, elle procura por tendencia natural constituir familia, e só a má fortuna, ou o mau conselho, que tudo espedaça e perverte, a pode afastar do seu ambiente e fundamento basilar, desmanchando-a na essencia instintiva e logíca.

A grandêsa superior da familia está na estabilidade moral da sua instituição. Tanto maior será o seu valor moral, quanto melhor fôr a natureza intima do espirito orientador e da formula

realizadora. O culto da familia é o culto da solidariedade no espirito e no sangue de todos os componentes della.

De todo o tempo, o homem procurou na mulher não só a companheira de alma e corpo, mas sobre tudo a agente do lar, na intimidade domestica da familia. O sentimento do sexo é idealizado na poesia, com que o homem cobre de imaginação o decorrer da vida. A dedicação espiritualiza e o instinto embelleza-se nella.

Povos houve, se não todos, que passaram pelo estado matriarchal, onde a mulher era a vontade suprema e o primeiro culto, que mais tarde se ensombraria nos mysterios pagãos. E no paganismo, que, por mais brutal, era a desmaterialização da animalidade do homem, a caminho do alto sentido intimo das vontades estranhas, o proprio mysterio sexual deu á mulher o prestigio de deusa. Por isso, e já Angelo Mosso o viu em seus estudos de archeologia mediterranea, as imagens primitivas, qualquer que seja o seu significado, são intencionalmente femininas.

O instinto da familia assentou no culto da mulher. É por ella que o homem soffre o imperio das paixões, e sente essa lucta secreta, que o humilha nos seus intentos ou o encanta na aspira-

ção do espirito. Quantas vezes por elle se obceca e vae para o crime loucamente!

É o sentimento, que Camões definiu, no soneto celebre, em paradoxos, que são o encanto e tormento: — «amor é um fogo que arde sem se vêr»; — «é ferida que doe e não se sente»; — «é um contentamento desçontente»; — «é dor que desatina sem doer»; — «é um estar preso por vontade»; — «é servir a quem vence o vencedor»; — «é um ter com quem nos mata lealdade».

Ella fica na choupana, na «villa», no castello senhorial, no palacio, no «cottage» burguês, enquanto elle vae á guerra ou lucta pelo «pão nosso de cada dia», defendendo ou progredindo o lar commum, a terra, os costumes, leis e tradições. Ella faz do lar a mansão do descanso do trabalho, em que o homem lá fóra consome a energia, pelo bem de todos, ou, quando elle ausente, o substitue no arroteio do campo e na guiança da casa. Ella dá-lhe os filhos, que perpetuam nas gerações o affecto dos paes e a herança moral da familia commum.

A terra é boa, é farta, quando o homem tem o trabalho no campo e tem a mulher em casa na boa ordem e no bom e leal amor. Podia vêr-se como, na historia de um povo, aos periodos de

esplendor, — mas de esplendor effectivo, no equilibrio natural da economia da nação, — corresponde a sã e rija tempera familiar.

Fomos ricos, fomos fortes, démos de comer aos outros povos, quando era estreita a alliança do homem á terra. Elles aqui vinham ao Tejo buscar-nos o nosso pão. Era o dom da familia. Os barões do torrão antigo, os colonos dos conventos como os do mosteiro de Alcobaça, as gentes soberbas dos concelhos, eram o homem apegado á terra pela continuidade solidaria de gerações e gerações de filhos fortes e portuguêses.

As nações valem pelo que as instituições da familia valerem. Ella une o passado ao futuro na eternidade da raça, em uma escala moral e affectiva de patriotismo. A desorganização do lar é a quebra da solidariedade social. Tudo se dissocia na onda em que os sentimentos se apagam. Não pode haver em um povo grandêsa sem finalidade, finalidade sem a disciplina moral. E quem, no agglomerado nacional, cria os costumes, conserva as tradições, forma e guia o caracter? E a familia o propulsor nacional das virtudes civicas.

Vão vêr como, a decadencia dos estados e as horas de abatimento das nações, são resultado da desmoralização, que sobe da familia, alquebrada e

attingida, para a sociedade dispersa na perda dos seus valores.

Compete bem a todos, que sentem as verdades eternas das sociedades, o dever de por todas as formas e processos as evocar.

*

* *

Cada povo tem as suas tradições de familia, costumes velhos, que são a sua força e o seu encanto.

É no homem do campo, entregue á vida livre e arejada, onde a natureza se expande, que toda a tradição se vae procurar na sua relativa pureza. E a velha canção do amor, que impregna o lyrismo popular, lá se terá de ir perscrutar em um sentimento claro de verdade e imaginação.

Do namorar ao noivado, as bodas e festas de noivar, e do noivado á consagração da familia no primeiro filho, o bem-estar do espirito, a ironia de uma ventura risonha, tudo prende o prestigio espiritual da familia em uma cadeia quasi intangivel de tradições, cujo olvido é para cada um o olvido de si proprio.

As desillusões, os desesperos, os ciumes, for-

mam nesse poema da vida de amorosos o contraste dos fundos, a côr de tragedias, que mais fazem sobressahir e mais salientam na sua simplicidade, na sua belleza, na moral da sua disciplina, as velhas e melhores qualidades do lar familiar.

A familia nacional é assim. Simples em seu viver, serena em tanta singelêsa e admiravel no pittoresco do lar, ella principia e annuncia-se sempre a cantar. Todos os seus lances, mesmo os de maior pesar, passam a nossos olhos e a nossos ouvidos nas quadras do povo, tão ungidas do sacramento da raça e da voz mysteriosa dos seculos.

É nessa tradição que vive a perpetuidade portuguêsa. A mulher de Portugal foi sempre a senhora do lar, e está cheia a historia com os seus actos de patriotismo em defêsa da terra, tão grande como o amor heroico da honra e defêsa do seu lar.

Tudo assim bello e delicado na sentida e natural expressão da familia portuguêsa, que as proprias boccas portuguêsas proclamam á eternidade, é bem digna de notar-se a lição de nacionalismo, que ellas nos fazem ouvir.

Escutem as almas que passam cantando, como as fontes ao luar cantam melhor, agua com agua, em idylio sem fim.

1.ª PARTE

O NAMORO

Eu sou sol e tu és sombra,
qual de nós será mais firme?...
. . . . . .

Tu és sol e eu sou sombra,
qual de nós será mais firme?...
. . . . . .

I. O "Derrête„. — II. Os Santos casamenteiros. — III. Symbolismo amoroso: 1) *coração;* 2) *mãos dadas;* 3) *flores,* a) rosa, b) cravo, c) amor-perfeito, d) mal-me-quer, e) outras flores; 4) *folhas,* a) trevo de quatro folhas, b) hera, c) mangerico; 5) *chave;* 6) *pena;* 7) *animaes;* a) pombo; 8) *cabello;* 9) *annel;* 10) *lenço;* 11) *beijo;* 12) *suspiros;* 13) *abraços;* 14) *lagrimas.*

I

O "DERRÊTE„

. . . . . .
eu como sol a buscar-te,
tu como sombra a fugir-me!
. . . . . .

tu como sol a luzires,
eu como sombra a seguir-te!

O homem viu algures a mulher. Prendeu-se nos encantos della, Penélope de toda a hora. Procura-a. — «*Come-a c'os olhos, o démo*»! — dizem as outras, commentando as assiduidades e perseverança delle. Ella furta-se de começo, em nega-

ças àquelles amores que deseja, recusa-o, e dá-lhe então um *cabaço,* uma *nega,* «dá-lhe com as portas ou a janella na cara».

. . . . . .
. . . . . .
'stá sujeito quem namora
a cabaços apanhar.

— «Esquivança aparta amor», — affirma-o o povo sabido. E, ou o pretendente obedece á palavra, e se retira, ou persiste e tudo segue, que «quem porfia mata caça». E um dia o amor começa, pelo que o povo canta:

Quem pintou o amor cego,
não no soube bem pintar;
o amor nasce da vista,
quem não vê, não pode amar.

Todo elle se *derrete,* não tira os olhos della, dando razão a quem diz que a «come com os olhos». Cedo ou tarde, após as negaças do «Seguro morreu de velho», se não é logo de começo, por cima de toda a prudencia, ella aceita o *namoro,* toma o *derrête* com elle. Principiam os amores. Depois da *côrte,* do *rapa-pé,* do *arrastar da asa,* do *pé de alferes,* e tantas outras expressões suggestivas, com que o povo eschematiza o facto, a moça *rendeu-se, dá sorte, liga-a toda,* dá-lhe *trella* ou *conversa.*

Em linguagem aphoristica, tudo se reduz a um dos dois casos provaveis: — «vêr-te e amar-te foi obra de um momento»; — «mais vale o sim

tardio que o não vasio». Então finalmente, depois do prologo amoroso, cumpre ao namorado seguir o caminho do conselho que diz: — «por geito se quer a moça, e não por força». A lição «vem de dentro», porque:

A amar e a escolher
ensinou-me quem podia:
a amar foi a natureza,
a escolher a sympathia.

Vem os temores, os receios, as mil habilidades de se encontrarem, sem dar nas vistas, para que o mundo não fale e a familia della o não saiba, antes do tempo ser tempo. Correm do genio do amor as palavras sentidas e trémulas das primeiras entrevistas. *Doneiam,* como antanho se dizia; *derretem-se* um pelo outro, na expressão de hoje. E falam, tem as «suas aquellas». É o *derrête* em marcha. Procuram-se, constantemente, ao que o cantor allude nas quadras seguintes:

Os tres reis foram guiados
por uma estrella do céo;
tambem teus olhos guiaram
meu coração para o teu.

Eu não sei que sympathia
meus olhos contigo têm:
quando estou á tua beira,
não me lembra mais ninguêm.

Vae o *derriço* muito em segredo, primeiro. Pelo regresso dos trabalhos ruraes, ou no descanso delles, no caminho por um estudado acaso, falam-se a medo agora, mas em breve affoitamente, perdido já o medo do que outrem dirá, e com o consenso ou simples conhecimento da fa-

milia. Já se demoram ás escancaras, como dois verdadeiros e publicos *conversados,* que Deus um dia fará *promettidos,* de causar inveja a toda a gente, — quem no sabe?

Ha lugares sacramentados pelo uso, para se encontrarem e se esquecerem na conversa amavel do *derrête.* É um espanejar de asas, e, o povo o diz, «enchem o papinho» de galanteios e doçuras. Elle espera-a na fonte, aonde ella vae de cantarinha á cabeça ou sobre o quadril galantemente, buscar a boa agua amiga para casa, como a Samaritana que dessedenta á beira do poço; ou espera-a na ribeira, onde lava a roupa da familia. Cada terra tem o seu *forum* de amor. Mais tarde, a consentimento privado dos paes, elle vae falar-lhe á porta de casa, ao cancêllo do quinchoso, para o alpendre das escadas, ou da rua para a janella no tradicional *gargarejo;* e pedem ambos á lua que lhes não interrompa o idylio.

Ó luar da meia noite,
não venhas cá ao serão;
isto de quem tem amores,
quer escuro, luar não.

E então, aqui, alli, em toda a parte se procuram, se falam, a toda a hora buscam vêr-se, na ansia do *derriço,* que lhes enche a vida inteira.

Costumei tanto os meus olhos
a namorarem os teus,
que, de tanto os confundir,
nem sei já quais são os meus.

Nas romarias o sitio mais pittoresco, mais asado á poesia e de maior sossêgo, é para os namorados, como acontece na romagem e feira das Mercês, próximo de Sintra; a paisagem de egloga, de um suave encanto, é disfrutada pausadamente de um muro de pedra, onde os namorados se assentam a par no remanso, e se chama na região o *muro do derrête*. É uma sympathica instituição a deste monumento dos amores de tantas gerações! O mesmo se dá em Obidos, na capellita alpendrada de Santo Antão, com um murozinho branco e remansoso, nas traseiras da capella de sineta inquieta; de ahi se disfructa admiravel paisagem rythmica, larga, onde as Caldas da Rainha e S. Martinho do Porto se escondem, muito brancos, entre pinhaes de aguarella.

Uma quadra de Barroso ([1]) refere-se a um lugar de *derriços* junto de uns «frades», esses marcos de guarda, calvos, de calva lisa, enterrados a prumo, e aqui, pela allusão, á beira do rio.

Adeus, ó frades do rio,
«*tens*» duas pedras de assento,
uma é de namorar,
outra de passar o tempo.

Ao Domingo ou Dia Santo, vestidos com os melhores fatos, que são os reservados aos dias «de vêr a Deus», encontram-se na egreja, á hora

([1]) Fernando Barreiros, «Tradições Populares de Barroso» in *Revista Lusitana*, vol. XVIII. As quadras de Barroso foram todas colhidas neste trabalho.

da missa, e ahi se procuram nos intimos olhares de namorados, mais se prendendo nelles que nas virtudes dos santos ou na attenção das ceremonias da missa.

Ámanhã é dia santo,
hei-de ir á missa aos Valles;
para vêr as solteirinhas
c'mo se meneiam aos pares.
(Barroso)

Quando vou para a missa,
ajoelho-me ao pé dos bancos;
co'o sentido nos amores,
nem réso nada aos santos.
(Barroso)

Ámanhã é dia santo,
hei-de ir á missa do dia,
para vêr o meu amor
á porta da sachristia.

De vermelho encarnado,
vae o meu amor á missa;
fica-me á porta-travéssa,
fica-me ao correr da vista.
(Villa Real) (1)

Domingos e dias santos
é que eu offendo a Deus:
vou á missa, não a oiço...
pensamentos varios os meus!
(Atalaya) (2)

A toda a hora, em toda a parte, noite e dia, presos um do outro, tambem passa nas cantigas a ansia de se procurarem.

Oh, meu amor, quem te vira
trinta dias cada mês,
sete dias na semana,
cada instante uma vez.

Os peixes viver não podem
separados da agua fria,
eu tambem viver não posso
sem a tua companhia.

Procuram-se, e a vida que os affasta é a

---

(1) Antonio Gomes Pereira, «Linguagem e Tradições Populares de Villa Real», *Revista Lusitana*, (vol. X, pg. 240). São de este trabalho quasi todas as quadras de Villa Real; abrange a sua publicação, de vol. IX-XII.

(2) C. Monteiro do Amaral, *Revista Lusitana*, vols. XI, pg. 96 e ss. e XII, pg. 294 e ss., de onde são as quadras de Atalaia, nesta exposição.

morte que os approxima. Este affluxo e refluxo, no inicio dos amores, quando um se esquiva ao outro, ou no *derrête,* quando a vida os separa, dá-lhes poesia ao cantar, e um poeta anonymo cantou um dia a quadra, a que uma mulher responderia no mesmo tom:

Elle:	Ella:
Eu sou sol e tu és sombra,	Tu és sol e eu sou sombra,
qual de nós será mais firme?	qual de nós será mais firme?
eu, como sol, a buscar-te,	tu, como sol, a luzires,
tu, como sombra, a fugir-me?	eu, como sombra, a seguir-te?

Entraves de familia ou a ausencia difficultam as relações e elles escrevem ou mandam escrever, dictando, «deitando», cartas de amor e de saudade, em que o metaphórico excede toda a espectativa. É um escachoar de phantasia sentida, á volta das tremendas phrases feitas do «mar revolto das paixões», — do «doce nome de Maria», — «longe da vista, perto do coração», — «tormentos do amor», etc. No papel ha então corações pintados, settas a atravessá-los, elles a sangrar, mãos dadas, pombinhos brancos a voar com uma carta no bico ou ao pescoço.

Offerecem-se presentes, como lembranças de amor. «Para adorar os santos, beijam o altar», e ou são prendas com intenção de conquista das pessoas, que rodeiam a moça, ou são já as alembranças á conversada e promettida. Se é pastor, de habilidades tradicionaes, elle faz lindas *rocas* no deserto dos pastos, e, como no symbolismo

antigo, dá-lhe a roca do trabalho e da honra domestica. Além das rocas de, por vezes, luxuriante decoração ([1]), borda na madeira de buxo *fusos* gentís, para ella fiar o linho branco das meadas de riquesa, *dedeiras* para, nas ceifas, ella enfiar os dedos, protegendo-os do

. . . . pico da herva gata
juntamente c'o beija-mão,

como se canta de manso no Alentejo (Santa Victoria do Ameixial ([2]), *ganchos* e *agulhas de meia* para «peúgos», «peúgas», «meias», «meiotes», «crochés» etc. ([3]). Se elle não é pastor, ou encommenda estas prendas ou faz quanto a habilídade e a iniciativa o ajudem.

Todo o instinto do artista rude é ahí empregado em requintes de lavor, que dão a essa arte de decoração maravilhosa o nome de *pintar* ou *bordar*. Mistura-se o symbolismo cupidineo com a estylização linear ou florícola, do maior talento. A prenda, no espirito utilitarista do povo, é sempre um objecto de uso; nem os artistas rusticos na sua arte utilitaria, que só a phantasia reveste de picttoresco, sabem empregar o tempo e trabalho no que lhes não possa ser util. A *conversada,*

([1]) Vergilio Correia, «Rocas enfeitadas», in *Terra Portuguêsa,* vol. II (1916), pg. 112 e ss.

([2]) Luis Chaves, «Folclore de Santa Victoria do Ameixial», in *Revista Lusitana,* vol. XIX, pg. 303, n.º 97.

([3]) J. Leite de Vasconcellos, «Etnografia Artistica», in rev. *Alma Nova,* vol. III.

ao mesmo tempo de a ostentar em seu luxo, tem na prenda a recordação do seu «*mais qne tudo*», mostrando com vaidade e gosto o amor que despertou e gósa. E, se delle é obrigação dar o *dixe* de amor, de ella não é menor a de o aceitar e usar.

O sol prometteu á lua
uma fita de mil côres;
quando o sol promette prendas,
que fará quem tem amores.
(Santa Victoria do Ameixial)

Toma lá que t'o dou eu,
não olhes ao fraco dado;
isto é uma alembrança
do nosso tempo passado.
(Barroso)

A tradição conserva aqui tambem o seu caracter symbolico. É que ella se não guarda em uma casa velha, — na expressão de Henry Bordeaux, em *Les Roquevillard,* chronica intima de uma familia multissecular. Envolve-se na nossa vida e nos nossos sentimentos, para lhes dar apoio, valor fecundo e duração (1).

Um dia, elle entra em casa da conversada, então já a *promettida.* Os paes consentem que elle «converse» a sua noiva dentro do lar, e acabam os procurados encontros na rua e o «garguerejo» da janella ou as conversas á porta. Os paes admittem-no debaixo dos tectos familiares, obedecendo assim ao estado psychologico da filha nesse instante, em que ella deve de cantar assim:

Anda cá que eu já te quero,
nem que me não queiras bem;
eu na fama já sou tua,
por esses mundos além.

Oh mar alto, oh mar alto,
oh mar alto, sem ter fundo;
mais vale andar no mar
do que na bocca do mundo.

(1) Henry Bordeaux, *Les Roquevillard,* ed. de Nelson, pg. 25-26.

O trabalho absorve-os de dia; á noite, confiada e alegremente, esperam-se ao serão das enormes noites de inverno, ou das frescas delicias sossegadas e calmas do verão. Aos serões se prende esta quadra:

Minhas andadas de noite,
minhas idas ao serão;
tem-me dado muita perca,
causando muita paixão.
(Barroso)

E pela noite fóra é um dormir de sonhos contínuos, em que as personagens são sempre as mesmas, e as scenas não tem mutação.

Anoiteceu-me na serra,
das estrellas fiz abrigo;
abracei-me a uma penha,
pensando que era contigo.

Quando aos amorosos porém chega o *seu dia de S. João,* casam, entram na vida conjugal; a torre da capellinha, sempre branca na sua prece pelos homens, agita os sinos em um corropio alegre de pombal farto. E elles ficam «ligados pela raça ao passado e ao futuro, e os seus actos ficarão em sua casa, como os traços do rosto apparecerão nos rostos juvenís dos filhos», — diz ainda Bordeaux, porque está na familia o orgão da tradição, explica Fernin Roz, em introdução a outro livro de Bordeaux [1].

---

[1] H. Bordeaux, *Le Pays Natal,* «Préface», F. Roz, «Introduction», pg. 5, ao livro de H. Bordeaux, *Les Roquevillard.*

Acabou o derriço. Já se não procuram na fonte, no rio, na missa. Já não cantam ao desafio nas esfolhadas, nas ceifas, nas vindimas, buscando-se e cantando-se. O *milho-rei* dos torneios de amor nas milharadas já deu ventura aos abraços, — quantos delles roubados pela espiga vermelha, levada no bolso cá de fóra! Agora é a paz do lar, que, ou o amor continúa, e o lar é um paraiso, embora pobre mas bem rico de alma, ou vem a desillusão e tudo se desfaz em desgraça.

*

* *

Todo este desenrolar do romance do amor é seguido nas cantigas do povo. O homem do povo canta sempre. A sua lyrica é sonorosa e, animal de amor, todo o mundo, que o rodeia, subordina ao seu sentir. É pois fácil acompanhar-lhe nos cantos, transparentes, as fases do *derrête*.

a) São primeiro as *tentativas* de approximação, o *segredo* que envolve todo o anseio, a *perseguição*, a *espera*, os *receios* e *temores*.

Eu queria-te falar,
mas tenho guarda de fronte,
que me trazem na vigia,
como o coelho no monte.

(Obidos)

Coitadinho de quem tem
seus amores em segredo,
passa por elles na rua,
não lhe fala que tem medo.

(Amarante)

Assubi á amendoeira
toda me eu enchi de flores;
ainda que sou tão novinha,
já me pretendem de amores.

(Amarante)

Amor com amor se paga,
porque não pagas, amor?
olha que Deus não perdôa
a quem é mau pagador.

(Lisboa)

Aprendi a tecedeira,
donde estou arrependida:
passa o amor na rua,
e eu na prisão mettida.

(Villa Real)

Olhos, que de vêr se entendem,
devem de andar amestrados;
deram tempo ao officio,
ou nasceram ensinados.

(Obidos)

Rua abaixo, rua acima,
Mariquinhas á janela,
enfiando contas de ouro
no retroz da primavera.

(Barroso)

Meu amor, vamos nós ambos
ás «móras» pelos caminhos,
para cegarmos os olhos
àquella nossa vizinha.

(Villa Real)

b) É o *encontro,* o *falar* á *janella* ou á *porta:*

Fui á fonte dos amores,
bebi, tornei a beber;
estava o meu amor defronte,
e fartei-me de o vêr.

(Alcanena)

Adeus, caminho da fonte,
já de mim não és seguido,
já quebraram as janellas,
onde eu trazia o sentido.

(Torres Novas)

Adeus, chafariz da praça,
onde a agua sobe e desce;
nem a agua me mata a sêde,
nem o meu amor me esquece.

(Vianna do Castello)

Fui á fonte por te vêr,
fui ao rio, por te falar;
nem na fonte, nem no rio,
nunca te pude encontrar.

(Obidos)

Entre cannas e canninhas,
agua deve de nascer;
menina, que está na fonte,
dê-me agua para beber.

(Baião)

Vamos lá para o ribeiro,
onde a agua sobe e desce;
o sol vae para a Portella,
e o meu amor não apparece.

(Barroso)

Indo eu pela rua acima,
não achei senão ortigas;
vou abaixo ao cruzeiro,
onde passam as raparigas.

(Vianna do Castello)

Abre-te, janella de ouro,
da mais fina pedraria;
tu foste a causadora
de eu padecer algum dia.

(Villa Real)

Minha mãe, logo á noite:
— «Maria, vae-te deitar».
Ella cuida que eu durmo,
e eu estou a namorar.

(Villa Real)

Se passares pela rua
faz-me um signal que entenda,
bate co'o pé na calçada,
como quem parte uma amendoa.

(Atalaya)

As telhas do teu telhado,
as pedras do teu balcão,
essas te podem dizer
se te sou leal ou não.

(Villa Real)

As esquinas d'esta terra
já se não chamam esquinas;
chamam-se confessionários,
p'ra confessar as meninas.

(Barroso)

Oh luar da meia noite,
tu és o meu inimigo;
'stou á porta de quem amo,
e não posso entrar contigo.

(Villa Real)

P'ra que são as esquinas,
e as sombras do luar,
se ellas não hão de encobrir
dois amantes a falar.

(Atalaya)

c) É o *apartamento,* o *adeus,* são *saudades, cartas, lagrimas:*

A ausencia tem uma filha,
que se chama saudade,
eu sustento mãe e filha,
bem contra minha vontade.

Quem inventou a despedida,
não sabia o que era amor;
quem parte, parte sem vida;
quem fica, morre de dor.

Inda que o lume se apague,
na cinza fica o calor,
inda que o amor se ausente,
quem fica morre de dor.

Como o vento para o fogo,
é a ausencia para o amor;
se é pequeno apaga-se logo,
se é grande, torna-se maior.

(Extremoz)

Eu não quero, nem brincando,
dizer adeus a ninguem;
quem parte, leva saudades,
quem fica, saudades tem.

Ó meu amor, se te fores,
escreve-me do caminho;
se não tiveres papel,
nas asas de um passarinho.

Vae-te, carta venturosa,
ver um bem que Deus me deu;
antes tu, carta, ficáras,
no teu lugar fôra eu.

(Santa Victoria do Ameixial)

Se o mar fosse de papel,
e os peixes «escrivões»,
escrevia-te uma carta
de lagrimas e paixões.

(Norte)

Se ouvires tocar os sinos,
não cuides que são trindades;
sou eu que estou morrendo
pelas tuas saudades.

Vae-te, carta; vae-te, carta,
vêr um bem que Deus me deu;
tu vaes para lá ficar,
em teu nome fôra eu.

(Sousel)

Carta, vae aonde te mando,
responde e sabe falar;
dize que viste os meus olhos
magoados de chorar.

(Beira Alta)

Sentada na minha cama,
uma carta tua li;
beijando letra por letra,
chorando adormeci.

d) A situação economica leva o noivo para mais longe. Não é a vida de soldado ou o trabalho dos campos, o que o leva para «longe das vistas, mas perto do coração». Não são já os *ratinhos,* os *gallegos* e *picamilhos,* que vão para o Alentejo ou os romeiros da vindima, que descem ao Douro. Vão mais longe, atravessam o mar, a caminho do Brasil da classica *arvore das «patacas»*.

E um dia casará, quando voltar, que é a ambição maior que leva, coitado, quanta vez desfeita em desillusões:

Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar nesse ser;
qu'eu vou ao Brasil e volto,
e inda te hei-de colher.

(Norte)

Ó meu rico S. João,
ó meu rico marinheiro;
levae-me na vossa barca
para o Rio de Janeiro.

(Norte)

O meu amor foi-se embora,
embarcou para o Brasil;
o meu coração não se abre,
sem a chave de lá vir.

(Barroso)

Já andei pelo Brasil,
já passei o Maranhão,
tenho visto caras lindas
mas como a tua outra não.

(Norte)

e) São *desesperos, ciumes, desolação, abandono, ironia:*

Ninguem descubra o seu peito,
por maior que seja a dor;
quem o seu peito descobre,
a si mesmo é traidor.

(Geral)

O tempo que te eu amei,
melhor fôra estar doente;
tempo tão mal empregado,
dado de tão boa mente.

(Geral)

Cuidas que eu por ti morro
que por ti rompo sapatos;
minha cara de boneca,
toda rilhada dos ratos.

(Villa Real)

Indas que teu pai me deixe
uma vacca c'um bezerro;
contigo não casava eu,
ó minha ruça do pêllo.

(Villa Real)

Por te amar, deixei a Deus,
vê lá que gloria perdi;
agora vejo-me só,
sem Deus, sem gloria, sem ti.

(Villa Real)

Já lá vae o sol abaixo;
já não nasce onde nascia;
já não dou as minhas falas
a quem as dava algum dia.

(Torres Novas)

Dizes que me has de matar,
e me has de dar um tiro;
vê lá o medo que tenho,
olha lá c'mo me eu retiro.

(Chaves-Barroso)

Não ha coisa que mais custe
do que é amor hũa mulher;
'stá sempre de queixos tortos,
ninguem sabe o que ella quer.

(Villa Real

Altas torres tem teu peito,
nas mais altas já me eu vi;
não se me dá que outrem suba
escadas que eu já desci.

(Villa Real)

Oliveira pequenina,
que azeitona pode dar?
a filha de um homem pobre,
que amores pode tomar?

(Chaves)

Eu amava-te, menina,
se não fôra um senão;
seres pia da agua benta,
onde todos põem a mão.

(Villa Real)

Assubi ao altar-mór
a accender velas ao throno;
é bem tolo quem se mata,
por amor's que já tem dono.

(Villa Real)

II

OS SANTOS CASAMENTEIROS

Da laranja e da mulher
o que ella quiser

Ha santos da especial devoção dos namorados. Este prestigio de acção casamenteira prende-se a velhos costumes de paganismo primitivo, que começaram em práticas sensuaes e a pouco e pouco perderam a realidade, conservando-se todavia na essencia directora. Não desappareceram de todo; em varios sitios do país, parallelamente com o estrangeiro, observam-se algumas sobrevivencias dessas primitividades phallicas. Mulheres, que querem casar-se, deslisam ou friccionam-se em rochedos, de configuração apropriada, chamados *penedos dos casamentos,* num sensualismo prèhistorico. Ha-os na Povoa de Lanhoso, no concelho

de Guimarães (v. g. Prazins), no de Lamego (Serra de S. Domingos), por exemplo ([1]).

Uma quadra popular vem trazer a allusão instrutiva ao costume de consulta dos penedos ([2]):

Três voltas dei ao penedo,
p'ra namorar o José;
namorei-o — só três dias,
valeu-me a mim dar o pé.

Com outro «ritual» no oraculo, ha um penedo em Moimenta da Beira, junto de outro onde se venera uma imagem de Nossa Senhora da Lapa; serve de *escorregamento,* isto é, para rapazes e raparigas «escorregarem» por elle, e das peripecias da descida se decidirem os pares de casamento ([3]). Em outro penedo em Cristello, concelho de Guimarães, os pretendentes voltam-lhe as costas, e atiram-lhe por cima do ombro uma pedra; se a pedra fica na corôa, ha casamento; se deslisa, elle tem um «cabaço» ([4]). Ao pé deste, como já sucede no antecedente, ha uma capella do Senhor dos Perdidos, evidente symptoma de sobreposição christã.

Um santo casamenteiro é *S. Gonçalo de Amarante.* Chamam-lhe «casamenteiro das ve-

---

([1]) Cfr. no *Arquivo da Univerdade de Lisboa,* vol. IV, pg. 59. Nosso estudo «Sobrevivencias neoliticas de Portugal».

([2]) Theophilo Braga, *Origens poéticas do Christianismo,* pg. 34; Leite de Vasconcellos, *Tradições populares portuguêsas,* pg. 91.

([3]) Fonseca Cardoso, em *O Archeologo Português,* vol. III, pg. 172.

([4]) Martins Sarmento, «Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães», in *Revista de Guimarães,* vol. I, pg. 15.

lhas» [1], mas tambem as moças vão á igreja de Amarante, no dia da festa, interrogá-lo, puxando-lhe o escapulario da imagem. O vestigio primitivo deste culto amoroso pode confrontar-se nas enfiadas de rosarios phallicos ou phallus avulsos, fabricados da massa doce do typo das «cavacas», que são vendidos e apregoados no calão fescinino pelas doceiras á porta do templo. Outra prova está nas cantigas eroticas do Santo.

Antigamente, S. Gonçalo, como acaso outros santos, teria as suas dansas cultuaes. Sabe-se como de movimentos sensuaes se originaram as dansas primitivas, que eram religiosas, caracter sensual que tem para os dansarinos as dansas populares em grande parte, e não abandona as chamadas de salão, onde a sensualidade marca ou aproveita os rythmos, em umas mais voluptuosos que em outras. Os cónegos da Sé do Porto dansavam deante do altar de S. Gonçalo, no dia da festa, certa dansa hieratica e devota, que hoje se perdeu. Camillo Castello Branco, o admiravel e inconfundivel commentador da alma portuguêsa, allude a esta invocação no romance — *O Sangue*, onde Custodia procura noivo a Thomasia, sua filha de leite, e diz, crendo ter achado um: — «o meu S. Gonçalo de Amarante é que sabe, e por intercessão do glorioso Santo, Deus é que o quer» [2].

---

[1] A. Garrett, *Arco de Sant'Anna*, cap. XVII.
[2] Camillo Castello Branco, *O Sangue*, 3.ª ed., 1907, pg. 64.

Sendo casamenteiro das velhas, zangam-se com elle as novas, que para Valdevez, por exemplo cantam a quadra interrogadora (1):

S. Gonçalo de Amarante,
casamenteiro das velhas,
porque não casaes as novas?
que mal vos fizeram ellas?

E antigamente no Porto cantavam as moças, no dia do Santo, em côro e dansando aos ranchos, deante do altar (2):

Casae-me, casae-me,
São Gonçalinho,
que hei-de resar-vos,
amigo santinho.

Mas o Santo casamenteiro por excellencia é *S. João,* o popularissimo santinho de Junho, de quem se canta na Figueira da Foz (3):

S. João é milagroso,
é santo casamenteiro.

A elle se fazem os mais variados *oraculos* na madrugada fresca e milagrosa da sua festa, as *sortes,* que todo o anno são esperadas: depois dos saltos das *fogueiras,* na vespera, vêm os *bochechos,* o *chumbo* derretido ou o *ovo* num copo de agua, a *alcachofra* queimada, o *trevo de*

---

(1) Felix Alves Pereira na *Lusa,* vol. I, pg. 82, § 79, «Colheitas etnográficas de Valdevez».

(2) *O Archivo Popular,* n.° 6, de 8-II-1840.

(3) Fernandes Thomás, *Velhas Canções*... pg. 102 e ss. de onde provém todas as cantigas da Figueira da Foz.

quatro folhas, etc. Perscrutam-se os *nomes* dos noivos, em sorteios; escuta-se o primeiro nome ouvido de manhã com o bochecho na bocca, ou o do pobre a quem se dão os cinco-reis deitados á fogueira da vespera. Por isso as cantigas insistem:

Casae, rapazes, casae,
que as noivas baratas são:
cada três por um vintem,
na manhã de S. João.

(Coimbra)

S. João me prometteu
de me dar um bom marido;
vou-lhe lembrar a promessa,
pois o santo é esquecido.

(Coimbra)

Hei-de ir deixar ao relento
uma folha de figueira;
se S. João a orvalhar,
hei-de encontrar quem me queira.

(Figueira da Foz)

Esta noite deito sortes;
S. João vae declarar
o nome do namorado,
que commigo ha-de casar.

(Figueira da Foz)

Hei-de erguer-me bem cedo
na manhã de S. João;
a vêr se a minha alcachofra
está florida ou não.

(Figueira da Foz)

Nas «orvalhadas» de S. João, as moças cantam por ahi fóra:

Dae-me noivo S. João, — dae-me noivo,
dae-me noivo, — que me quero casar.

Por fim, numa curiosa regressão, o Santo fez-se namorador. Quadras e quadras lhe cantam os amores:

S. João, p'ra vêr as moças,
fez uma fonte de prata;
as moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

Não são grandes os milagres de amor de Santo Antonio, a não ser o passado e não repetido concerto das bilhas, que as moças de algum dia levaram á fonte. Camillo em *O Regicida* fala de uma imagem de Santo Antonio, que o venerando Arcebispo Fr. Bartholomeu dos Martyres fez, quando estudante, á ponta de navalha num pedaço de madeira. Estava antes de 1755 em um nicho, na fachada humilde da casa de Lisboa, onde o prelado nasceu, na Rua dos Tanoeiros, que ia desde aproximadamente o Paço da Côrte Real até o Arco do Ouro, junto do Terreiro do Paço. Este Santo era festejado todos os annos á custa dos devotos da rua, onde se arruavam os tanoeiros, em numero de quinze no anno de 1318. Toda a freguesia dos Martyres se apegava com o milagroso Santo nas suas necessidades ([1]). É provavel que nellas entrassem os interesses de amor. Seja como fôr, em Villa Real, terra das melhores festas a este Santo, canta-se:

Eu hei-de ir ao Sant'Antonio,
que m'hei-de lá regalar
c'um raminho de cerejas,
que meu amor m'ha de dar.

(Villa Real)

Em Vianna do Castello, as raparigas furtavam da igreja de S. Bento uma imagem de Santo Antonio, quando queriam casar, costume

([1]) Camillo C. Branco, *O Regicida*, 4.ª ed. pg. 200.

que os frades acabaram, pregando a imagem no altar.

No monte de Santa Luzia, no Minho, ha um Santo Elyseu em um nicho; ás quartas-feiras as raparigas atiram-lhe pedras, para que fiquem no nicho e dizem:

Ó meu Santo Elyseu,
casar-me quero eu.

Santo Antão é tambem casamenteiro em Extremoz e Villa Viçosa; ahi, como a Santo Elyseu e como no já citado rochedo de Cristello, as moças atiram, por cima do ombro, para o altar do Santo, não pedras, mas ramos de flôres, com a pregunta do estylo:

Dizei-me, meu Santo Antão,
se me casarei ou não.

Se acertam no Santo, casam. Outras variantes locaes:

Santo Antão,
dizei-me,
casarei ou não?

Santo Antão,
santo bemdito,
casae-me depressa
c'um noivo bonito.

Em Borba, no Bosque, ha uma fonte aonde as moças vão com um ramo de louro; atiram-no a um santo que está por cima; é S. Roque, de barro e quasi de tamanho natural. Dizem:

S. Roque, S. Roquinho,
sem rir, sem chorar,
dize-me com quem hei-de casar.

Dize-me quantos annos
hei-de eu estar sem casar.

Depois de S. João e Santo Antonio, o terceiro santo popular de Junho tambem tem o seu poder casamenteiro; S. Pedro é mais grave, e protege egualmente as viuvas. Por isso, depois de invocado nas «orvalheiras» pelas raparigas solteiras, nas «orvalhadas» pelas mulheres casadas, é-o tambem pelas viuvas, e tem fogueiras e «sortes» como o S. João.

Orvalhudas, orvalhudas, orvalhudas,
viva o rancho das mulheres viuvas.

Santo Amaro é tambem padroeiro de casamentos.

Santo Amaro, meu santo Amaro,
tu és o meu santo querido,
venho hoje aqui pedir-te
que me dês um bom marido.

E ha por toda a parte um santo de invocação local, a quem recorrem as moças, que se querem casar.

III

SYMBOLISMO AMOROSO

As cartas não valem nada
para mim que não sei ler.

1) Coração

No symbolismo do amor, o coração, como séde privilegiada dos affectos, occupa o lugar principal na sabedoria do povo.

O amor nasce da alma,
da raiz do coração.

O coração é o cerebro do amor. Tudo lá vae, tudo de lá vem. Está nelle a séde irrefutavel da paixão dos namorados.

> O querer-bem nasce da alma,
> quero-te bem do coração.

As cartas da correspondencia amorosa tem no alto o desenho do coração, colorido de ricas côres, como convém á esthetica popular, ou feito pelo proprio que escreve. É a transmissão do amor no seu symbolismo original. Por isso, afóra a sugestão do desenho,

> as cartas não valem nada
> para mim que não sei ler.

a) O coração apparece *simples, dobrado* ou *acompanhado* de outros symbolos attributivos, nas obras de primor dos artistas rusticos. *Simples,* na ornamentação, aberta nas *cangas* do Minho e Douro, — gravada nas *rocas* de Miranda, da Beira, de Alcobaça, um pouco em toda a parte onde se fazem, nos *cambos* dos teares de Coimbra e Condeixa, nas *espadellas, caixas, estojos,* nas *córnas, bordões, tarros, côchos, costuras,* etc. da arte dos pastores do Norte e sobretudo do Alentejo, — pintada nas *loiças* de Flôr da Rosa, Guimarães, Caldas, Coimbra ou Extremoz, — tecida e estampada ou apposta em *pannos domesticos,* colchas, rendas, tapetes, em *decorativa de fatos,* nas nizas e calças estreitas do Ribatejo e Alto Alentejo, e nos *vestidos*

da mulher do Minho, em aventaes, colletes, bolsas e algibeiras, — desenhada pela *tatuagem,* em geral acompanhada de palavras e legendas amorosas; — conformado em *objectos utilitarios* e *ornamentaes: pesos de tear* de louça esmaltada, de simples barro cozido, de calcareo ou de simples madeira, de Coimbra, Juncal, Thomar; *ganchos de meia,* de madeira ou de barro pintado e envernizado, *alfineteiras* ou *pregadeiras,* ornatos de *arreios, amuletos, caixas* de madeira ou de cortiça e *gaiolas de grillos* (Alentejo), «*registos de santos*» com a imagem gravada, *joias* de ouro e *filigranas* de ouro e prata (Minho e Douro), *berloques* e *enfeites* de madeira, etc. (1)

O coração é por vezes chammejante ou ardente; sangrento; cortado pelas cinco chagas de Jesus Christo; com asas; com algum nome dos amorosos; — nos «*registos de santos*», nas *cartas,* em *desenhos,* na *tatuagem.* Symbolo cordiforme do amor difficil e alanceado, é o coração trespassado por uma espada ou por uma flecha.

Descreve Camillo este symbolo: «Thomazia abriu a carta. A lettra era ingleza, garrafal, elegante de hastes, enquadrada em cercadura de flôres que enramavam frecheiros Cupidos. Custodia (a ama) cavalgou os oculos para se pasmar de um coração ferido em ninho de folhagem». (2)

---

(1) J. Leite de Vasconcellos, «O coração na arte e poesia populares», em *O Archeologo Português,* vol. XIX, pg. 399-400.

(2) Camillo Castello Branco, *O Sangue,* pg. 64.

b) Coração dobrado: indica dois corações ligados ou presos no mesmo amor, presos na terra, ou voando juntos no ceu da phantasia: em *rocas, espadellas, cambos, pesos de tear, cangas, espelhos de fechadura, loiças, tecidos e bordados* (lenços etc.) *tatuagens, cartas, «registos de santos»* (de Jesus e Maria), etc. Podem ser fechados por uma *chave.*

Na exposição de lavores de 1917 em Vianna do Castello, appareceram varios desenhos em exemplares decorados com dois corações unidos (1).

Com fio de retroz verde
quero, amor, que me cosaes
o meu coração ao vosso,
que se não desate mais.

Toma lá colchetas de ouro,
aperta o teu colletinho;
que o teu coração ao meu
deve andar arrochadinho.

(Alcanena) (2)

Abre este lenço e verás
quatro ramos floridos,
no meio encontrarás
nossos corações unidos. (3)

No alto daquella serra
andam dois coelhos bravos;
deviam de se ajuntar
dois corações desejados.

(Barroso)

c) Coração acompanhado de outros symbolos: de um *cruz,* em *cangas* do Minho e Douro, *espelhos de fechadura,* etc.; de *signo-saimão* ou «senselimão», lado a lado, ou entre dois, em *cangas, espadellas, cambos* etc.; ou o signo-sai-

(1) *Lusa,* vol. I, n.º 13-14, pg. 99. flg. 1.ª n.º 4.

(2) Leite de Vasconcellos, *Poesia amorosa do povo português,* pg. 105.

(3) Leite de Vasconcellos, *Tradições populares...* pg. 216.

mão dentro delle, como na referencia de Gil Vicente no *Auto das Fadas* (fala a fada Genebra Pereira):

> Ando pelos adros nua,
> sem companhia nenhũa.
>
> Senão um sino sanão
> mettido num coração.
>
> . . . . . .
>
> Pois he para fazer bem. (1)

Vem o coração com a cruz, o signo-saimão e uma flôr, outras vezes com a corôa real, em «registos de santos», loiças, etc. Recorda o coração «vendeano», com uma corôa ou cruzinha, a sobrepujá-lo, que se usa na Vendeia, na Provença e no Poitu. Ha similar em joias de latão nos montes de Tatry, nos Carpathos da Gallicia Polaca (2).

Diz o povo que «longe da vista, perto do coração», o que tem sido aproveitado em medalhas, que as mulheres trazem ao peito.

> A candeia, por estar baixa,
> não deixa de alumiar;
> assim o amor, por estar longe,
> não deixa de me alembrar.
>
> (Chaves)

2) Mãos dadas

A par do coração, e substituindo-o no adorno do papel de cartas, está o symbolo das «mãos

(1) Gil Vicente, *Obras*, vol. III, pg. 91-92.
(2) Dalinowicz, *L'art rustique français, — l'art provençal*, cap. V.

dadas», a traço dourado, em regra, e de côres vistosas, as côres populares da cantiga:

O encarnado não brilha
sem ter o azul ao pé.

(Santa Victoria do Ameixial)

Já em documentos artisticos da civilização romana se encontra o adorno affectuoso das mãos dadas num aperto amigo [1]. E, serviu de symbolo fraternal, tornado heraldico, em o brasão nacional da Argentina.

O que exprime o aperto de mão dizem-no estes versos de Anthero do Quental, de uma poesia offerecida a Alexandre Herculano e ha annos publicada na *Illustração Portuguêsa:*

Quando a mão que obedece ao impulso
D'um affecto, procura outra mão
E em silencio eloquente se apertam:
É que em troca outro affecto responde,...
É que as almas lá tem seu quinhão.

Uma quadra popular, ouvida em Coimbra, e depois disso em qualquer outro sitio, que não preciso, exprime egual conceito intimo:

Aperta-me a minha mão,
que é um signal encoberto;
antes que o mundo murmure,
ninguem o sabe ao certo.

---

(1) H. B. Walter, *Catalogue of the Greck and Roman Lamps in the British Museum,* Londres 1914, figs. 149 e 200, n.º 990.

E referindo-se ao acto matrimonial, em que o sacerdote junta as mãos dos noivos, diz outra quadra concordante:

Dei um nó na fita verde,
outro no preto rigor;
inda espero dar outro
na mão d'reita ao meu amor.

(Barroso)

3) Flôres

a) *Rosa.* — É a «rainha das flôres». Significa, pelo prestigio encantado da sua belleza, o maximo symbolismo. As Princesas dos contos, mais resados que narrados, ao canto da lareira, nas noites de serão, noites infindas de inverno rijo, transformam-se em rosas, que o Principe de Maravilha vae colher.

É a *rosa mystica,* symbolo da pureza da Virgem Maria.

Tem a sua expressão na lingoagem das flôres: branca de simplesa e candura, vermelha de arrebatamento e paixão. Foi symbolica flammula de guerra, em Inglaterra, quando, na guerra das duas rosas, o partido de Ricardo de York se blasonava da rosa branca, e o de Henrique de Lancastre erguia a rosa vermelha.

É a rosa dos ventos, onde as petalas são rumos, — é a rosacea magnifica e phantastica das cathedraes gothicas, a servir de crivo á luz solar, — foi a decoração predilecta e real das epocas de arte e requinte, nas sedas da Pompadour, —

que ficaram a esvoaçar nos mantos e nas tunicas diaphanas das Virgens dos *Presepios,* — nas cornucopias de abundancia do seculo XVIII, e se dependuram nos espaldares.

Em Portugal festeja a tradição o «milagre das rosas» da Rainha Santa, esmolas perfumadas que a lenda santa enflorou, e canta a poesia heroica essas enchronizadas rosas de Santa Maria.

E, de toda essa tradição da flôr real, D. Cecilia Branco vem evocar-nos o aroma admiravel em *A Rosa na Vida dos Povos,* de essa rosa, que é o «mais perfeito symbolo do ideal feminino» (1).

Nas romarias e feiras grandes vendem-se rosas de papel ou de panno colorido, cada uma com a sua quadra amorosa num rectangulozinho de papel branco ou colorido, preso ao pé forrado de verde.

A mulher tem de ser Maria como a rosa de prestigio velho ha de ser a de Alexandria, que até as cantigas proclamam:

A rosa, para ser rosa,
deve ser de Alexandria;
a mulher, para ser mulher,
deve-se chamar Maria.

Se é a flôr dos amores, discretos ou imprudentes, é tambem o enfeite ou adorno por excellencia. O retrato de Miguel Angelo, feito por Francisco de Olanda, está entre duas corôas, uma

(1) D. Cecilia Branco, «A Rosa na Vida dos Povos», da *Biblioteca de las tradit. populares españolas,* Madrid 1886, tomo VIII, pg. 97.

de louvor, outra de *rosas (do amor divino)* [1]; a medalha de ouro, dedicada á memoria da Infanta D. Leonor, filha de El-Rei D. Duarte, e casada com o Imperador Frederico III da Allemanha, é chamada *Medalha da Rosa,* por ter no reverso uma rosa espalmada, com a legenda: UT ROSA FLORES SPLENDORE CORUSCO PRÆPULGET — SIC LEONORA VIRTUTUM AMATO CHORO PRÆSTAT [2].

É o tratamento gentil da mais fina agua portuguêsa: Minha flôr, minha rosa... Em Gil Vicente diz o Escudeiro a Ignês do *Auto de Ignês Pereira:* «Deus vos salve, minha rosa» (*Obras,* vol. III, pg. 187), e o Velho á Moça, no *Auto do Velho da Horta* (*Obras,* vol. III, pg. 70):

VELHO — Por eu não ficar sem a vossa (mercê)
Queria de vós hũa rosa.
MOÇA — Hũa rosa? para que?
VELHO — Porque são
Colhidas da vossa mão,
Leixar-m'heis algũa vida,
Não isenta de paixão.

No *Auto das Fadas,* diz a bruxa Genebra Pereira aos Principes e Infantes, no Paço do Rei, aonde fôra para falar a S. M.: «—oh que rosas perfumadas!» (*Obras,* vol. III, pg. 90).

---

(1) Joaquim de Vasconcellos, *Francisco de Olanda, Da Pintura Antigua,* pg. 350, figs. entre pg. 32-33.

(2) Arthur Lamas, *Medalhas Portuguêsas,* vol. I, Parte I, pg. 2 n.º 1, fig. n.º 1 (Anv. e Rev).

Bernardim Ribeiro pôs na fala de Jano, da *Egloga de Jano e Franco* (1):

Despojo da mais fermosa
Cousa, que viram meus olhos.
Pera elles sois uma rosa,
E pera o coração abrolhos.

Na canção da *Andorinha Gloriosa,* da Figueira da Foz (2), diz o povo:

Andorinha gloriosa
tam perfeita como a rosa.

E, em outras quadras de algures, se mostra o encanto da rosa:

Nossa Senhora da Povoa,
ó Santa tão milagrosa,
vem gente de toda a parte
para vêr tão linda rosa.

(Amarante)

No altar de S. João
só ficaram nove rosas,
três brancas, três amarellas
três encarnadas, formosas.

(Figueira da Foz)

Em um «registo de santo», gravado por uma artista do Porto, que assigna muitos registos, de nome Camilla, lê-se a quadra allegorica, seguinte, a acompanhar uma rosa, de onde sae o busto da Virgem:

Esta Rosa, que tão bella se ostenta,
O symbolo é da Virgem, que se adora;
Candura virginal nos apresenta,
Da que os Céos abre, e nossa dita implora.

---

(1) Bernardim Ribeiro, *Obras*, ed. de 1852, *Egloga* II, pg. 280 e ss.

(2) Fernandes Thomás, *op. cit.*, pg. 84. Cfr. «Oração do Peregrino», da *Revista Lusitana,* vol. VI, pg. 284.

Outras quadras symbolizam, na rosa *(Rosa Mystica)* a Virgem:

Nossa Senhora é rosa,
seu menino é craveiro;
lindo cravo linda rosa,
lindo amor verdadeiro.

(Atalaya)

Que rosa é aquella
que vae no andor?
é Nossa Senhora,
mãe do Redemptor.

(Atalaya)

É honra e belleza, para as mulheres, terem o nome de Rosa.

Minha mãe chama-se Rosa,
sou filha de uma roseira;
não me posso apartar
da rosa que tão bem cheira.

(Villa Real)

Quem te pôs o nome, Rosa,
havia de adivinhar;
rosa no céo e na terra,
rosa em todo o lugar.

(Villa Real)

Para concluir, ahi vae um album de quadras da rosa, como thema poetico, de varia origem e graça.

O meu amor é tão lindo
como a rosa no botão;
parece uma estrellinha
na manhã de S. João.

(Santa Victoria do Ameixial)

Vós chamaes-me moreninha,
isto é do pó da eira;
vós me vereis no domingo
como a rosa na roseira.

(Chaves, Montanha)

Que lindo botão de rosa
aquella roseira tem!
debaixo ninguem lhe chega,
lá cima não chega ninguem.

(Amarante)

No meu coração floresce
quasi sempre o desengano;
e ha roseiras na terra,
que dão rosas todo o anno!

Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar, que estás bem;
não queiras exp'rimentar
o genio que os homens tem.

Lancei no meu quintal
o brio dos estudantes;
nasceu-me uma rosa branca,
cercada de diamantes.

(Atalaya, etc.)

Rosa branca, toma côr,
não sejas tão desmaiada,
que dizem as outras rosas:
rosa branca não é nada.

(Villa Real)

A roseira com suas rosas
toda se humilha no chão;
quando a roseira se humilha,
que fará o meu coração?

(Santa Victoria do Ameixial)

«Caminho de rosas» é um caminho facil, como o «mar de rosas» é a bonança.

Daqui para a minha terra
tudo é caminho chão,
tudo são cravos e rosas
postos pela minha mão.

(Atalaya)

O meu amor foi-se embora,
não se despediu de mim,
o mar se lhe forme em rosas
o navio num jardim.

(Atalaya)

*

* *

Amiudadas vezes a rosa apparece em parallelo ou contraste com outras flôres, especialmente com o cravo.

Rosa-Cravo:

Já fui cravo, já fui rosa,
já 'stive num alegrete;
agora 'stou no teu peito,
servindo de ramalhete.

(Santa Victoria do Ameixial)

O cravo tem vinte folhas,
a rosa tem vinte e uma;
anda o cravo em demanda
por a rosa ter mais uma.

(Barroso e Fundão)

Fui á fonte dos suspiros,
tomei pela dos cuidados,
enchi o cantaro de rosas,
e a rodilha de cravos.

(Barroso)

O meu amor é um cravo,
eu bem no soube escolher;
na roseira não ha outro,
só se tornar a nascer.

(Barroso)

O cravo, depois de secco,
deita-se por ahi além;
a rosa, quanto mais secca,
quanto mais prestimo tem.
(Santa Victoria do Ameixial)

O cravo, depois de roxo,
foi-se queixar ao jardim;
a rosa lhe respondeu:
tudo por tempo tem fim.
(Evora)

b) *Cravo.*—É similar da rosa. Se é branco, tem como ella symbolismo de pureza; se é vermelho, exprime paixão e arrogancia. No S. João e nas romarias, ha venda de cravos e amores-perfeitos, de panno, de tela e de papel, com quadras amorosas, impressas em pedaços de papel, collados como bandeirolas no pé da flôr (vid. *rosa*).

S. Bento é advogado contra as «nascidas ruins», cravos e verrugas; por falsa analogia, proveniente da consonancia do nome, offerecem ao Santo *cravos* (flôr).

O caracter principal está em ser flôr de namorados.

Trazeis cravo ao peito,
é signal de casamento;
tirae o cravo do peito,
que o casar inda tem tempo.
(Alcanena)

O cravo branco é firme,
até no cheirar é doce;
não ha amor como o primeiro,
inda que elle vasio fosse.
(Obidos)

Eu tenho á minha janella
um cravo roxo pintado,
regado com aguas finas,
que meus olhos tem chorado.
(Caldas da Rainha)

Vem cá tu, meu cravo branco,
tão branquinho como a neve;
de Deus será castigado
quem não pagar o que deve.
(Estremoz)

Tenho dentro do meu peito
um cravo branco doirado,
salpicado de aguas tristes,
que eu por ti tenho chorado.
(Caldas da Rainha)

Os cravos do meu craveiro
deitam bandeiras de luto;
ausentou-se o meu amor,
tenho pena, choro muito.

c) *Amor-perfeito.* — O nome da flôr dá-lhe prestigio symbolico. Offerecer uma destas flôres é um galanteio. Dá-se, recebe-se, seca-se e guarda-se em livros, envia-se em cartas de amor. Tem grande aceitação. Como a rosa e o cravo, fazem-se de papel ou de panno, com quadras amorosas, nas romarias, feiras e festas, em que se armam barracas de lona e quitandas para sua venda. A côr da flôr symboliza estados: o escuro é «viuvinho», o branco é «noivo».

Fui ao jardim do teu peito,
para colher uma flôr;
não achei amor-perfeito,
mas achei perfeito amor.

Á beira do meu telhado,
nasceu-me um amor-perfeito,
mas não tem tão linda cór
como se fosse em teu peito.

(Barroso)

Já não tenho coração,
já mo tiraram do peito;
onde eu tinha o coração,
nasceu-me nm amor-perfeito.

(Obidos)

Tenho á minha janella
o que tu não tens á tua;
um vaso de amor's-perfeitos,
que *dá cheiro* a toda a rua.

d) *Mal-me-quer* — É flôr de oraculo dos namorados, que os colhem e vão tirando as pétalas, ao tempo que as interrogam: «bem me quere? mal me quere?» A ultima pétala dá a resposta á consulta, lançada pelos amorosos, um ao outro.

Refere-se a este uso Gil Vicente nos *Almocreves (Obras,* vol. III, pg. 222):

FIDALGO 2.º — Guardae vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar,
Bem me queres mal me queres:

De França, diz Henry Bordeaux no livro *La peur de vivre:* «marguerittes blanches, qui portent le secret des présages amoureux» [1].

e) *Outras flôres.* — Além das flôres de menção especial, ha outras de symbolismo procedente da significação do nome, applicada ao sentimento humano, e ainda as que só por encontro, lyrismo ou côr apparecem nas quadras populares.

A *açucena* é branca; foi sempre por isso um emblema de pureza, que o Christianismo consagrou. A açucena é a Virgindade de Maria e a pureza symbolica de S. José no milagre da vara florida.

A açucena c'o pé n'agua
dura quarenta dias;
eu, sem te vêr, uma hora,
tu por mim não o fazias.
(Santa Victoria do Ameixial)

A açucena c'o pé n'agua
cahida no areal,
dá-lhe o vento, não se torce;
assim faz quem é leal.
(Santa Victoria do Ameixial)

A açucena c'o pé n'agua
vae abrindo, vae cheirando;
assim é o meu amor,
quando por mim vae passando.
(Atalaya)

A açucena no barroco
dá-lhe o vento, cambaleia,
é c'mo quem tem amor na terra,
pela porta lhe passeia.
(Atalaya)

A *perpétua,* que se conserva vivazmente, é considerada a flôr da lealdade persistente, do amor eterno.

A perpétua, se cheirasse,
era a rainha das flôres;
mas a perpétua não cheira,
por isso não tem amores.

---

[1] H. Bordeaux, *La peur de vivre,* 125.ª ed., pg. 43.

O *suspiro* é signal de paixão ou magua. A flôr, que tem o mesmo nome, symboliza esse estado de alma.

Não ha flôr como o suspiro
para a minha estimação;
todas as flôres se vendem;
só os suspiros se dão.

Os *myosotis,* ou *não-me-esqueças,* tambem são flôres dos namorados; não os encontrei ainda nas cantigas. São o *nomeolvides,* o *ne m'oubliez pas,* o *vergissmeiznicht,* o *forgetmenot*...

4) Folhas

a) *Trevo de «quatro folhas».* — A folha quadrilobada do trevo é amuleto de felicidade. Encontrá-la é bom presagio. Trazem-na ao peito as mulheres, em pendeloques cordiformes de vidro com aros de ouro e prata; põem-na tambem ás creanças.

Em cartas de amor prendem os namorados uma folhinha de trevo natural e por elles colhida, outras vezes gravada a côr e dourada no papel. A arte rustica dá bellos exemplares de *ganchos* de meia, de madeira, com a forma de folha de trevo (Extremoz, Sousel, etc.), e de decorações em *córnas* e obras de madeira ou cortiça.

Quem achar o trevo de quatro folhas na manhã de S. João, casa esse anno [1].

---

[1] Felix Alves Pereira, *Lusa,* vol. I, pg. 65 § 41.

Em Valdevez e Figueira da Foz cantam-se ao trevo estas quadras:

Todas as hervas são bentas
na manhã de S. João;
menos o trevo de quatro folhas
colhido com má tenção.

(Arcos de Valdevez) [1]

Todas as hervas são bentas
na manhã de S. João;
só o trevo, coitadinho,
fica de rastos no chão.

(Figueira da Foz) [2]

b) *Folha de hera.* — E, segundo Gubernatis, symbolo de geração, pela sua duração sem fim [3]. Os namorados colhem-na, escrevem nella datas e nomes, que se conservam na longa duração; adornam-as com fitas; é symbolo de constancia e persistencia no amor. E colhe-a quem por ella passe:

Quem pela hera passou,
e uma folha não colheu,
do seu amor se não lembrou.

Nas festas e romarias vendem-se folhas naturaes com datas gravadas a ouro, ao lado das rosas, cravos e amores-perfeitos artificiaes.

c) *Mangerico.* — No S. João dá-se de presente, entre namorados, um vaso de *mangerico* ou *mangericão.* Tem procura especialmente em Lisboa, na Praça da Figueira, tanto nesse dia como

---

[1] Felix Alves Pereira, *Lusa*, vol. I, pg. 59 § 24.

[2] Fernandes Thomaz, *op. cit.* pg. 102.

[3] Gubernatis, *La Mythologie des Plantes*, Paris, 1882, vol. II, pg. 196.

nos de Santo Antonio e S. Pedro, em que ha bailes populares dentro della.

Tenho na minha janella
mangerico aos molhinhos;
vae-te-me d'aqui embora,
perdição dos meus olhinhos.

(Barroso)

Mangericão da janella,
já meu peito foi teu vaso;
já morreu quem te regava,
tu de mim não fazes caso.

(Coimbra)

5) Chave

É outro symbolo amoroso. *Fecha* os corações; por isso se associa com elles, e apparece amiude onde se vêem, como nas *rocas, espadellas, jugos, cambos* de tear, *córnas, bordados,* etc. (1). É figura poetica das cantigas. O coração fecha-se com a chave, guarda os amores á chave, a «sete chaves» (2), e só o dono delle o abre no peito da namorada.

No *Amphitryão* de Antonio José da Silva, o *Judeu* (3), diz Saramago, creado de Amphitryão, a Isis (nympha):—«não sabes, que o amor he a *chave mestra* de todos os peitos?» E dizem as cantigas:

Aqui tem meu coração,
e a chave para o abrir;
não tenho mais que lhe dar,
nem você que me pedir.

Eu fui ao teu coração;
bem podéra lá ir!
a chave correu, deu volta,
não pude de lá sair.

(Povoa de Lanhoso) (4)

---

(1) *Lusa*, vol. I, pg. 106 n.º 4 (artigo de Claudio Basto), exemplo de bordados de Vianna do Castello com a chave e dois corações.

(2) Repare-se na citação do numero. O n.º 7 é um dos numeros de superstição popular.

(3) Antonio J. da Silva, *Amphitryão*, ed. de 1916, pg. 173.

(4) Albino Bastos, «*Folk-lore lanhozense*», Esposende, ed. de 1903, pg. 87.

O meu coração fechou-se,
fechou-se, já se não abre;
o meu amor ausentou-se,
ausentou-se e traz a chave.
(Atalaya)

Aqui me tens ao teu lado
á tua disposição,
meu coração está fechado,
e a chave na tua mão.
(Santa Victoria do Ameixial)

Só tu, meu amor, só tu,
tivestes a liberdade
de entrares neste meu peito
sem fechadura nem chave.
(Barroso)

Tenho dentro do meu peito
um oratorio de vidro,
com chaves de diamante
para me fechar contigo.

Eu da penna do pavão
fiz uma chave á inglêsa,
p'ra abrir o meu coração
com toda a delicadeza.
(Santa Victoria do Ameixial)

Ó meu mestre ferreirinho,
faça-me uma fechadura,
para fechar a minh'alma,
que a trago mal segura.
(Atalaya)

O teu coração é commoda,
tem dezoito gavetinhas,
fecha-se com duas falas,
abre-se com penas minhas.
(Villa Real)

Fui ao jardim do teu peito,
achei o jardim fechado;
o jardim tambem se fecha
para quem é desgraçado.

A *Revista de Guimarães* descreve um oraculo de casamento com a chave (vol. xv, pg. 19). Em Setubal, para se saber se alguem casa ou não, vendam-se-lhe os olhos; põe-se numa mesa uma chave, um livro e um rosario. Essa pessoa vendada colloca a mão sobre uma de estas coisas. Se é na chave, casa; se no livro, fica solteira; se no rosario, vae para um convento.

6) Penna

É hoje um adorno, mas tem nas cantigas o seu symbolismo de dor e anseio, soffrimento de coração e alancear de alma. Associa-se por falsa

analogia e trocadilho aos males, ás penas e penares da paixão.

Affirma Gaidoz que as pennas no chapeu são um simples ornato hoje, nos países montanhosos, mas vê-se que na origem a penna era trophéo e amuleto. O caçador do Tyrol tem confiança na sua coragem, adquire audacia contra o inimigo, quando traz no chapeu umas pennas de aguia, apanhadas da cauda do animal, de maior valor ainda se foi elle o autor da façanha nas serras difficeis da sua patria (1). Os Polynesios tem as pennas como adorno e objecto de fé, por serem sagradas as aves a que pertencem (2). Os selvagens usam coroas de pennas, que dão prestigio aos curandeiros e guerreiros.

A penna de pavão é muito usada pela nossa gente do campo. O pavão surge frequentemente na arte christã das catacumbas (3). Pelo seu decorativo, creou a sua fama de luxo. O aldeão, sobre tudo as mulheres da planicie e principalmente da

---

(1) H. Gaidoz, *Mélusine,* vol. III, pg. 243. Em *L'Aiglon,* de Edmond Rostand, o Duque de Reichstad fala na «*plume de coq à son feutre verdâtre*» dos pastores do Tyrol (ed. 1918, pg. 115, Acto III, scena II). Os Provençaes trazem no chapeu uma penna de ibis da Camargue: Theophile Daudet, *Lettres de mon moulin,* ed. Nelson, Paris, pg. 71.

(2) Ratzel, *Les races humaines,* vol. I, pg. 458, 2.ª c. João de Almeida, *Sul de Angola,* 1912, pg. 380; Le Comte dc Beauvoir, *Voyage autour du monde,* Paris, pg. 271, 2.ª c., 272, 2.ª c.; Mayne Reid, *La Piste de Guerre* 1902, pg. 299.

(3) Wilpert, *Die Malereien der Katakomben,* ed. de 1903, pgs. 12, 30 e 31.

beira-mar, usam no chapeu uma penna de pavão, apertada na fita, e é a unica penna usada entre nós.

A penna de adorno, a penna das aves, a de escrever cartas de amor, e a pena dos penares de paixão, misturam-se em trocadilho constante, nas cantigas populares. Se para adorno [1] só a do pavão apparece, tambem ella vem nas cantigas como objecto de delicadeza, mas então de par com outras, como a do pombo, symbolo de amor e candura, expressão de namorados, «pombinhos», a quererem-se; e o pombo-correio é tambem portador de cartas amorosas, anda pintado no papel de ellas, a voar com uma carta no bico ou dependurada ao pescoço.

Eu da penna do pavão
fiz uma chave á inglesa,
p'ra abrir o meu coração
com toda a delicadeza.

(Santa Victoria do Ameixial)

As pennas de uma pombinha
contadas são vinte e cinco;
mas as penas que padeço,
conta-as bem, eu as sinto.

Quando o rouxinol padece,
e é uma ave tão pequena;
que fará o meu coração
mettido em tanta pena.

A penna com que te escrevo
não na tirei ao pavão;
a tinta sae-me dos olhos,
a penna do coração.

(Villa Real)

Ó minha pombinha branca,
empresta-me o teu vestido;
o teu vestido é de pennas,
eu tambem de penas vivo.

Se os passarinhos vendessem
as pennas que Deus lhes deu,
eu tambem vendia as minhas,
que ninguem tem mais do que eu.

(Villa Real)

---

[1] Em *O Mysterio da Estrada de Cintra*, de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, diz-se: «Foste como uma camelia, ou como a penna d'um pavão. Foste um adorno». (5.ª ed., 1913, pg. 129).

Ó penas, não vinde juntas
todas ao meu coração,
vinde mais separadinhas,
dae lugar ás que cá estão.

Altos pinheiros tem pinhas,
quem tem pinhas tem pinhões,
quem tem amores tem penas,
quem tem penas tem paixões.

(Santa Victoria do Ameixial)

Com penas peguei na penna,
com pena no coração;
em me vêr de ti ausente,
me causa escravidão.

(Barroso)

Com a penna escrevo penas
com penas solettro dores,
com que pennas não escrevo
uma carta aos meus amores.

Theophilo Braga, *Cancioneiro Popular*, pg. 178.

Tenho pena sobre pena,
mas não é de escrever,
a maior pena que tenho
é se t'não tornar a vêr.

(Villa Real)

Tenho uma pena no peito,
que me chega até aos pés;
não se me dá de morrer,
sabendo por quem é.

(Villa Real)

O amor, quando se encontra,
causa penas, dá desgosto;
sobressalta o coração,
sobem as côres ao rosto.

Com os passaros do campo
eu me quero acomparar,
andam vestidos de pennas,
o seu allivio é cantar.

7) Animaes

a) *Pombo.* — É o unico animal do symbolismo amoroso. Exprime ternura na sua mansidão e na persistencia do pombal. Branco é pureza, amor puro. É portador de cartas, generalizado em pombo correio, e apparece nas cartas de amor (vid. *penna-beijo*).

Os pombinhos, quando nascem,
logo vem dando beijinhos;
assim são os namorados,
quando se apanham sòzinhos.

Vae, pombinha venturosa,
àquellas mãos de marfim;
conta-lhe as minhas máguas,
dá-lhe um abraço por mim.

8) Cabello

Nas cartas e em presentes mandam os namorados madeixas de cabello, que elles guardam com muito cuidado, e trazem em medalhas ao peito, ou põem no seu oratorio como promessa amorosa. O apreço vem-lhe do adorno, que tanto cuidado merece no toucado feminino, e tanto nelle a mulher se enfeita.

Se passares pelo adro
no dia de meu enterro,
pede á terra que não coma
as tranças do meu cabello.

Cuidavas, por me deixares,
que eu cortava o meu cabello;
mas cada vez mais penteada
me hei de vestir de vermelho.

(Extremoz)

Tendes um lindo cabello
pelas costas ao comprido;
parecem-me fios de ouro
ao martello rebatido.

Já cortei o meu cabello,
já lá vae a minha gala;
a culpa tive-a eu,
dar ouvidos a quem fala.

O teu cabello, menina,
Mette-me infinita graça;
parecem meadas d'ouro,
onde o sol se embaraça.

(Alentejo)

Já passei o mar a nado,
por cima do teu cabello;
posso agora já dizer
que passei o mar sem medo.

9) Annel

Não é apenas um symbolo, é tambem um gesto, marca de passagem do simples symbolo á expressão animada do sentimento. Offerecer o annel é mettê-lo no dedo; constitue prova de amor, prende sentimento; é um sello de lealdade. A Igreja une os conjuges pelo gesto do sacerdote, que lhes enfia nos dedos os anneis trocados. Tirar o annel do dedo é despreso e

quebra de amor. Partir-se ou perdê-lo é presagio de desgraça.

Em si o annel pouco é, a expressão gesticular é que vale o sentimento em que se inspira.

O costume do annel matrimonial é muito antigo. Existia em Roma antes do século II A. C. Quando os cavalleiros romanos usavam o annel de ouro, Plinio diz que o annel de ferro continuava a ser o de noivado, e sem pedras preciosas ([1]). Só depois da democratização do annel é que elle passou tambem a ser de ouro no noivado, apenas podendo usá-lo as mulheres a quem os maridos o dessem como signal de nupcias. Na epoca do christianismo, o annel era symbolo da promessa de união, e era-o de nupcias e de casamento. Os Wisigodos consagraram a inviolabilidade do casamento feito perante testemunhas com a collocação e aceitação do annel ([2]). No seculo XIII foi signal de affeição mútua dos futuros esposos, ou continuado symbolo da união dos dois corações ([3]), e era de ouro com pedras; mais tarde, consoante as dioceses, foi de ouro ou prata.

A significação do annel traduz-se nos cantares

([1]) Plinio, *Naturalis Historia,* XXXIII. *Jus annulorum* das *Digesta.*

([2]) *Lex Wisigothorum* «annulus pronubus»; id. entre os Lombardos, *Leges Liutprandi.*

([3]) Isidoro de Sevilha, *Etymologia,* XIX, (seculo VI) a Guill. Duranti, (1296), etc. Jean Kirchmann, *De annulis,* ed. de Leyde, 1672, M. Deloche, *Le porte des anneaux dans l'antiquité romaine et dans les premiers siècles du moyen âge* (1896).

do povo, que lhe chama tambem «alliança». No romance de Camillo Castello Branco, *Anathema,* o signal aziago da desgraça, que é a tragedia do entrecho, vem da perda de um annel numa fuga por noite de tempestade.

O annel, que tu me déste,
quarta feira do Senhor,
é-me largo no meu dedo,
mas apertado no amor.

O annel, que tu me déste,
trago-o no dedo mendinho:
cada vez que tu me lembras,
ao annel dou um beijinho.

(Villa Real)

O annel, que tu me déste,
era de vidro, quebrou-se;
o amor, que tu me tinhas,
era pouco, acabou-se.

O annel de oiro não é prenda,
nem na prata é alembrança;
o annel de contas miudinhas
mette toda a confiança.

(Villa Real)

O annel das sete pedras
ninguem o tem senão eu;
antes que meu pae me mate,
hei-de amar a quem m'o deu.

Meu annel de sete pedras,
salta fóra do meu dedo;
só tu foste o causador
de eu tomar amor's tão cedo.

Fostes ao Senhor da Serra,
nem um annel me trouxestes,
nem os Moiros da Moirama
faziam o que tu fizestes.

(Geral)

Toda a vida desejei
o nome de Manueis
trago-os retratados
nos meus dedos e anneis.

(Villa Real)

10) Lenço

O que seja, em materia de amor, define-o Camillo no livro já por vezes citado — *O Sangue:* — «o lenço branco, n'aquelle tempo (1840 e tal), era ainda o babeiro do tenro amor, a bandeira do coração em batalha de ternos dardos». (3.ª ed. 1907, pg. 72). Faz signaes, dá senhas no

diccionario secreto dos namorados. No *Amphitryão* do «Judeu», diz Cornucopia a Mercurio: — «não faltou quem na tua ausencia me acenasse não só com lenços, mas tambem com moedas», (ed. *Renascença,* I Parte, Scena II, pg. 67). É o que o povo diz:

Eu ainda não comprei,
mas hei de comprar,
um lenço todo branco
para eu te açanar

(Villa Real)

Apparece com desenhos allegoricos, que representam o coração ou dois corações unidos; tem nomes, a palavra *Amor,* frases de galanteio, etc. que se adivinham nas cantigas:

No centro deste lencinho
o teu nome está gravado;
dentro do meu coração
o teu rosto retratado.

(Obidos)

O lencinho, que bordaste,
tem dois corações no meio;
olha, amor, se t'alembras
donde este lenço me veio.

Cardoso Marta e Augusto Pinto, *Folclore da Figueira da Foz,* vol. I, pg. 63.

Abre este lenço e verás
quatro ramos floridos,
no meio encontrarás
nossos corações unidos.

Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares Portuguêsas,* Porto, 1882, pg. 216.

Meu lenço de cercadura,
todo aos ramos, aos ramos;
a maior pena que eu tenho
é não o rompermos ambos.

Nem tanto estar á janella,
nem tanto olhar para o chão;
nem tanto tirar o lenço
da algibeira para a mão.

Tenho um lenço de beijinhos,
meu amor, para te eu dar;
com quatro nós de ciumes,
sem os poder desatar.

(Barroso)

Neste lenço deposito
tristes lagrimas que eu chóro,
por eu não poder voar
aos braços de quem adoro.

Ó meu amor, a quem déste
o teu lenço de pintinhas?
Com quem foste repartir
o amor, que tu me tinhas?

Fui-me ao jardim passear,
e achei um lenço dobrado,
cheio de lagrimas tristes,
que por ti tenho chorado.

Já te podia ter dado
um lenço de panno rê (rei),
porém tenho consid'rado,
quem te namore q'to dê.

(Extremoz-Sousel)

11) Beijo

No capitulo do coração, citou-se uma passagem de Camillo, que descrevia uma carta de amor com o coração ferido, pintado no papel, em ninho de folhagem; a descripção continúa; sobre a folhagem «duas calhandras ou passarinhos, parecidos, asseteavam tambem do amor, davam mostras de se estarem beijando com os amorosos bicos» ([1]). Em geral são dois pombinhos, que se pintam a beijar-se; por isso a quadra popular [vid. 7)] diz:

Os pombinhos, quando nascem,
logo vem dando beijinhos;
assim, são os namorados,
quando se apanham sòzinhos.

Signal de affecto, o beijo é thema de amores e apparece nas cantigas do povo. Nas *esfolhadas,* quem tiver um *milho-rei,* a espiga vermelha, tem o direito de beijar todas as moças presentes ou apenas aquella da sua preferencia, ou abraça-las.

([1]) Camillo Castello Branco, *O Sangue,* pg. 64.

Distinga cada um onde finda o beijo casto e começa o sensual, se sensualismo o não affecte sempre.

O mar tambem é casado,
o mar tambem tem mulher;
é casado com a areia,
dá-lhe beijos, quando quer.

Não me atires com pedrinhas,
que estou a lavar a louça;
atira-me com beijinhos,
com que minha mãe não ouça.
(Barroso)

Dá-me um beijo, dou-te dois,
dou-te assim paga dobrada;
é estylo de quem namora
não ficar a dever nada.

Quem me dera, dera, dera,
'star-te sempre a dar a dar,
beijinhos até morrer,
abraços até matar.

Quem me dera ser ditoso
como o linho que fiaes;
quem me dera esses beijinhos,
que vós nesse linho daes.
(Norte)

Quando te eu vi, logo disse:
— lindos olhos para amar,
que linda bocca p'ra beijos!
oh quem t'os podera dar!
(Barroso)

12) Suspiros

É signal de penas e lamentos. Tem por symbolo a flôr do mesmo nome. [Vid. 3) e)]. Em penas de amor, na paixão, no abandono, são irmãos na mesma dor os suspiros e os ais, que se juntam nas cantigas.

Ó meu amor, quem te disse
que eu a dormir suspirava?
quem to disse, não mentiu,
que eu alguns suspiros dava.

Ó ingrato, tu já dormes?
já dormes e não suspiras!
se tu me quisesses bem,
suspiravas, não dormias.
(Santa Victoria do Ameixial)

Meu amor, meu amorzinho,
quem te atirára mil tiros,
c'uma pistola de prata,
carregada de suspiros.
(Extremoz)

Vae-te, carta, feliz carta,
triste de quem te anotou;
com lagrimas te escreveu,
com suspiros te fechou.
(Barroso)

Foram tantos meus suspiros,
ao vêr que me ias deixar,
que até as aguas do rio
inda vão a suspirar.

Quem perdeu o que eu achei,
um lencinho quasi novo;
cada ponta tem seu ramo,
no meio dois «ai que eu morro».

(Villa Real)

Dei um ai que fiz tremer
as quinas á tua sala;
se estás a dormir, acorda,
se estás acordada, fala.

(Alentejo)

Suspiros, ais e dores,
imaginações e cuidados,
são o manjar dos amores,
quando andam arrufados.

13) Abraços

É parallelo do beijo. Dão-se beijos e abraços, em demonstração de affecto — . . . Beijinhos até morrer, — abraços até matar . . . — diz a quadra. [Vid. 11)] Mandam-se nas cartas, dão-se nas cantigas, vão de recado, é premio do *milho-rei* nas *esfolhadas* [vid. 11)].

Vae, pombinha, venturosa,
àquellas mãos de marfim;
conta-lhe as minhas máguas,
dá-lhe um abraço por mim.

[Vid. 7)]

Adeus, que me vou embora,
adeus, que me quero ir;
dá-me cá esses teus braços,
que me quero despedir.

14) Lagrimas

Exprimem dor, desolação, martyrio de amores. Evocam-nas e choram-nas os namorados, nas cantigas.

Ó fonte, que estás chorando,
depressa has-de seccar;
só os meus olhos são fontes,
que não param de chorar.

Inda hoje não comi
senão lagrimas com pão,
que estes são os alimentos,
que os meus amores me dão,

Lagrimas são o meu almoço,
janto suspiros e dores;
á tarde merendo ais,
á noite ausencia de amores:

Os meus olhos são dois peixes,
que nadam numa lagôa;
choram lagrimas de sangue,
por uma certa pessoa.

(Obidos)

Adeus, ó tempo passado,
já por cá não tornarás,
nem com lagrimas fizera
que elle tornasse atrás.

Os meus olhos, de chorar,
já nenhuma graça tem;
tenho-lhes dito mil vezes
que não chorem por ninguem.

Com minhas lagrimas tristes
estes sitios vou regando;
oh! quem é tão infeliz
só sente allivio chorando.

Chorae, olhos; chorae, olhos,
que o chorar não é despreso;
tambem a Virgem chorou,
quando viu o Filho preso.

2.ª PARTE

O CASAMENTO

Antes que cases,
Vê o que fazes.
. . . . . .
Se vier casar commigo,
Aqui tem a minha mão.
(Do povo)

I. Preliminares. — II. A noiva. — III. A casar...

I

PRELIMINARES

As «sortes» vão ter o seu effeito. Ahi está a noiva a preparar o seu bragal. Reunem-se as amigas ao serão a ajudá-la na tarefa, e querendo na ajuda ganhar o direito de noivado. São serões de alegre convivio.

As familias do Minho dos linhaes tem o luxo santo do bragal branco, lá nas arcas de carvalho enegrecido aos annos e ao fumo, ou nos velhos bahús encoirados com os prégos de latão a luzir. E o bragalzinho enxuto completa-se com o linho em corte e as meadas para o tear, a estopa grossa e aspera da vestimenta e das roupas de uso e agasalho.

Mas quantas canseiras, quantas poupanças no mealheiro, para em fim a moça, alegre e escorreita, se ir a casar! Quanto isso custa no pensamento paterno! O trabalho é o barometro por onde marca a pressão do casamento. «Anno de minga» não é anno de casamentos. A economia domestica marca e é por ella que corre, no orçamento das epocas agricolas, a despesa do noivado.

— «Lá para as vindimas, casa a minha Mariquitas», — diz um.

— «E para a «acêfa» o meu Manel», — insinúa outro.

— «Pois os meus só lá para a azeitona», — informa terceiro, na roda de vizinhos.

É que as vindimas, a ceifa, e o «apanho» ou apanhamento da azeitona, são dias grados no campo, quando o trabalho rende. Aos bandos se despovam as aldeias, que lá vão cantando pelas madrugadas, claras e frescas de verão, frias e brumosas no inverno opaco, até as terras da tarefa agrícola. Das serras despenham-se os ranchos, que procuram trabalho; cachopas e rapazes buscam o orçamento para a festa e para o enxoval, enquanto combinam as coisas derradeiras e derriçam as vesperas.

Elles ahi vão os *raïinhos* da Beira, descendo ás searas de Além-Tejo. Correm os *gallegos* do Minho aos lagares do Sul. É uma romaria animada, que fazem os bandos das vindimas do Douro, aonde acode cantando e cantando de lá regressa a gente das quatro provincias confinantes.

Umas quadras populares de Villa Real, outra de Barroso, uma ultima de Celorico, zombam de este regimen de economia.

Vindimas, vindiminhas,
as vindimas boas são;
sahi de casa c'um pataco,
entrei com meio tostão.

(Villa Real)

Fui ao Douro á vindima,
não achei que vindimar;
vindimaram-me as costellas,
foi o que eu lá fui ganhar.

(Villa Real)

Heide-me casar este anno,
que é anno de muito pão;
sobem os gallos ás mêdas,
chegam c'os rabos ao chão.

(Barroso)

Se fordes ceifar ao campo,
não vades ao Lagoeiro,
que dão lá pão com cevada,
pagam com pouco dinheiro.

(Celorico da Beira) (1)

É a propria Senhora dos Remedios de Lamego, que vae ás vindimas.

A Senhora dos Remedios
vae pelo Douro acima,
com o cestinho no braço
fazer a sua vindima.

(Villa Real)

Se uns vão obter os meios de encher o pé de meia e abrir larguêsas a orçamentos melhores, outros procuram lá, e lá perseguem os seus amores.

Eu venho da Terra Quente,
da segada do centeio;
da fama ninguem se livra,
hei-de-te amar a rego cheio.

(Bragança)

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Pela Beira* (sep. de *O Arch. Português*, vol. XXII, pg. 295), pg. 7, n.º 2.

Os oraculos das raparigas «casadoiras» são numerosos, principalmente na phase decisiva dos amores. Nas mondas alentejanas, para saber se o rapaz lhe quer bem, a moça mette á bocca uma espiga de trigo, ou de centeio; se a espiga abre, «floresce», ella é feliz, elle quere-lhe bem; se não abre, é desgraçada. No Alentejo deita-se uma folha de oliveira ao lume, por alguem; se fica encaracolada e estala, é signal de que a pessoa, por quem se deita, quere bem a quem consulta o lume; se arde quieta, quere-lhe mal.

Não contentes com a pregunta do casamento, procuram outras saber quantas vezes casarão. Para isso, por exemplo, descascam uma laranja e lançam-na para trás das costas; quantas vezes a casca se partir outras tantas casarão; se não partir, ficam solteiras. Em outros sitios esta sorte procura quantos annos a moça está solteira.

Moços e cachopas tem como amuleto de casamento abraçar dois bonecos, um dos quaes representa o homem e outro a mulher, que suppõem ser os noivos. E dão ellas aos namorados os milagrosos «pós de bem-querer», não vá o mau olhado roubar-lhos.

Em tudo o sobrenatural se allia aos actos da vida humana. O homem crê nelle por instinto. Era José de Maistre a dizer que as superstições são as obras avançadas da religião, o que, embora

o equivoco de observador, denota a observação do facto.

Por fim, depois de muita proccupação, lá vae o parocho de freguesia casar os noivos, num dia branco, e luminoso. É coisa de muito pensar. E dizendo o povo no anexim que só no dia de trovoada se lembra de Santa Barbara, e que ninguem com saude se apega aos santos, tambem do casamento, após o rifão:

> antes que cases,
> vê o que fazes,

nos canta esta quadra chocarreira, synthese das preoccupações da vida nova:

> Todo o homem, quando embarca,
> deve resar uma vez;
> quando vae á guerra, duas,
> e, quando se casa, três.

*

* *

Põem-se condições, no receio de desillusões e falsidades. Exigem-se do passado garantias para o futuro. E a volupia animal corta as quadras com ironias de lubricidade. Ciumes de posse, ansias de desejos, enrolam, apertam os espiritos excitados, e os namorados, os noivos

exprimem, cantando, a sinceridade do seu sentimento.

Toda a moça, por ser boa,
ninguem lhe deve pôr a mão;
deve ser como a toupeira,
que anda debaixo do chão.
(Villa Real)

Eu amava-te, menina,
se não fôra um senão;
és como a pia d'agua benta,
onde todos mettem a mão.
(Generalizada)

Se quiseres que eu seja tua,
manda ladrilhar o mar;
depois do mar ladrilhado,
serei tua sem faltar.
(Villa Real)

Menina, que ha-de ser minha,
ponha o pé na segurança;
ha-de me andar tão direitinha
como as onças da balança.
(Ribatejo)

Salsa á beira do rio,
á beira do rio salsa;
quere antes a feia firme,
deixa a bonita que é falsa.
(Atalaya)

Nunca vi figueira preta
dar os figos na raiz,
nunca vi rapaz solteiro
ser constante no que diz.
(Douro)

Desfazem-se casamentos. Um desengano, uma embirração, um desejo não cumprido, e ahi se vae toda a architectura de um ceu de sonhos, ás vezes com quantos tormentos e difficuldades erguido, mas sempre com muitas habilidades e muito tempo creado. É uma vida que rue, uma paixão que desmorona para o amargo soffrimento das illusões perdidas. Felizes os que podem ainda refazer das ruinas de um amor a existencia de outro amor! É que o coração se define na quadra de algures, que já não sei onde a ouvi com emoção:

Meu coração é vidro,
é vidro na tua mão;
se te queres vingar delle,
deixa-o cahir ao chão.

Que o homem, no seu satanico scepticismo, encolhe os ombros e ri:

O amor é um regalo
para quem se sabe avir,
prometter muito e não dar nada,
ser liberal no pedir.
(Villa Real)

Eu hei-de te amar por arte,
eu por arte te hei-de amar:
quem por arte toma amores,
por arte os torna a deixar.
(Evora)

A moça queixa-se nas suas esperanças desfeitas; casamento era tudo para ella. Ou promette vinganças de o não deixar para outra.

Cuidaes que não é peccado
enganar uma donzella,
prometter-lhe casamento,
e depois não casar com ella?
(Villa Real)

Ó malhão, triste malhão,
negra vida te hei-de dar;
não hei-de casar contigo,
outra não has-de lograr.
(Espozende)

E nas subitas surpresas desta vida, a mulher surge por vezes a corresponder ao homem no mesmo tom de scepticismo, em que a ironia sangra.

Cuidavas em me deixares
que eu por ti deitava dó:
bem fraco é o navio,
que tem uma amarra só.
(Espozende)

O amor é uma albarda,
que se põe a quem se quer bem;
eu, p'ra não ser albardada,
não quero bem a ninguem.
(Evora)

São as más linguas, as chocalheiras senhoras vizinhas, tecendo a calumnia entre os noivos, que, se nem sempre surte effeito, magôa e vexa.

Quem falla de mim quem falla,
quem falla de mim, quem é?
não é capaz de ser sola,
para sapato do meu pé.
(Coimbra)

Difamaram-me contigo,
eu não sei a tua cama,
peço a Deus perdão,
p'ra quem contigo me difama.
(Evora)

Menina, que anda na horta,
tire a saia da hortelã;
se não quer que o mundo falle,
não lhe dê occasião.

(Chaves)

Senta-te aqui, Antonio,
na mesa do meu tear;
enche-me aqui as canellas,
e o mundo deixa-o fallar.

(Villa Real)

Vem conselhos, palavras amigas, reprimendas, para que a moça a ninguem dê razões de má lingua, nem vá cahir em erros.

Olha amor o que te eu digo,
repara e considera:
depois do mal estar feito,
nada vale o «se eu soubera».

(Evora)

Ó raparigas, cachopas,
reparae por onde andaès,
a honra é como o vidro,
se quebra não solda mais.

(Lisboa)

Mas sempre acorda ao pensamento o engano soffrido. Desfeitas, ciumes:...

Não ha coisa que mais custe,
e mais chegue ao coração,
que ter o amor vencido,
e vê-lo em segunda mão.

(Amarante)

Coitadinho de quem nasce
para o mundo sem ventura,
é como o prato quebrado,
que se deita para a rua.

(Villa Real)

Prevenidas, desconfiadas, não deixam que o moço lhes «faça o ninho atrás da orelha», — ou as «côma por parvas», — ou «lhe faça as papas na moleirinha».

Bem no sei a quem disseste
que me havias de enganar;
se Deus quiser e as almas santas
disso não te has-de gabar.

(Villa Real)

Eu hei-de te amar, sim,
que to tenho promettido;
casar contigo, isso nunca,
olha, amor, logo to digo,

(Evora)

Estas raparigas do Porto
são finas como o arame;
não ha homem que as conheça,
nem rapaz que as engane.
(Amarante)

Eu amei uma menina
com tenção de a deixar;
ella deixou-me primeiro,
parece que devia advinhar.
(Douro)

Como diz o rifão: — «á primeira quem quer cae», — ellas, já «sabidas», vão cantando:

Quatro com cinco são nove,
agora já sei contar;
quem me enganou uma vez,
não me torna a enganar.
(Lisboa)

Não me ponha o pé na saia,
de longe diga o que quer:
você não perde porque é homem,
perco eu que sou mulher.
(Evora)

Agoureiras aves de rapina, em cascalhadas diabolicas, ferem corações, retalham culpas, e riem do mal.

Passeae, andae ao largo,
deitae cartas p'lo seguro;
andae por onde quiserdes,
que o dinheiro paga tudo.
(Villa Real)

Fui ao Porto, fui a Braga,
dei a volta ao Limoeiro,
não achei amor mais firme
do que a bolsa do dinheiro.
(Amarante)

Não é só a fraquesa della que mata, é tambem a deslealdade delle, que consome; e então vem lições, conselhos, reprimendas:

Menina, não seja varia,
reprehenda o pensamento,
olhe que o amor dos homens
é leal por pouco tempo.
(Ribatejo)

Tu cuidas que eu não cuido,
imaginas o que eu não sei;
tenho o rol da tua vida,
e mais não me enganarei.
(Villa Real)

Algum dia, para te vêr,
dava passadas ao vento;
agora nem tu me alembras,
nem me vens ao pensamento.
(Extremoz)

Atirei do mar á serra,
deu a pedra num barrôco,
olhe que o amor dos homens
é muito, mas dura pouco.
(Espozende)

E ha gloria de amores enganados, cantam elles, cantam ellas os seus enganos.

Tenho quatro colletes,
todos quatro mal talhados;
eu tenho quatro amores,
mas três vivem enganados.

(Douro)

Já tomei amores novos,
já co'elles vou fallando;
quando passo pelos velhos,
dá-me o riso e vou andando.

(Villa Real)

Meu amor, ama se podes
a quem trazes no sentido;
não se te dê de ficares
em falta para commigo.

(Sintra)

Eu amei-te, foi um sonho,
foi uma variedade,
emquanto eu não achei
amores á minha vontade.

(Evora)

Sempre voltarão a refazer os sonhos, que «tristezas não pagam dividas», — e «nem por muito madrugar amanhece mais cedo». — Ellas cantam, levando para rir o «ferro», que lhes ficou:

Eu hei-de casar este anno,
ou para o anno que vem;
estão os homens baratos,
quatro centos ao vintem.

(Lisboa)

II

A NOIVA

Ama quem te ama,
responde a quem te chama,
andarás carreira chã.

(Do povo)

A noiva é uma esphinge. Alli, onde a vêem, carrega sobre os ombros, oscillantes e nervosos, um mundo de superstições. Tudo tem nella o seu protocollo. Se falta, se ha um erro ou um esquecimento, está tudo perdido, é uma cabeça louca e receosa, que se desmoraliza na previsão presagienta do mal. Ha regras fixas a guiar os costumes. E tudo pode succeder, quando sejam desrespeitadas.

Lá vae ella com a «flôr de laranjeira», symbolo christianizado da virgindade branca, em ramo na mão, ou em «capella» na cabeça, e adereçada ao peito.

Laranjeira, que bate na serra,
dá-lhe o vento, abana a flôr;
deita-me lá um raminho
para dar ao meu amor.

(Atalaya)

A flôr da laranjeira
é a primeira do anno;
tambem tu, minha menina,
és a primeira que eu amo.

(Atalaya)

Dias e mèses ha que não offerecem ventura aos noivos. Casar nelles é um perigo. Novembro, o mês dos defuntos, traz morte. O mês do En-

trudo é chocarreiro e trocista, — casar é brincadeira, resulta de elle pobreza e desunião. O dia 13 desafia todas as desgraças. O dia 11 dá mau signal de fidelidade. A Terça e a Sexta-feira são aziagas: «—á Sexta-feira não cases a filha, nem lances a terra». O melhor dia para casar é o Sabbado, que tem as honras de ser o «dia de Nossa Senhora», motivo talvez de se dizer que «—não ha Sabbado sem sol». Mal vae ao lar, se os noivos encontram no trajecto de casa á igreja um enterro, ou está a igreja já armada de luto; terão de esperar morte breve.

E os atavios da noiva? Merecem um codigo, e tem-no em verdade. Pena é que seja apenas de tradição oral, esse admiravel compendio da raça! Falta o compilador do Codigo Matrimonial do povo português.

Que coisas e coisas que «as noivas não devem de fazer» e todos os presagiarios contêm! Não podem os noivos trocar prendas que piquem, como tesouras, alfinetes, agulhas, etc. porque ellas «picam o amor». Dar um lenço é apartamento, pois serve para dizer adeus. É mau tambem dar santos, rosarios, bentinhos, porque os santos se podem zangar de serem dados, e fazem apartamento. Dando, em troca de santos ou de objectos que piquem, uma simples moeda de cinco-reis, está tudo arranjado é esconjurou-se o mal, é simulacro ce venda. Esquecer-se a noiva do annel, que o noivo lhe tenha dado, é indi-

cio de esquecimento entre os noivos. Se os dois lavam as mãos na mesma agua, ha rixa. Se bebem no mesmo copo, descobrem os mutuos segredos. Se a noiva, ao deitar, aperta as meias com ligas, equivale isto a apertar o coração.

Livrem-se os noivos de ir passear a um cemiterio. Funebres dias os esperam.

A noiva não deve de por forma alguma tratar do seu vestido de casamento, nem tampouco ella fará a cama de noivado. E é ter muito cuidado com a costureira, que lhe faça então o vestido. Como pode affirmar que ella lhe queira bem? Ao provar o vestido, se lhe fica uma linha que seja na cabeça, já não casa. Por isso ella se acautellará. E se outra moça veste por brincadeira o vestido da noiva, perde aquella o seu casamento, o que succede tambem a quem calce um sapato de cada côr (Alentejo) (1).

Em Valdevez, as raparigas, para não perderem o casamento, costumam trazer nas ombreiras do collete reliquias de «pedra de ar» (pedra de ara) ou retalhinhos de corporaes (2).

É infelicidade no casamento, os noivos ouvirem ler os seus pregões na igreja. A alegria de ouvir «botar os banhos» acarreta desgraça, transformando os três Domingos da «proclama», á

(1) Thomaz Pires, «Investigações Ethnographicas», in *Rev. Lusitana*, vol. XII, pg. 183.

(2) Felix Alves Pereira, *Lusa*, vol. I, pg. 65, § 42.

hora da missa, numa futura via dolorosa. Os pregões devem de ser «aparados» por mulheres da família ou amigas da noiva, que «fazem collo» com os vestidos ao ouvirem o padre apregoar os banhos. E nada de deixar varrer os pés!

O mais interessante porém é a honra do «alfinete da noiva», superstição soberana de estes tempos, de que os casados falam com o enlevo dos dias felizes e grandes.

Dar alfinetes são amores, diz o *Almocreve das Petas* (1), como dar agulhas faz inimizade (2). Porém, se a noiva dá ao noivo um alfinete, pica a amizade (Extremoz). No dia do casamento, distribue pelas amigas os alfinetes de que se serviu; leva-lhes ventura: quem reunir seis alfinetes, casa no anno em que adquira o ultimo. Quando porém uma rapariga, mas, em especial a uma noiva, encontre no chão, fóra de casa um alfinete, não o apanhe, antes lhe dê um pontapé, visto que é de bruxa malévola (3). Já atrás ficou dito que a noiva deve de ter todo o cuidado, quando prova o vestido de noivado; nem linha na cabeça, nem alfinetes da costureira, que lhe fiquem presos á roupa (Lisboa), porque então já não casa.

Quando querem casar, as moças de Lisboa vão assistir a um casamento, e pregam um alfi-

(1) *Almocreve das Petas*, 26 de Março de 1794, parte XLIX.
(2) Thomaz Pires, in loco cit., *Revista Lusitana*, vol. XII, pg. 85.
(3) D. Domingos Pedroso, *Posthumo*, pg. 201 e ss.

nete no vestido da noiva, sem que ella dê por isso [1].

Pouco as cantigas populares aludem ao alfinete. E, quando o fazem, não se referem a este caracter particular. Serve-lhes apenas de motivo poetico.

Mandaste-me colher rosas,
eu piquei os meus dedinhos;
dae-me agora os alfinetes
para tirar os espinhos.

(Atalaya)

Pedrinhas da minha rua,
hei-de-vos mandar picar
com biquinhos de alfinetes,
para o meu amor passar.

(Amarante)

Enfim, depois de tudo chega a ansiada manhã do casamento, e bem pode cada um dos noivos glosar o annexim na quadra, que diz:

Nesta vida ninguem diga
— desta agua não beberei,
que eu jurei que não casava,
e contigo me casei.

(Chaves)

---

(1) Charles Lejeune menciona varias adivinhas amorosas com alfinetes, das raparigas da Bretanha, de Paris e Leval, nos «*Bull. et mémoires de la Societé d'Anthropologie de Paris*», vol. VIII (5.ª serie), pg. 418.

III

A CASAR

Amor com amor se paga,
nunca vi coisa tão justa;
paga-me contigo mesmo,
meu amor, se te não custa.
(Chaves)

Como estrella do Norte guiam-se os namorados, conversados, promettidos e noivos, ao dia do casamento, o seu «dia grande» ou o seu «dia de S. João». E, com erro ou sem elle, engrinaldada a noiva no «jardim» da sua flôr de laranjeira ou simplesmente enfeitada sem ella, o casamento é o fim do namoro, satisfação dos desejos e aspirações de, ás vezes, quantos annos. Depois de tantas conjuras e tamanhos propiciatorios, entre os quaes é curioso o das moças de Vianna do Castello, que casam no anno em que vestem o Menino Jesus da Misericordia [1], ellas ainda cantam:

Ó Antonio, ó Antonio,
tu és agua assucarada;
casa commigo, Antonio,
não me tragas enganada.
(Chaves)

---

[1] Felix Alves Pereira, na *Lusa*, vol. I n.º 2, § 4, pg. 9.

O dia enche os corações de sobressalto, em que o acanhamento, o enthusiasmo e as superstições se acumulam e chocam.

Pobres dos noivos, se no dia do casamento ouvirem cantar um gallo; passarão vida attribulada entre ralhos e questões constantes, um com o outro. Na aldeia, onde os noivos vão a pé, como noutro tempo em toda a provincia iam a pé, de caminho á igreja, numa longa theoria de pares de convidados, é necessario muito cuidado com os cães; se algum passar por entre as pernas da noiva, por certo ella ha de bater no marido. Tambem não devem casar por procurador, para não serem muito infelizes.

Lá vão á igreja, onde o parocho os espera e os vae casar. E livre-os Deus de lá encontrar enterro ou caixão na eça. A morte espreita um, então. Qual? Se a luz está mais amortecida de um lado, nas vellas do altar, ante o qual estão ajoelhados, é o noivo de esse lado o que morre primeiro. E, sem enterro, se, durante o casamento, uma vella amortece visivelmente, indica dos noivos o que morrerá em primeiro lugar. Dá felicidade chover no dia da boda (Atalaya).

Estão todos a postos. Os padrinhos ao lado de seus afilhados, os convidados, os curiosos, as moças que, querendo tambem casar, vão cravar um alfinete no vestido da noiva, e esperar as três amendoas, que hão de comer atrás de uma porta, — lá estão todos. O sacerdote ensina aos noivos

os deveres, que vão contrahir. Tremeluzem as chammas das vellas do altar, deante de Jesus. A claridade meiga, um suave luar nupcial encara e faz sobressahir com effeitos de arte a brancura tenra da flôr da laranjeira ao peito ou na cabeça da noiva. Os sinos lá em cima, na torre, tangem alegremente, dizendo aos campos e ás montanhas que um lar christão se está unindo nas bençãos immaculadas e luminosas do Senhor.

O annel do amor fiel e eterno vae entrar no dedo aos noivos, já num élo de ferro do casamento indissoluvel, symbolo da eternidade na affeição.

Casados. E agora já não dirão: — «quem não tem marido, não tem amigo»; mas sim: — «quem tem mulher, tem o que é mister», de que faz conselho a *Carta de Guia de Casados* ([1]).

Cumpriram-se os fados. Convenceu o amor dos cantares:

Amor com amor se paga,
nunca vi coisa tão justa;
paga-me contigo mesmo,
meu amor, se te não custa.

(Chaves)

Amor com amor se paga,
já que outra paga não tem;
quem com amor não paga,
não diga que paga bem.

(Chaves)

([1]) D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de Guia de Casados*, ed. da *Renascença Portuguêsa*, pg. 57.

*
* *

São curiosos os trajes consagrados do casamento. Diz Fialho de Almeida que na aldeia de Santanna, em Portel, o casamento se faz sempre de capote ás costas, de verão como de inverno ([1]), porque o capote é luxo e diz afinal o povo, em applicação moldavel a este caso, que «quem tem capa sempre escapa». Em Veiros do Alentejo, os homens levam á igreja lindas camisas, bordadas á frente e com folhos, que as jaquetas, abertas, deixam vêr. As moças do Minho enfeitam-se das côres mais garridas, a maior riqueza de ouro, as chinellitas negras pespontadas a excitar a brancura pequenina do pé bailão, que as segura a brincar.

Durante o acto religioso, creanças com açafates de flôres cobrem os noivos de petalas, e do alto do altar fazem cahir sobre elles uma chuva de cores e perfumes, que deixam o chão tapetado. Dava-se em tempo e algures se dará ainda aos noivos um raminho de oliveira, ou atiram-lhes folhas prateadas de essa arvore sagrada ou espigas de trigo, estas por darem fartura á casa, aquellas segundo a cantiga porque «a oliveira é paz, — que se dá aos bem casados».

([1]) Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed., 1915, pg. 149, «o Anão».

Uma invocação carinhosa e muito buscada é a de S. João dos Bemcasados, advogado da felicidade do lar pelo amor fiel. Vem as canseiras da vida, vem os trabalhos e responsabilidades do lar. Que importa, se os esposos são bem casados?

Oliveira decotada
sempre parece oliveira;
a mulher bem casada
sempre parece solteira.
(Faiões, Chaves)

Á sahida da igreja e pelo caminho, os padrinhos distribuem amendoas e dinheiro, que o rapazio apanha ás rebatinhas. E os noivos não devem de regressar pelo mesmo caminho da ida para a igreja, porque voltar assim é voltar atrás, desfazer o que está feito, e ninguem será feliz desfazendo-o, — é perder o amor, anullar o casamento, chamar a desgraça ao lar de familia. Se encontrarem um enterro, mudam de rua, para não cruzar com elle.

*
* *

No regresso dos noivos a casa, não ha muito que se realizavam certos actos, que provavam usanças velhas da primitiva concepção matrimonial de escolha, perseguição e rapto, e algures ainda hoje se realizam.

Este ajuntamento sem consagração, a que o povo chama «casamento da mão esquerda», anda alludido nas cantigas.

Eu hei de te amar, amar,
eu hei de te querer, qu'rer;
hei de te tirar de casa,
sem tua mãe o saber.
(Villa Real)

Se tu queres vir commigo,
se tu commigo vir queres,
eu te livrarei da fama,
que tu commigo tiveres.
(Villa Real)

Ao entrarem os noivos em casa, os padrinhos atiram-lhes das janellas flôres desfolhadas e trigo, — o trigo da abundancia e da paz no lar (Alentejo). É costume que tanto se dá hoje, como se daria após essas velharias e arremedos da instituição matrimonal primitiva.

Ha vestigios curiosos de esses costumes do casamento primitivo. Terras de Basto, lá para as montanhas, a noiva, em seguida ao casamento, disfarça-se com outros trajes, e o noivo tem de andar, salto aqui, engano acolá, até a encontrar, levando-a então para casa.

Em Santa Victoria do Ameixial, no concelho de Extremoz, ainda um velho me contou que assistira ao casamento de certa moça, que ao sahir da igreja, casadinha já, largou a correr pela estrada fóra. O noivo e os convidados correram atrás de ella, até elle a apanhar.

Noutros sitios a perseguição faz-se primeiro, e depois de a attingir é que o noivo, prendendo a noiva, a leva á igreja a casar.

Em Terras de Bouro é recente ainda o dia-

logo entre o noivo e o pae ou parente mais chegado da noiva. O moço procura a rapariga.

— Que procuraes? — pregunta-lhe o pae ou parente.

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro, — responde o rapaz.

— Ella cabras guarda, — volta o parente, — sebes saltou; mas, se em algumas se espetou, e a quereis como está, assim vo-la dou.

Após este dialogo do ceremonial, effectua-se o casamento, que é indissoluvel pelo motivo dos antecedentes da moça.

Na *Descripção do Minho* de João de Barros, citada por João Bautista de Castro no *Mappa de Portugal,* ha referencias a estes velhos costumes. «Nos casamentos usavam as antigas portuguesas da provincia do Minho não sahirem de casa de seus paes para as de seus esposos senão como violentadas: os seus parentes faziam a ceremonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva um moço, que levava a roca cheia de linho e o fuso» (1).

Em S. Lourenço (Extremoz) assemelha-se o acto ao de Bouro. Apparece o noivo. Estão todos que hão de comparecer, menos a noiva.

— Que procura? — pregunta o pae ao noivo.

---

(1) João Bautista de Castro, *Mappa de Portugal,* 3.ª ed., 1870, vol. I, pg. 134.

— Uma mulher para me acompanhar até aos restos da minha vida, — responde elle.

O pae offerece-lhe uma a uma as raparigas presentes, a quem elle põe defeitos, porque esta tem o avental assim, aquella a saia tal. Por fim entra a noiva, e elle diz que é aquella a que elle «pregunta». O pae discursa e diz que é a sua filha. Dá-lha e vão depois á igreja.

Em certas localidades, as creanças vedam a passagem aos noivos, de regresso a casa, depois do casamento. Atravessam a rua com uma fita de seda, como na ceremonia protocollar de Londres, quando o Rei novo entra na capital, de volta de Westminster, onde foi sagrado. Lançam flôres sobre os noivos, que, em troca da passagem, dão uma moeda de prata.

Na Beira Baixa os convidados, depois do casamento, acompanham os noivos a casa, entoando canções como estas [1]:

Esta rosa, senhor noivo,
inda ontem era botão;
trate della como sua,
metta-a no seu coração.

Oh que lindo casamento
fizeram estes senhores!
Deus no ceu lhes bote a benção,
e nós cá na terra as flôres.

Recentemente ainda, a «comporta» era em Mação um rancho de foliões com violas e guitarras, que na noite anterior ao casamento de alguem, procuravam em sua casa cada um dos noivos, e lhes cantavam elogios e conselhos.

---

[1] Fernandes Thomás, *Velhas Canções* . . . pg. 168.

Acabava por os noivos lhes offerecerem bolos e vinho ([1]).

Em Extremoz é curiosissima a ceremonia do casamento dos ciganos. Dirigem-se todos juntos ao grande largo do Rocio. Preguntam primeiro ao pae da noiva as testemunhas se elle dá a filha. Ao ter a affirmação, ella foge, e o noivo persegue-a, enquanto os assistentes gritam, batendo as palmas, a anima-lo, ao tempo que dizem: «pilha-a que é tua». Quando a «pilha», leva-a para casa, seguido por todos e por uma philarmonica ([2]).

De tudo isto, resta em certas terras, como signal de violencia do homem em levar a mulher ao casamento, o costume de ella chorar em altos brados antes de ir para a igreja (Alpedrinha).

Segue-se a boda com grande comesaina de iguarias nacionaes de grande «sustancia» e feitas com o mimo e sabedoria das velhas donas.

São as sopas de pão, presunto e legumes, das palanganas, que assustavam o Eça da *Illustre Casa de Ramires* ([3]), as fregideiras de Braga, a perdiz á moda de Mirandella, carneiro á moda de Valença, que tanto animavam a pituitaria bohemia de Fialho ([4]), e a caldeirada do littoral, o cabrito assado no espeto de cerejeira, do Minho. É o

---

([1]) Francisco Serrano, *Romances e canções populares da minha terra*, 1921, pg. 148; ha outras citações de Mação adeante.

([2]) Adolpho Coelho, *Os Ciganos de Portugal*, ed. 1892, pg. 216, uma variante, e a pgs. antecedentes casos analogos.

([3]) Eça de Queiroz, *Illustre Casa de Ramires*, 4.ª ed., 1917, pg. 82.

([4]) Fialho de Almeida, *Os Gatos*, 3.ª ed., vol. IV, pg. 311.

prato de arrôs, de S. Lourenço (Extremoz), sacramental no dia de boda.

Segue um nunca acabar de doçama, em que é soberbamente rica a tradição culinaria: os doces do convento do Paraiso de Evora, celebres em toda a bocca do provinciano do Alentejo, como os de Cellas nas Beiras e no Douro; filhós, rabanadas, pasteis, os morgados de Beja, as murcellas de Arouca, os mexidos de Santo Thyrso, as pitanças do Natal e da Paschoa, renascidas na data celebre dos annuaes lareiros.

Vão lá faltar alguns, no dia da boda, com o ensopado de carneiro e o lombo no espeto, o alguidar de arrôs com gallinha ou pato, no forno! Era um escandalo de lesa-instituição familiar.

Os tradicionaes doces de fructos tambem não faltarão: as uvadas com a uva, maçã etc., o doce de alfarroba e amendoa dos Algarvios, as pinhoadas de que já nos falla o bom Mestre Gil Vicente.

A alegria anima. As creadas agitam-se. Serve-se toda a gente. Toda a gente falla, brinda, esfusia. No Minho as moças servem a mesa, por mais esmero e estima que ponham ao vestir, com as mangas da camisa arregaçadas.

E no fim, as raparigas, que á entrada dos noivos esperavam já as amendoas obrigadas, trincam de novo a rija massa de assucar. Em Moncorvo, a riquissima amendoa é cheia de bicos e enorme, é o consolo das tristes, que se não casaram ainda. Os padrinhos atiram pelas janellas amendoas ás

mancheias. E todas que querem casar, comem três amendoas, que a noiva lhes dá, mas com o preceito de as trincarem atrás da porta da rua.

Segue-se o baile, o bailarico, «balho» no Alentejo. Dura noite fóra, até de madrugada, num derrear de festejo, que custa a deixar. E que só «quem não tem boda, não roga gaiteiros».

Nem sempre ou em toda a parte começou logo a vida de casados para os noivos. Em algumas terras ahi a tradição marcou pelo velho uso, para a communicação matrimonial, a demora de três a quinze dias sobre o casamento. Seja como fôr, na noite em que primeiro durmam juntos, aquelle dos noivos que apague a luz, «é o primeiro a morrer».

*

* *

Diz o povo, referindo-se ás doçuras do casamento, que «nozes com pão sabem a casar» ou «a noivar», expressão gostativa de uma analogia falsa, mas de intensidade approximada na observação popular.

Depois vem a vida familiar, intima, que começa com os seus cuidados, os seus deveres, subordinados ao annexim, que fórmula as regras do lar e do bom viver, e, na *Carta de Guia de*

Casados, D. Francisco Manuel de Mello nos dá nas duas formas:

1.ª — O moinho barca, a mulher arca [1], — «o marido traz, a mulher guarda».

2.ª — Do homem a praça, da mulher a caça [2].

Quando se não realiza a primeira, e as relações entre os conjuges se invertem, diz o rifão: — «em casa do Gonçalo, pode mais a gallinha que o gallo». E a quadra popular canta:

Na minha terra havia um *home,*
varias vezes acontecia,
o homem punha-se a chorar,
quando a mulher lhe batia.

(Villa Real)

*

* *

Destas variadas phases do noivado, tambem como nos incidentes do namoro, fez a poesia rustica themas de canções. Tudo serve á lyra popular, e muito mais, sendo a veia poetica essencialmente amorosa e sexual, os episodios de «pé de alferes» ou de intenção matrimonial.

O noivo, ainda namorado, faz o pedido da moça, e o casamento prepara-se com assentimento

---

(1) D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de Guia de Casados,* pg. 62.
(2) Id. *id.* pg. 87.

da familia da moça. Recusam-lhe a licença, e ha desespero, rapto, combinações furtivas.

Se eu tivesse, não pedia
coisa nenhuma a ninguem;
assim, c'mo não tenho, peço
as filhas a quem as tem.
(Traz-os-Montes, Atalaya)

Agora, que se não usa
pedir ás filhas aos paes,
pega-se-lhe pela mão:
ó sogro, ella cá vae.
(Villa Real)

Menina, venha commigo,
peça licença a seu pae;
seu pae é meu amigo,
logo diz: Rosinha, vae.
(Villa Real)

Eu hei-de-te amar, amar,
eu hei-de-te querer, qu'rer,
hei-de-te tirar de casa,
sem tua mãe o saber.
(Vária)

Menina, vem ter commigo,
a roupa deixa-a ficar,
que, se vieres commigo,
roupa te não ha-de faltar.
(Barroso)

Todo o homem qu'é pimpão,
e se preza de aviado,
não pede a filha ao pae,
sem com ella ter fallado.
(Atalaya)

Os paes negam a filha ao moço que a pede. Os namorados procuram seguir o seu destino, cumprindo a promessa, em boa e certa hora dada.

Se tu queres e eu quero,
temos o contracto feito;
não venha cá pae nem mãe
desmanchar o que está feito.
(Villa Real)

Indas que meu pae me mate,
minha mãe me tire a vida,
minha palavra está dada,
minha mão está promettida.
(Extremoz)

E ella abandona a casa paterna, num remorso de maldição, mas atraz do que julga a felicidade.

Adeus, ó meu paezinho,
deite-me a sua benção,
se não vou d'aqui p'ra fóra,
até morro de paixão.
(Villa Real)

Ou então choram elles ambos os seus males.

Senta-te aqui, Antonio,
tu numa pedra eu noutra,
aqui choremos ambos
a nossa fortuna pouca.

(Atalaya)

Ai de mim, ai de ti,
ai de nós ambos e dois;
ai de mim primeiramente,
ai de ti ao depois.

(Norte)

Tambem a moça se recusa ao pedido de casar:

A hortelã é crueza,
menina, não seja crua;
seu pae não a mette a freira,
acceite quem na procura.

(Villa Real)

Trata-se do dote, em allusão, na maior parte das vezes, chocarreira. É o capital para a casa, a promessa utilitaria de bem estar.

Se a oliveira é pequena,
tambem pequena tem a sombra;
toda a moça que é bonita,
pequeno dote lhe bonda.

Você diz que me não quer,
que seu pae é muito rico;
a riqueza, que elle tem,
leva-a um melro no bico.

Menina de saia branca,
collete da mesma côr,
diga a seu pae que a dote,
qu'eu serei o seu amor.

(Villa Real)

O senhor diz que me não quer,
diga-me a razão porquê;
diz qu'é por eu ser pobre,
que riqueza tem você?

Não me namora o teu ter,
nem o teu rico cordão;
namoram-me esses teus olhos,
que tão brègeiros são.

(Felgueiras)

Namorei-me do bonito,
não me lembrei da riqueza;
quero comer, não no tenho:
bonita, põe a mêsa.

(Amarante)

Inda que teu pae me desse
uma vacca c'um bezerro;
contigo não casava eu,
minha ruça de mau pêllo.

(Trás-os-Montes)

Um limão aos boccadinhos
é uma malga meada;
antes que sou pobrezinha,
em ti sou mal empregada.

(Chaves, Montanha)

Tenho cinco-reis a juros,
tenho muito dinheiro,
tenho o dote ganho
p'ra casar c'um brasileiro.

(Villa Real)

Tenho cinco-reis de meu,
guardados ha tanto tempo,
p'ra mercar sardinhas,
no dia do meu casamento.

(Chaves)

Minha mãe p'ra me eu casar
prometteu-me três ovelhas,
uma manca outra cega,
outra «mona» das orelhas.

(Chaves)

Minha mãe, p'ra me eu casar,
prometteu-me quanto tinha;
des'que me viu casada,
deu-me uma agulha sem linha.

(Bragança)

Deu-me Deus esta fortuna
p'ra casar c'um brasileiro;
tenho cinco-reis a juros,
já tenho muito dinheiro.

(Barroso)

Eu casei c'uma tendeira,
não tenho que pôr na tenda;
quem tiver um chapeu velho,
por caridade m'o venda.

(Atalaya)

Pega lá que te dou eu,
será a tua fortuna,
uma mão cheia de nada,
outra de coisa nenhũa.

(Bragança)

Acabamos com isto,
deitamos terra na lama;
bem rico era meu sogro,
bem pobre me deu a dama.

(Boticas)

A indissolubilidade do casamento, figurada em um «nó cego» que se não desfaz, vae á cantiga. «Dar o nó» é casar. Só a morte o desdá. Uma quadra popular enfeita a phantasia de um nó em fita verde de esperança.

Dei um nó na fita verde,
nunca o eu chegára a dar;
dei-o tão apertadinho,
não o posso desatar.

(Barroso)

Outras quadras alludem ao mesmo dever contrahido no casamento.

Eu casei-me, captivei-me
troquei a prata ao cobre;
troquei a minha liberdade
por dinheiro que não corre.

Eu casei-me, captivei-me,
troquei o ouro á prata;
troquei a minha liberdade
por dinheiro que não passa.

(Villa Real)

Bebe sempre em aguas doces,
se saude queres ter;
a mulher com quem casares,
has-de amá-la até morrer.

(Mação)

E pregunta-se á Senhora da Saude:

Senhora da Saude,
quem pregunta quer saber,
se a romaria é acceite
do homem sem a mulher.

(Santa Martha de Penaguião)

Sarcastica referencia ao compromisso é esta:

O amor é uma albarda,
que se põe a quem se quer bem;
eu, p'ra não ser albardada,
não quero bem a ninguem.

Referencias ao casamento encontram-se a cada passo, quer em promessas, quer ao fa-

cto em si, quer ao caracter religioso da ceremonia.

Jura, amor, juramos ambos,
fazemos uma'jura bem feita;
jura que me has-de dar
na igreja a tua mão direita.

(Torres Novas)

Cuidaes que não é peccado
enganar uma donzella,
prometter-lhe casamento,
e depois não casar com ella.

(Villa Real)

Venha cá, senhor abbade,
as suas mãos são duas rolas
lá no arco da igreja,
onde prende as moças todas.

(Barroso)

Dei um nó que nunca o dera,
nem o eu chegára a dar,
dou-o ao padre na igreja,
não o posso desatar.

(Traz-os-Montes)

Dá-me a tua mão esquerda
que t'a quero apertar;
já te não peço a direita,
que tens a quem a dar.

(Ribatejo)

Nos já mencionados ranchos da «comporta», de Mação, cantam-se versos como estes:

Ámanhã vaes á Igreja,
levas muito que sentir,
pede a benção a teus paes,
quando fôr ao despedir.

Ámanhã vaes á Igreja,
no altar de Deus jurar
que serás mãe extremosa
e uma esposa exemplar.

Ao acto intimo das relações conjugaes alludem jocosamente as cantigas, como estas de Villa Real:

Quem quiser a salsa verde,
vá por ella ao ribeiro;
quem quiser o amor firme,
durma co'elle primeiro.

Ó minha canninha verde,
ó minha salta-paredes;
hei-de dar-te uma prenda,
que te dure nove mêses.

O rouxinol é vadio,
faz a cama onde quer;
é como o rapaz solteiro,
emquanto não tem mulher.

O mar tambem é casado,
é casado, tem mulher,
é casado com a areia,
dá-lhe beijos quando quer.

Vem as allusões jocosas ao novo estado, em que os casados, na intimidade, se conhecem melhor, «descobrem os podres» um do outro. O ridiculo da caricatura entra nas cantigas, e o povo ri cantando. Certo, nem sempre o improvisador está nas condições, e canta por simples graça e quantas vezes por «dôr de cotovêllo», dôr aguda que ataca os mal servidos do amor. Seja como fôr, corresponde porém a um estado de alma, em desillusão ou surpresa, levado em ar de sarcasmo chocarrão.

Quem tem amor careca,
tem a morte sempre á beira;
de manhã, quando se ergue,
dá c'os olhos na caveira.

(Barroso-Villa Real)

Toda a vida desejei
uma mulher mediana;
deu-me Deus uma pandorga,
que me não cabe na cama.

(Barroso)

Namorei-me de um soldado,
onde chegou o meu brio!
de dia mata-me á fome,
de noite morro com frio.

(Villa Real)

Estou casado, ha três dias,
quem me dera ser solteiro;
o diabo da mulher
só me faz pedir dinheiro.

(Barroso)

Eu casei com um velho,
foi só para me rir,
fiz-lhe a cama alta,
p'ra não poder subir.

(Chaves)

Ó meu velho, velho,
eu cá bem to dizia;
rapariga nova
que te não serviria.

(Villa Real)

Ó meu velho, velho,
ó meu velharrão,
tens as barbas ruças
de andares ao carvão.
(Chaves)

Eu queria-me casar,
mas queria dormir só;
mas agora não ha remedio,
linha branca já deu o nó.
(Barroso)

Surgem as satyras á nova familia, sobre tudo á sogra.

Minha sogra quer-me mal,
minha cunhada tambem;
não se m'importa a sogra,
queira-me elle o filho bem.
(Santa Victoria do Ameixial)

A minha sogra morreu ontem,
Deus a leve ao paraiso;
deixou-me uma manta velha,
não posso chorar co'o o riso
(Barroso)

A minha sogra morreu ontem,
o diabo vá com ella;
Deixou-me as chaves da adega,
o vinho bebeu-o todo ella.
(Villa Real)

Indo eu pela rua abaixo,
toda a gente me quer bem;
só a mãe do meu amor
não sei que raiva me tem.
(Villa Real, Barroso)

O craveiro da minha sogra
já não tem senão três cravos;
o primeiro é o meu amor,
os outros dois meus cunhados.
(Santa Victoria do Ameixial)

O teu pae é meu,
a minha mãe é tua,
abre-me a porta,
que estou na rua.
(Boticas)

As desillusões, a desolação da mulher, as canseiras, o arrependimento, fazem desespero e tristeza. E os casados revêem o passado, comparam-no com a vida presente, cheia de magoas, e tem saudade.

Quando eu era solteira,
usava fatos e laços;
agora que sou casada,
uso os meus filhos nos braços.
(Chaves, Barroso, Villa Real...)

Quando eu pensei que tinha
os meus males acabados,
então é que me vieram
os meus peores cuidados.

O cantar é dôr dos anjos,
o bailar dos namorados,
a alegria dos solteiros,
a tristeza dos casados.

(Obidos)

Casadinha ha três dias,
ella ahi vae a chorar,
coitado de quem nas cria
para outro castigar.

(Villa Real)

Se te visse bem casada,
este gosto era o meu;
vejo-te mal empregada,
choro o meu mal e o teu.

Solteirinha, não te cases,
gosa-te da boa vida;
eu bem sei de uma casada,
que chora de arrependida.

(Amarante)

Casada nunca eu fôra,
solteira fôra mil annos;
casada, cheia de filhos,
solteira, cheia de enganos.

(Barroso)

Ninguem se finte nos olhos
nem no seu darão, darão;
elles promettem igrejas,
depois nem capellas dão.

(Villa Real)

Já lá vem o sol nascendo,
tanto portal que passou,
s'eu não era do teu gosto,
diz-me amor quem te obrigou.

(Atalaya)

Eu casei-me por um anno,
para vêr a vida que era;
o anno já vae passado,
solteirinha quem me dera.

(Amarante, Villa Real)

Mas tambem ha cantares alegres de casados felizes, e nem todos sentem só os trabalhos e a desillusão da eterna blandicia, que esperavam; apreciam a alegria e o bem estar do amor, hymno de gloria da ventura serena e tão bem conquistada.

Menina, não se admire
de eu cantar e ser casada;
é do gosto que eu tenho
de me vêr bem empregada.

(Amarante, Douro)

Mais vale ser mulher casada,
de noite «engalhar» os filhos,
do que ser freira professa,
á meia noite tocar os sinos.

(Villa Real)

Eu casei-me, captivei-me,
inda me não arrependi;
quanto mais contigo estou,
menos posso estar sem ti.
(Benavente)

Oh que pinheiro tão alto,
oh que pinhas tão doiradas!
Não ha vida tão feliz
como a das moças casadas.
(Benavente)

Fidelidade do casamento, o perigo dos amores com mulher casada, em peccado contra o 9.º mandamento — «não desejarás a mulher do proximo». — porque «quem ama a mulher casada, traz a vida emprestada», mudança e contraste da vida do solteiro para o casado, tudo transparece nos cantares.

O rouxinol é vadio,
faz a cama onde quer:
é como o rapaz solteiro,
emquanto não tem mulher.
(Villa Real)

Oh que pinheiro tão alto
co'as pinhas tão còradas;
é como as moças novas,
emquanto não 'stão casadas.
(Villa Real)

Amores de homem casado
quem me dera sequer um,
para calço de uma panella,
que não tenho lá nenhum.
(Regoa)

Não me ponha o pé na saia,
nem a mão na minha cinta;
é crime de mão cortada
quem com amor de outro brinca.
(Amarante)

Do casamento das velhas ha bons chistes nas cantigas, e, na «mi-carême», a festa infantil da «serração da velha» (1):

Uma velha, muito velha,
mais velha que o meu chapeu,
fallaram-lhe em casar,
ergueu as mãos ao ceu.

(1) Adolfo Coelho, *Renascença*, Porto, ed. 1878, pg. 10.

ou evocações das moças para os velhos...

Quem me dera um pau podre,
p'ra fazer o meu jantar;
quem me dera um homem velho,
para cortiço do sal.
(Atalaya)

Tenho o meu pão amassado,
e o meu velho a morrer;
antes o meu velho morra,
do que o pão se vá perder.
(Chaves, Villa Real)

As viuvas casarão outra vez, cantam ao S. Pedro, deitam «sortes» e cantam tambem, ou ha de ellas allusões nas quadras do povo. Era uso, que por ahi algures persiste, irem tocar chocalhos campainhas e guisos, latas *(latadas)*, á porta da casa de uma viuva ou mulher de larga edade, na noite do seu casamento.

Ó vida da minha vida,
ó vida, eu serei tua,
solteirinha e casada,
e inda ao depois viuva.

Fui casada, fui solteira,
fui viuva, fui donzella;
prometteram-me um rosa,
não me vou d'aqui sem ella.
(Atalaya)

Olha a triste viuvinha,
ella diz que quer casar,
ella não tem que vestir,
nem tampouco que calçar.

Olha a triste viuvinha
que já achou com quem casar,
ella não tem que vestir,
nem elle tem que calçar.

Sente-se porém o dó e isolamento das viuvas:

Fazer annos de viuva,
muito triste deve ser;
lyrios brancos a murchar,
lyrios roxos a nascer.
(Benavente)

Troçam depois as solteiras, quando ellas estão servidas, ou quando elles recordam o anexim: — «quem despresa, quer comprar».

Nunca vi figueira preta
dar os figos na raiz:
nunca vi homem solteiro,
que tenha bem o nariz.

(Atalaya)

O diabo leve os homens
enfiados num cordel;
o primeiro seja Antonio,
e o segundo Manuel.

(Villa Real)

Estes rapazes de agora,
estes mesmos de vintem:
quando vêem vir hũa r'pariga,
cuidam que na mão a tem.

(Villa Real)

IV

DEPOIS

O que ha de ser, ha de ser;
e ninguem pode tolher
o que está determinado,

Gil Vicente, *Farça de Ignês Pereira*
Obras, vol. IV, pg. 142

Cumpriram-se as «sortes», tão variadas e com tão grande ansia inquiridas. Essa ultima especie dos *Juizos* ou *Ensaios de Deus* [1], creados na lei

[1] Havia diversas formas de concitar do «Juizo de Deus» a decisão de julgado. O accusado jurava a sua inocencia nos lugares de milagres; — batia-se em duello com o paladino da justiça dos homens; — fazia-se a prova do ferro em brasa, que o réu tomava com a mão, e transportava a distancia, o que pode vêr-se descripto no romance de Arnaldo Gama, o *Balio de Leça*, na tina de agua se lançava o réu, nú, amarrado de pés e mãos, para por milagre se não afogar; oração do réu, de joelhos, braços abertos, deante de uma cruz, durante o officio divino ou a resa do Psalterio.

wisigothica, ao depois condemnados pelo papa Honorio III, perdura assim na consulta dos namorados. Enfim estão casados, ella que tanto confiava do futuro, elle que tanto a procurou num mixto confrangimento de ternura e de receio.

Passou a boda, de que fica a saudade, mais presa na festa que propriamente na razão de ella. Foi comido o «bolo real» de que Fialho fala, sente-se bem, a «crescer-lhe a agua na boca» (1).

O «derrete» acabou á luz das velas de um altar, tudo alegria de almas e brancura de ritual, onde os «promettidos» se «receberam», ficaram os noivos, cumprida a mutua promessa, e quantas vezes obrigados ao cumprimento de outra mais grave, para com os Santos de invocação insistente.

Principia a *lua mel,* um recomeço de «derrête», que renasce no «presepio» do lar de familia consagrada. Mas a vida aperta. Que importa? A grande conquista realizou-se. O homem venceu, segundo uns. Venceu a mulher, segundo outros.

A lucta é sempre a mesma. A mulher que estonteia, o homem que se esconde pequenino atrás do coração. Eschematiza-se-me no espirito a lucta, e surge a lenda symbolista da *Moura de Obidos.*

---

(1) Fialho de Almeida, *Estancias d'arte,* pg. 211.

*

* *

. . . . . .

«Das Caldas para a Lagôa de Obidos ha uma cadeia de outeiros, que formam alinhamento pelo Norte da Varzea da Rainha. Todos elles mais ou menos andam presos a lendas. O de Santo Antão, com uma capellinha alpendrada lá em cima, tem uma festa pagã de touros enfeitados de belleza, em redor da capella; e ha jantares ao ar livre, pancada, e encontram-se á flôr da terra fragmentos de louças prèromanas e romanas.

Outro outeiro a seguir é escavado; umas furnas são as sahidas de «minas de ouro» umas salomonicas minas de ouro, que foram dos Mouros, e muito ricas, por signal; em certas manhãs de sol, o pó de oiro, que nellas cobre as paredes da escarpa, brilha com fulgor. Uma povoação, para trás de este outeiro, chama-se de Trás-Outeiro; os homens usam uns alamares especiaes nas nizas estranhas, e as mulheres tem saias de muita roda e decoradas de fitas, nota curiosa de excepção na monotonia melada de Extremenho de camisa branca de goache.

Outro outeiro mais é o da Assenta. Ahi «assentavam» velhos povos, que por alli se representavam ainda nos tempos do dominio de

Roma, vivendo de caça e pesca, num alcantil que os guardava. Andaram por alli os Mouros!

Mas os Mouros ha muito seculo que sahiram!

Embora. As Mouras ficaram, presas de encantamentos, que as não deixam ser christãs.

*

Ora, quem pela estrada nova fôr de Obidos á Lagôa, encontra á mão direita, no esporão do Outeiro da Assenta, uma abertura de mina. As obras de construção da estrada e depois a da estação do caminho de ferro, desbastaram as pedreiras da Assenta, deixando a mina como um buraco informe; são restos mysteriosos; brota agua no inverno, empóça no verão. Eis a Mina da Moura ou o Poço da Moura.

*

A Moura! É uma das mais lindas historias de Mouras encantadas, a de esta pobre encarcerada!

O encantamento que ella soffre, não saberá nunca ninguem quem lh'o deu. Ficou alli na clausura do mourismo de não ser christã, castigo de que por certo não sahirá mais.

Se podéres sonhar a mulher mais linda, convence-te de que a Moura ainda mais e sempre mais o era, no tempo em que se mostrava. Á beira da mina passava um caminho. E ella, antes de nascer o sol, vinha para junto de elle á

espera de quem passasse, do Principe Cherubim que lhe quebrasse o captiveiro.

Dentro da mina o palacio era rico. E hoje, que a Moura se não vê, ainda ha quem jure que o palacio existe ainda, salas e salas de grandes columnas. Umas argolas de ouro por alli achadas, ao extrahir da pedra, e presto vendidas a um ourives das Caldas, attestava prova evidente das riquezas do thesouro tão bem guardado.

A Mourinha era delgada e transparente como a alvorada. Uma nevoa a subir no horizonte, lentamente. Vestia sempre uma tunica côr de rosa, as pregas verticalizadas dum atticismo classico. Os cabellos, farta cabelleira, louros, muito louros, cahiam-lhe costas abaixo em ondas de espuma de ouro. A luz baça das manhãs banhava-se nelles, e eram mais louros ainda, era um lantejoular de estrellinhas de ouro. Havia maior fortuna em seu cabello do que no thesouro do palacio subterraneo.

Quando se penteava, e o cabello cascateava de todos os lados a seda de seu fino bordado a ouro, parecia que o sol, num toucado de antemanhã, penteava ao espelho de alva a cabelleira.

Linda, linda, pois não era? Quem o duvida!

Sentava-se á beira do caminho. E, como se acendessem uma luz, mais luz de dia qne pharol nocturno, toda a planicie chã e noutes além, terras fartas de Obidos, velha aldeia castreja de S. Mamede, toda, toda, — toda e todos alli a viam em um esplendor.

Penteava-se com um pente de ouro e pedras, tão lindo que tão rico, e só em ella tão linda elle dizia bem. E cantava as xácaras dos seus ignorados amores, talvez por algum nazareno de Ben Henrik, conquistador de Obidos senhoril; cantava-as como os anjos dos presepios vaporosos da Sé e da Estrella, de Lisboa, — ai de ella, que era de Mafoma! Só lhe, faltava a lei de Christo, benza-a Deus!

Uma nuvem branca, de essas nuvens brancas, em que o sol brinca, pinta côres róseas e doura as fimbrias, devia de cantar assim em vozes immateriaes de ouro e rosas.

*

Approximava-se o caminhante no caminho da madrugada. A canção da Moura tremia. Ia subindo, no ar fresco e leve, como fumozinho tremulo de um telhado ao longe. O coração do que passava tremia, na emoção transmittida em estranha prece. O pente de ouro, onde as pedras preciosissimas tremeluziam, tremia na ponta dos dedos brancos como lyrios brilhantes á beira de uma nascente.

E num sorriso, todo aberto em auroras, uma promessa côr de rosa, preguntava na voz pequenina, que era o gorgeio de duas gottas de cristal:

— Dize-me, meu amigo, qual tem mais belleza: o meu pente . . . ou eu?

Elle, interdicto . . . — se ella era a Senhora Moura! . . . — respondia-lhe com receio:

— Vossemecê é que é, pois então!

Ella sorria, agradecia com tristeza. E, emquanto elle se affastava a olhar para trás, admirado, receoso e tremulo, — ella com uma perola de chorar oscillante em cada pálpebra como melodia de rócio, não se penteava mais, e triste, mais triste que a morte, recolhia á mina, ao seu palacio cantado, vagarosamente como ao rythmo da sua marcha funebre.

Pobrezita! O encanto estava naquelle pente aceso de ouro e joias. Como haviam de lhe dizer, entre ella e o pente, que era elle mais lindo do que ella, se ella era a lindesa mais linda do Universo! Pobrezita! Se ella era mulher, e eram de Portugal os galanteadores, que passavam! Pobrezita!

E ou não é a mais scitillante e cavalheiresca historia de Mouras de Portugal?» (1)

*

* *

A lucta entre a posse e a belleza imarcessivel vae acabar. Da mulher, graça transitoria, fica a

(1) No romance *Dona Infante*, está Dona Infantinha no seu jardim assentada,

c'um pente d'oiro na mão
penteando o seu cabello.

F. Thomás, *Velhas Canções* . . . pg. 25.

dedicação das almas, encantamento vivaz. É que a belleza eterna não está na mulher «substantivo concreto», mas na mulher, «nome abstracto», como o brilho da chamma está na propria essencia da chamma e não na forma do combustivel.

O novo anseio é outro. Vem a perpetuidade na estima e a lucta pela paz do lar. Que se não diga:

> — em casa do Gonçalo,
> pode mais a gallinha que o gallo.

Já a nova dona de casa tem de saber, de casa de seus paes, que — «gallinha que canta de gallo —, põe o dono a cavallo».

Chegam as economias, o segredo na riqueza dos pobres. D. Francisco Manuel de Mello crystallizava a maxima: — «quem gasta menos do que tem, he prudente; quem gasta o que tem, he Christão; quem gasta mais do que tem, he ladrão» (1). Por mais diz o povo: — «guarda o que não queres, e acharás o que precisas». Haja poupança, não sejam as posses como os «bens do sachristão —, cantando vem, cantando vão».

A economia domestica cria os «mealheiros» ou «pêtos» (Norte). Necessita-se do «pé de meia», para os imprevistos; elle forma o thesouro de fa-

---

(1) D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de Guia de Casados*, ed. da *Renascença*, pg. 71.

milia. Guardam-se as dávidas do homem para os «alfinetes» da mulher. Surgem quadras e cantigas.

Os meus cinco-reis pretinhos,
não os perdi, nem os dei;
tenho-os na minha caixa,
com elles te pagarei.

(Cadaval)

Minha maçã vermelhinha,
não a comi, nem a dei;
tenho-a na minha caixa,
com ella te pagarei.

(Lisboa)

E tudo, tudo concorre para o mesmo fim, para a felicidade do lar, para honra e gloria da familia. Como nos «presepios» os santeiros encaminhavam á gruta de Belem toda a diversidade, aparentemente illogica incongruente e anachronica, das figuras, assim toda a ansiedade na familia converge á consagração da sua grandesa, no culto do mais alto dever collectivo da reciprocidade na estima, no sacrificio, no respeito pela unidade moral e material, — ou simplesmente pelo seu bem estar de corpo e alma, na formula mais utilitaria, de consecução mais ou menos facil. É sempre o cantar:

Vinde vêr a barca nova,
que fizeram os pastores:
Nossa Senhora vae dentro,
os anjos são remadores.

(Villa Real)

É eterna a «barca nova», na alma dos «bemcasados», por isso elles cantam sempre, e a «moça bemcasada — sempre parece solteira», cantando-se:

quanto mais contigo estou,
menos posso estar sem ti.

3.ª PARTE

O LAR DA FAMILIA

Tudo é casar, casar,
ó menina dê cá a mão

(Popular)

. . . . . .
Toda tu estás aquella!
Chorão-te os filhos por pão!

Gil Vicente, *Farça de Ignês Pereira*
Obras, vol. III, pg. 122-124

I. A casa. — II. A vida em familia. — III. Os filhos.

I

A CASA

Casa de esquina
ou morte ou ruina.

Se ha diversidade regional nos trajes e na garridice das côres, no geito dos ademanes, no typo anthropologico, em cantares e dansas, tambem a casa differe. Typo de casa uniforme, que dê nome ou caracter a um modelo, não no ha, tampouco haverá uma forma systhematica na architectura regional, fóra dos aspectos externos e das divisões internas e necessárias. O que ha, e então chama as attenções e merece as honras da

esthetica tradicional, são os pormenores de construcção nos exteriores, como as escadas de fóra alpendradas, dispositivos de janellas e varandas, rotuladas ou de grades, chaminés, «registos de santos» no azulejo da fachada, e varios pormenores internos, como e especialmente na cozinha, centro da familia rustica; além de isto, ha marcadas certas partes da traça da casa na situação relativa, como a cozinha, — com a lareira enorme, aberta, no Norte, — reduzida a museu de louças e com a lareira fechada, no Sul; os pateos, as varandas ruraes, são outros elementos necessarios.

Estes pormenores provêm da sobreposição de periodos com certos modelos de construcção, alguns evidentemente recuados como os alpendres e a mór parte dos effeitos decorativos, outros mais recentes como determinados typos de chaminés, córte de janellas, forma de telhados.

A differenciação regional produz a differenciação do typo de casa, variando tanto mais quanto as circunstancias locaes se modifiquem e quanto as aptidões e sobretudo as influencias constructivas de periodos mais intensos de arte se definirem e especializarem.

A orographia e o clima provocado são os primeiros factores da mobilidade na expressão da casa. Como pode haver unidade onde ha mutação constante? A casa da montanha tem de defender os moradores e defender-se das intemperies violentas das altitudes, de forma que, havendo

de proteger-se contra a neve, o frio, os ventos agrestes e rijos, não podem ter a mesma physionomia as casas serranas, as casas dos reconcavos da vertente, e as casas do valle sereno, abrigado e macio.

Na planicie as casas são garridas, vestem-se de branco, casas em camisa, que alveja e córa ao longe, ou ensombram-se em valores de belleza nos arvoredos ressumbrantes e no verde macio. Na serra são rudes, carrancudas no seu apparelho grosseiro de granito que o tempo, artistico verniz na mão de Deus, patinou; a casa offerece um abrigo ingrato, na incommodidade das suas fendas, no abafadiço do seu fumo de lenha humida, que tem apenas para expulsão as janellucas altas, pequenas, agarradas ao beiral e quasi fechadas. Lá, onde falta a cal, as casas são negras; é o que acontece nas serras de Trás-os-Montes, Minho e Beiras. Onde abunda, as casas branquejam como as meadas a córar, nas verduras minhotas, nas planicies grandes e sombreadamente monotonas da Extremadura, na doçura ondulante e leve, rythmica e risonha do Ribatejo, onde se respira a plenos haustos, e na charneca infinita do Alentejo.

A constituição geológica do terreno influencía a construcção e o aspecto da casa. O granito do Norte dá material abundante, e as casas desenvolvem-se em altura, sendo rara a que não tenha lojas para os animaes e andar superior para pessoas; mesmo na serra, onde a promiscuidade de

pessoas e animaes se accentúa, as casas, quando não tem os dois pavimentos, são de altas paredes; ás vezes o pavimento superior é substituido por um palanque, fechado, para onde se sobe por escadas de pau.

No Sul, por falta e carestia da pedra, a casa é construida com tejolos, não tendo por isso mais que o pavimento terreo; é então desenvolvida em largura e agarra-se ao terreno, baixa e estendida. É o que se dá no Alentejo com o tejolo cozido e no Algarve com o adobe de barro cozido ao sol ou ao fogo.

Quando a rocha é schistosa, as casas são mais atarracadas, com as paredes dispostas em camadas horizontaes, regularizadas, de mais cohesão e ordem que nas paredes de matacões irregulares e deseguaes de granito. Estas casas na Serra da Estrella são, por defesa do clima, barracas baixas.

Nos terrenos graniticos a agua não é abundante, e as fontes ou nascentes são escassas e numerosas; as casas da aldeia aglomeram-se em volta de ellas. Nos terrenos calcareos a agua é mais e as fontes menos numerosas e mais dispersas, pelo que as povoações se dispersam com ellas, o que no Alentejo se dá tambem, a par de este motivo, pelo aproveitamento de recessos de terreno, sombras e abrigos, e pela dispersão de pequenos tractos proprios para horta, assim como pelo «commodo» do lavrador, espalhado no latifundio de cultura ou de creação.

Mas, qualquer que seja o typo da casa, ella reflecte o espirito dos moradores, modalizado nos seus costumes domesticos e nas necessidades agricolas, bem como influenciado pelo condicionalismo local. A acção tradicional reduz-se á obediencia ás normas impostas pelos agentes exteriores, e á parte decorativa geral dos mesmos ou similares modelos, provenientes da estylização naturalista ou de origens supersticiosas.

Essencial e intimo no viver da familia é o interior da casa. Lá dentro é que a familia vive os seus prazeres e as suas torturas. Ahi na intimidade do lar, o espirito é outro, um genio activo a dispôr, a crear, a recrear-se.

As roupas nas arcas; as mesas enfeitadas com todas essas bugigangas inuteis das feiras e romarias; as paredes com retratos, fitas, laços de papel, «registos de santos», estampas e imagens sagradas; a louça de barro, a louça fina, velha e nova, a louça de «arame», na cozinha, em armarios, estantes e prateleiras; as camas enfeitadas, com pesadas colchas garridas; os frisos com fileiras de maçãs camoesas e peras de inverno, a aromatizar as quadras,—tudo isso constitue um museu aberto ao coração, onde o espirito se sente bem. A casa é um crystal, que reflecte a alma de quem lá vive, o museu intimo, onde cada coisa é um pedaço de nós ou um pensamento nosso, como, no seu conjuncto e no que dos paes nos veio, é um pedaço de familia, um pensamento transmittido, que

é tão nosso, que nos foi legado com o corpo e com a alma.

A casa da lavoura, a casa do homem do trabalho de artes e officios, a casa de outras profissões, tem um traço commum que as liga, que é a união das almas na mesma crença, nas mesmas superstições, no mesmo espirito de raça. Distingue-as a alma particular de cada um, os habitos proprios e os regionaes, a serenidade da vida lá dentro, o estro da mulher que lá vive.

A casa da serra é triste, ha por lá um triste viver nas negruras fumosas e penumbraticas do magrissimo interior. Ahi não se encontram enfeites. Defendem-se as casas, defende-se o homem dentro de ellas, e cura só de saber como vencerá e a vida em si, a vida animal, exemplo ao compasso e ás tabellas do anthropologo, é quanto lhe importa e quanto de elle se pode esperar.

Na povoação espera mal o povo das casas da esquina; é quanto a localização marca, e diz-se:

Casa de esquina,
ou morte ou ruina.

*

* *

A cidade romana tinha o seu centro civico, séde de todas as relações, no *forum;* e depois, o municipio centralizava a administração, local e autonoma, no largo principal ou mais importante,

ante a camara ou palacio municipal, com o *pelourinho* attestador, e assim constituia tambem o seu *forum;*—a casa tem a sua parte destinada ás relações com o exterior a quem não é dado desvendar os mysterios ou intimidade do lar. Ora é uma sala especial, que para mais nada serve, e accumula quando muito com as funcções de escriptorio, ou arrumações,—ora é a cozinha.

Em verdade, a quadra, que na casa mais se apropria a receber as visitas e dar hospitalidade, é a cozinha com a lareira acalentadora. Tinha de ser assim. Na cozinha arde o fogo familiar. Se Gil Vicente dizia, na *Farça de Ignês Pereira* (*Obras,* vol. III, pg. 125)

> . . . . . a amiga e o amigo
> mais aquenta que boa lenha,

é para os aquentar que o espirito hospitaleiro da gente os recebe na cozinha. Ahi é a principal estancia da familia, á volta da lareira enorme, aberta, sentada em bancos de madeira de grande costado, fixos ou arrastaveis lá para o Norte. Dos costados ou das paredes, quando a lareira occupa um canto, descem mesas amigas sobre os circunstantes, que comerão o repasto sem se deslocarem e sem abandonarem o fogo.

«Casa de fóra» lhe chamam no Alentejo, onde a louça brilha nos esmaltes variados. Define-a Fialho: a de entrada, com a lareira, cujo pavimento é por vezes uma pedra de moinho,

cadeirão de azinho... [1] Ahi é uma sala bem alegre, branca, louçã, que logo encontra quem entra na casa. No Norte, em Trás-os-Montes, principalmente, é mais grave, mais senhoril, mais intima; ou se atravessa a casa toda para lá chegar, ou é a primeira para quem entre pelo quintal, isto é pelo lado opposto á rua.

O resto é pouco mais. Algures Léon Gautier definiu a casa francêsa do seculo XIII, que correspondendo ás necessidades, instantes então, satisfá-las hoje ainda, visto que são essencialmente as mesmas. «Une grande salle où l'on mange, où l'on chante, où l'on joue», — é a missão da cozinha rustica; «une ou deux chambres à coucher par étége», na casa de pavimento unico estão por isso no unico andar, e nas casas communs, em que ha dois andares, os quartos estão no andar superior e não passam de dois ou três o maximo, entre uns illuminados e outros interiores e esconsos; pouco mais, «c'est tout».

Em um artigo «Anforas portuguêsas», na *Atlantida* [2], escrevi acerca da cozinha do Alentejo as observações que seguem.

— «A casa alentejana é um museu de cerâmica, quer a de barro liso, quer a louça vidrada. Entre aquella, sobre tudo no Alto Alentejo, vê-se a de Extremoz, polida e desenhada pelas *lambe-*

---

[1] Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed., 1915, pg. 211.
[2] *Atlantida*, vol. IV (n.º 16 de 15-II-917) pg. 275.

deiras, mulheres que a brunem e decoram com a *pedra china* (1). A par, ha a louça vidrada de Redondo e Flôr da Rosa, os cantaros extremocenses ou viannenses, dos numerosos fornos disseminados na provincia. As *pilheiras*, nas cozinhas, ostentam a louça vidrada, como as *cantareiras* (2), poiaes interiores, se enchem da serie de cantaros para uso e ostentação. Na cal branca da parede, caiada na ultima semana, a louça sobressahe. A cozinha, de gyneceo que era, ao abrigo do *chupão,* — essa chaminé irrevogavelmente branca, — vem assumir a graça de museu regional».

De uma cozinha do Norte, dá Camillo uma rapida descripção em *A Bruxa do Monte Cordova:* «circunvagando os olhos pelas alfaias da cozinha (da casa dos paes) . . . O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do caniço. A mesma trempe de pedra. O mesmo gomil de estanho com vinho. A almotolia dependurada no mesmo páo bifurcado atraz do lar». (2.ª ed. pg. 236).

---

(1) A «pedra china» tambem se chama «brunidor». A louça de Extremoz tinha nome no occidente europeu, durante o seculo XVI. Mandavam-na cá buscar de França, no tempo de Francisco I, o fundador do poder real, o artista real do Renascimento francês. Victurini, na Descripção da Viagem do Cardeal Alexandrino á Côrte de D. Sebastião, levou á Italia a fama dos barros, que tanta admiração lhe causaram. Tem já uma curiosissima bibliographia com Bautista de Castro, Herculano, José Queiroz, etc.

(2) Já nellas falla Gil Vicente, no *Clerigo da Beira,* vol. III, pg. 232.

*
* *

Eça de Queiroz na *Illustre Casa de Ramires* marca os moveis de uma casa: mulher, arca e catre (1). É o principal.

«Cama chamão cá as arcas», diz Gil Vicente no *Juiz da Beira* (2); as arcas modernas como as arcas velhas, de castanho com fecharia, são caixas onde está o bragal, é o guarda-roupa da aldeia, cofre na casa, movel de estima nas mãos dos antiquarios artistas. Fialho enuncia esta mobilia em uma «casa de fóra» no Alentejo: cadeirão de azinho, arcas de castanho com fecharia, tamboretes de coiro, pilheira de louça de estanho (3).

A cozinha e a cama, para a lide da casa e para o descanso, são as primeiras necessidades da casa. Da cama diz o dictado: «quem boa cama faz, nella se deita» (4). E só os «sem eira nem beira, nem pau de figueira» (5), é que não dirão o mesmo ou pensá-lo-hão melhor que os outros,

---

(1) Eça de Queiroz, *Illustre Casa de Ramires*, 4.ª ed. 1907, pg. 27.

(2) Gil Vicente, *Juiz da Beira*, *Obras*, vol. III, pg. 177.

(3) Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed. 1915, pg. 211.

(4) «Comme on fait son lit, on se couche» dizem os Franceses; identico adagio se vê em H. Ibsen, *Hedda Gabler*, tradução francesa de Prazor, 3.ª ed. Savine, Paris 1792, pg. 120.

(5) Já mestre Gil Vicente, nos *Almocreves*, aproveita este rifão, *Obras*, vol. III, pg. 252.

pela falta que tem da cama e commodidades apropriadas.

Entre o mobiliario do Sul são garridas as cadeiras de Evora, «de pinho pintado de flores de rosa e d'oloendro, o assento de tabúa secca», que tanto interessavam a retina de Fialho ([1]). Em fundo azul, rosa ou vermelho, se fazem hoje, pedominando as rosas claras, oloendro e amores perfeitos, num alto gosto decorativo.

É grande o contraste da mobilia do Sul, leve e airosa, e a do Norte, pesada e grave no seu massiço de castanho. A mobilia floreada de Evora está hoje localizada na velha e pittoresca cidade, o que não quer dizer que em tempos passados ella não abrangesse toda a zona central do Alentejo; talvez o resto dessa extensão se possa vêr na maior área em que se faz ainda hoje a mobilia alentejana do mesmo estylo popular, de cadeiras pintadas de vermelho de sangue, pintalgadas de escuro, com ou sem verniz, assentos de junça ou buinho, e sem a decoração de flores.

Para as Beiras fazem-se mobilias de madeira, arestas vivas, faces lisas e polidas; as de Trás-os-Montes são solidas; no Algarve, de tabúa, são mais moles, mais commodas na sua elasticidade e modelos. No *Saibam quantos,* Fialho refere-se ás mobilias de castanho aplainado de Monchi-

---

([1]) Fialho de Almeida, *Os Gatos,* ed. 1916, vol. V. pgs.

que [1]. Fazem-se mobilias leves de vime e verga no Alentejo, Algarve e na Madeira [2].

II

EM FAMILIA...

[A vida em familia]

Não ha casa farta, onde a roca não anda.

(Do povo)

«Ha em todos os lares restos de crenças, lendas, superstições que a gente conserva toda a vida, e a cada momento occorrem como o estribilho d'uma velha canção», escreveu Fialho de Almeida no *Paiz das Uvas* [3].

A vida em familia é de trabalho, trabalha-se para viver, por ter a casa em graça e fartura, para

---

(1) Fialho de Almeida, *Saibam quantos*, Lisboa, 1912, pgs. 139-140.

(2) Das obras de vime, e referindo-se ás de verga, diz Gaspar Fructuoso como se fazem e usam na Madeira (sec. XVI). «Ha nas faldas «da serra, da banda do Sul, muita giesta, que he mato baixo como urzes, «que dá flor amarella, de que o gastão nos fornos, e della se colhe a «verga, que esburgão como vimes, de que se fazem cestos brancos mui «galantes e frescos para serviço de meza, e offerta de baptismos e outras «cousas, por serem muito alvos e limpos; e se vendem para muitas in«venções de cestos mui polidos e custosos, armando-se ás vezes sobre «hum, dez e doze e diversos, ficando todos juntos em huma peça só; e «para se fazerem mais alvos do que a verga he de sua natureza, ainda «que muito branca, os defumão de enxofre». Gaspar Fructuoso, *Saudades da Terra*, ms. do sec. XV, ed. por Alfredo Rodrigues de Carvalho, Funchal, 1873, pg. 106.

(3) Fialho, *Obra* cit., 3.ª ed., 1915, pg. 258.

economias. E num ramalhar de encantamentos que são as crenças nos seres divinos, as superstições nas coisas, a vida em familia é um quadro emmoldurado onde a belleza de viver está no mundo mysterioso, que nos rodeia, ora nos alegrando na invulnerabilidade de corpo e alma, ora nos atemorizando nos receios dos presagios e agouros, que nos ameaçam.

Na familia se sente com as suas tradições uma solidariedade, uma convivencia mysteriosa, que unem os vivos na casa, no lar, aos que já por lá passaram e morreram. O espirito da familia, vinculado na alma com o sangue no corpo, em parte alguma se sente e esvoaça em bençãos como na casa familiar, concretização evocadora do tempo e do espaço na materialidade do solo, da altura e do abrigo dos telhados, em que os antepassados soffreram, gosaram e morreram.

A tradição da familia exprime o sentimento da ordem e da disciplina. É o pae que manda, dirige, conforma, e os filhos, a familia que obedecem. São os filhos a criar, a educar, a mãe a soccorrer e amparar, a solidariedade, o amor, a ordem geral no sentimento a unir os corações. Essas tradições da familia vão aonde cada uma vá, porque ellas se não guardam em uma arca santa; misturam-se com os nossos actos, animam o nosso sentimento para nos dar unidade no apoio do sentimento á intelligencia, e duração ao accordo da intelligencia com o sentimento.

A familia não é o individuo, é a cadeia de gerações que se seguem. Num determinado momento os seres vivos de uma familia são os continuadores da obra solidaria, cujo patrimonio é a virtude collectiva e o espirito de união ideal. Por isso, é na familia que reside a tradição, — orgão da tradição lhe chamou a ella Firmin Roz na «*Introduction*» ao livro de Henry Bordeaux, já citado, *Les Roquevillard* (1). Este mesmo no seu *Le Pays Natal* diz: «relié par la race au pasé et à l'avenir, «il a le temps pour allié... (fala de um indivi-«duo, integrado no respeito pelo culto da fami-«lia). Il sait qu'il ne mourra pas tout entier, et «que le souvenir de ses actes demeurera dans sa «maison, comme les traits de son visage réappa-«raîtront sur les jeunes visages» (2). — «Ce n'est «pas le patrimoine qui fait la famille. C'est la suite «des générations qui crée et soutient le patri-«moine» (3).

Di-lo Anthero de Quental no seu soneto *Com os Mortos:*

Os que amei, onde estão? idos, dispersos.
. . . . . .

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem commigo.

---

(1) H. Bordeaux, *Les Roquev.*, Nelson, pg. 5.
(2) H. Bordeaux, *Le P. Natal*, «Préface».
(3) H. Bordeaux, *Les Roquev.*, pg. 172.

Vejo-os, ouço-os e ouvem-se tambem,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na communhão ideal do eterno Bem [1].

A familia é eterna. É vêr; se ha festa do lar, onde a familia commungue no mesmo sentimento do sangue, é a do Natal. A republica, laicizando-a, viu-se obrigada a reconhecer o prestigio moral e social de esta festa; quando lhe tirou o caracter religioso, deixou-lhe bem claro o alto valor da sua essencia.

Festa de familia, o catholicismo della é o reconhecimento da virtude familiar. O symbolo da familia da terra, o seu modelo, é a *Familia Sagrada,* em Belem da Judeia, que Deus, descendo do Ceo, veio trazer á terra para nossa illustração. Se, politicamente, o regimen republicano lhe tirou Deus, Deus ficou dentro da familia, como esteio e mandamento.

O Natal reune a familia no mesmo lar. As sombras paternaes dos antepassados fulguram como nunca em nossa consciencia. Este costume de tão longas datas é a sobrevivencia eterna da sua instituição.

Sentados na mesa commum, os membros da familia, que acorrem ao repasto festivo, agapes de uma geração viva ás gerações que nos ligam ao principio christão, só um sentimento tem, o

---

[1] Anthero de Quental, *Os Sonetos,* ed. da Livraria Portuense, Porto 1890, pg. 116.

de si proprios, o da eternidade da crença e da raça. Uma voz occulta, naquella serena constancia das coisas intimas, só comparavel ao segredo de nós mesmos, echoando ao nosso ouvido como palavras extintas, proclama na inteiresa do nosso ser a verdade da nossa existencia. É o laço que nos une ao passado e nos incita ao futuro.

O pae e a mãe, na mesa da festa do Natal, representam a invocação christã do «presepio». E, se não estão, a saudade forma-lhes de lagrimas o vulto amigo de protectores ainda além da vida, nessa irrealidade que não alcançamos senão na abstracção de nós proprios. Todos nós queremos ter em casa, nos lugares de honra, os retratos de nossos paes. A significação de esse prazer de espirito, que o costume guardado e a nossa evocação nos pedem, está na necessidade sentida do preito aos nossos maiores, com affirmação de fé e pedido de protecção.

O dia de Natal, que é o dia da familia reune estas verdades na força mysteriosa do seu attractivo.

Honrar pae e mãe, — respeitar a mulher do proximo, vendo o dever no respeito e amor da que Deus nos deu, — são os mandamentos divinos da familia, que nestas horas de immoralidade e rebeldias temos de recordar.

A reunião nesse dia festivo, que tem mais soberanias de intimidade que de pompas, é a communhão da familia. Ella communga, na hos-

tia sagrada da solidariedade contínua, o mysterio da eternidade. E uma vez no anno. É a confissão geral dos peccados contra a collectividade familiar. É o reconhecimento da unidade nas almas, da convergencia no destino commum que todos tem de honrar.

A familia só pode deshonrar-se com a quebra da tradição das suas leis moraes. Não é o crime de um que a deshonra. Sempre succede que ás faltas de um corresponda o mais acrisolado amor e solidariedade dos outros na familia. Á dôr de um a paixão de todos.

A verdade revelada pela força do sangue é o mysterio da nossa vida. Se queremos espiritualizar a nossa lucta, a nossa vontade, a nossa finalidade, só temos que respeitar essa tremenda força imanente, a que não podemos fugir.

Bem sentida, bem comprehendida, a familia é um estímulo e um salvaterio.

*

* *

— Quando á porta da rua bate alguem com o pé, isso é bom signal. Indica presente, pois quem assim bate vem com as mãos occupadas. (Alentejo). — Se a porta ou alguma janella se abre com o vento, diz-se logo: «entre, Bento». — Ao transpor a porta de casa, deve de se entrar sempre com o pé direito, pois assim é «entrar bem».—

Atrás da porta, suspende-se a ferradura, sendo melhor a do cavallo branco de S. Jorge, na procissão de *Corpus-Christi;* dá sorte e quebra o mau olhado; no Alentejo metem-se «coriscos» ou «raios» (machados neolithicos de pedra polida), para «aparar» o raio ou «sumir» o mal nas trovoadas. — Se um cão urina á porta, com o focinho para dentro de casa, ha dinheiro fresco.

— Não se deve de varrer a casa á meia noite, e, varrendo-a, não se deita fóra o lixo, porque vae com elle a fortuna. — Quem entra em casa, limpa bem as solas, não leve a cinza das encruzilhadas, onde as bruxas se reunem. — Ao entrar, no Alentejo, em casa que se quer habitar, olha-se para o travejamento, e contando os paus que supportam o telhado, diz-se: *beber, comer, fugir;* repete-se como no desfolhar do malmequer, até o ultimo; *comer* ou *beber,* serão felizes na casa; se cae *fugir,* não se aluga a casa; — tambem se diz da mesma forma: *ouro, prata, mata,* e, se cae o mata, vão-se embora os que procuram o aluguer.

— Casa onde ha a flôr encarnada que chamam *tafula,* no Alentejo, ha desuniões matrimoniaes ([1]). — Onde ha muitas carochas, abunda dinheiro enterrado (Alentejo).

— Não se devem de ter rolas em casa. Ao cantar, dizem: «põe-te na rua, põe-te na rua».

([1]) Thomás Peres, «Investigações Ethnographicas», in *Revista Lusitana,* vol. XI, (1908), pg. 259 e ss.

— Para fartura do casal, protegendo creanças, anhos, bezerros e bacorinhos, guardam-se no Minho giestas de Maio, que é flôr santa. — Na Quinta-feira da Ascensão, «quinta-feira ou dia da espiga», colhem-se no campo, entre o meio-dia e a uma hora [1], cinco folhas de oliveira, cinco espigas de trigo, flôres amarellas e brancas para enfeitar o ramo, resando-se cinco *Padres-Nossos,* cinco *Ave-Marias* e cinco *Glorias,* e não se acabará em casa, durante o anno, o trigo (espigas), o azeite (folhas de oliveira), o ouro (flôres amarellas) e a prata (flôres brancas), — (Alentejo).

— É mau presagio: entrar um enxame de abelhas em casa, porque traz desgraça (Alentejo); — um cão preto, que entra em casa estranha, indica que tudo ahi correrá mal; — encontrar vacca magra, é perspectiva de miseria; — vêr um corvo á nossa esquerda, é luto ou tristeza; — vêr um gafanhoto, quere dizer que se é roubado pelos creados e explorado pelos amigos; — vêr ou afugentar um rato, significa sermos explorados por um parente; — vêr uma aranha, é uma

---

[1] As horas tem superstições especiaes. Ao *meio-dia:* apparece o Diabo em Villa Nova de Anços; é hora amaldiçoada em Bragança; é a hora do «homem das sete dentaduras», do Cerro Vermelho (Algarve); anda o Diabo á solta, no dia de S. Bartholomeu (Lisboa); é hora asiaga, a «hora aberta» no Porto... A' *meia-noite,* canta o gallo, desfazem-se os encantos, as feiticeiras fogem, nasce Jesus. Canta-se em Villa Real:

A hora do meio-dia
é a hora da tentação
. . . . . .

embuscada em preparação; — um gato, que nos arranha, é traição, — e um cão, que uiva, dá más novas.

— Vêr uma cotovia, é bom signal, os negocios correm bem; — uma cegonha traz felicidade e paz; — e se a cegonha vem fazer o ninho no telhado, a casa está livre de desastre e de incendios mesmo; — o canto do rouxinol ou da toutinegra traz felicidade; — os ninhos de andorinha dão felicidade á casa em que estão; — é feliz quem vê uma aranha logo de manhã.

— Contra as trovoadas e tempestades ha na frente das casas, em Parceiros (Alcanena), cruzes de madeira ou de canna com hervas bentas, como alecrim, rosmaninho, etc.; — queimam-se hervas bentas, para afugentar as trovoadas (Trás-os-Montes etc.); — para o mesmo fim, lançam-se ao fogo sal, hervas santas ou ramos bentos no Domingo de Ramos; — põe-se a arder o cepo do Natal; — accende-se a vella *Maria,* de cêra colorida, que foi benta no dia da Senhora das Candeias (Arcos de Valdevez) ou noutro dia, e é vella Maria tambem a de cêra virgem, das que serviram nos officios da Semana Santa ([1]); — da capella do Senhor do Calvario, em Gouveia, furtam ao andor da sua imagem pedaços de cortiça, para affastar as trovoadas ([2]); — tambem servem as pinhas, que se

---

([1]) Felix Alves Pereira, *Lusa,* vol. I, pg. 74 § 70.
([2]) *Ecos da Beira,* Gouveia, 19-VIII-917.

debulharam ao lume familiar e santo da Noite de Natal (Minho).

É curiosissima a superstição do lume, — «o fogo, que desfaz tudo em pureza», na expressão de Frei Agostinho da Cruz ([1]). E o calor da casa, o cozinheiro da familia. — Emprestar lume a um vizinho, equivale a desejar-lhe felicidade ([2]). — Depois de se apagar o lume, faz-se uma cruz na cinza, para o ter outra vez, quando se quiser (Evora) ([3]). — Mas se, o anno inteiro, elle é ventura no lar, houve tempos e ha casas ainda para Braga, onde se não accende na Quinta-feira Santa. — O lume é sagrado ([4]) e é peccado cuspir nelle, pois sahiu da bocca de um anjo no principio do mundo (Sinfães), sendo o mesmo que cuspir na felicidade (Beira Alta) ([5]), e na cara de Deus (Douro) ([6]); urinar sobre o lume, faz dor de pedra (Beira Alta) ou collica (Porto), e impossibilita de tornar a urinar ([7]). No Natal queima-se um madeiro, que tem o nome de *cepo do Natal:* na Beira, os rapazes cortam o tronco, cepo, de uma arvore, e queimam-no em o adro da igreja, durante a Missa do Gallo» ([8]); em Valdevez e em

---

([1]) Fr. Agostinho da Cruz, *Obras* (Remedios) «Ecloga» vol. VI, pg. 49.

([2]) Cria-se que na conservação do fogo, eterno, nacional e santo, estava a prosperidade do país; creem-no v. g. os Damaras de Africa, Indios do Novo Mundo, etc. Riale, *Mythologie Comparée* vol. I, pg. 139; Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. III, pg. 136.

([3]) Fialho de Almeida, *Paiz das Uvas*, 3.ª ed., 1915, pg. 196.

([4]) Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. III, pg. 101.

([5], [6] e [7]) Leite de Vasconcellos, *Id.* vol. III, pg. 140.

([8]) Leite de Vasconcellos, *Id.* vol. III, pg. 134.

quasi todo o Norte e centro do país, colloca-se o cepo na lareira e deve de arder até o anno novo, servindo, para pôr a arder em dia de trovoada, o que de esses dias sobrar ([1]).

— Se o lume é brilhante e egual, ha futuros prazeres, como ha desgraça no caso de teimar em não se accender. — Extinguir-se é indicio de tristeza. — Deitar cabello no lume, traz desgraças, — deitar cannas, provoca dôres de dentes. — Se o fumo se alevanta, vem ou está bom tempo; se desce, vem chuva breve.

— Quando a lenha se queimava, gritava; por isso Nossa Senhora lhe tirou a fala, para se não commover. — Se o lume «ralha», estão a dizer mal da gente; para o atalhar, diz-se:

tanto fales na minha vida
que se esqueça a tua pela minha.

---

[1]) Felix Alves Pereira, *Lusa*, vol. I, pg. 74 § 69. Na noite de 19 para 20 de Janeiro, os rapazes de Valdevez accendem fogueiras nos cabeços dos arredores da villa, em honra de S. Sebastião, advogado contra a peste, fome e guerra; *Id. Lusa*, vol. I, pg. 35 § 29.

Em certos lugares do Norte, põe-se ao lume o «trafogueiro» queima-se depois, quando ha trovoadas, como se faz com os ramos bentos. — No S. João, acende-se no cimo dos montes o falho, galheiro (Beira Alta) ou a ceira das azenhas; o falho é um molho de lenha em volta de um pau alto; ao acende-lo, os rapazes rufam tambores e tocam pifanos, com grande algazarra; ardem tambem no monte pinhas seccas: Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. III, pgs. 131-132. Ha varias invocações magicas do fogo, com fim curandeiro:

Fogo no sargaço,
saude no meu braço.

Fogo no rosmaninho,
saude no meu peitinho.

Fogo no fieito (fecto),
saude no meu peito.

Fogo na bella luz,
saude nas minhas cruzes.

A refeição tem tambem as sua comminações supersticiosas. — É mau entornar sal na mesa; — não é bom dar-se sal, e, quando se dá, dá-se com a mão esquerda, para nos não poderem fazer mal (Alentejo); — as osgas vão desovar ao sal, e por isso devem de se ter dentro do saleiro uns dentes de alho, para as afugentar (Alentejo); — é alegria entornar vinho na mesa, ás refeições; — ter os talheres em cruz é mau presagio, ha morte; — falar de pombos, quando se está á mesa, dá signal de boa sorte; — e, falando-se de mortos, é mau presagio; — não comer á mesa as cabeças dos animaes, que são cozinhados, livra de dôr de cabeça; — deixar cahir no sobrado o pão da mesa, é mau presagio; para se frustrar o mal, e se ter abundancia ou certeza de pão, levanta-se e beija-se; — deixar pão trincado é mau, entram as bruxas com a pessoa; — o pão de base para cima, «de pernas para o ar», indica ladrões em casa; — beber pelo mesmo copo, dá a conhecer ás ultimas pessoas os segredos das primeiras; dobrar o guardanapo e arrumar as cadeiras, depois da comida, faz separação.

*

* *

Além dos trabalhos da casa, tem as mulheres as suas industrias domesticas, para uso seu, para encommendas, ou para levar ás feiras e mercados, quere dizer para utilidade immediata e para eco-

nomia. Trabalha-se em commum, em familia ou conjuncção de familias, em casa, na lareira, na rua.

Em Terras de Miranda, fiam em commum ao ar livre, á volta da fogueira grande ou nas lareiras; as rocas fiam tudo, a lã das canhonhas, a estopa do linho, ou o linho.

Houve ricas industrias regionaes, cujo trabalho se executava em pequenas officinas rusticas e nas familias com accordo geral ou em isolamento industrial. De esses tempos restam reduzidos vestigios, espalhados na provincia.

Eram numerosos os teares, para saragoças, estamenhas, bureis, briches. Canta-se em Villa Real:

Senta-te aqui, Antonio,
na mesa do meu tear,
enche-me aqui as *canellas*,
e o mundo deixa-o falar.

Diz a filha do Rei, na *xácara* recolhida por Fernandes Thomás:

— Estando no meu tear
Na minha teia a tecer,
Veio o conde de Allemanha,
E a teia quis desfazer [1].

Dos pannos de Alcobaça, de que até ha pouco tempo eram conhecidos os celebres lenços «tabaqueiros» ou «rapèseiros», e que os revolucionarios de 1820 traziam pendentes dos bolsos da

---

[1] F. Thomás, *Velhas Canções e Romances populares portugueses*, 1913, pg. 6.

casaca de briche, fallava já Mestre Gil Vicente, na *Farça dos Almocreves* (*Obras,* vol. III, pg. 203-205).

Era feito em casa e em serie todo o trabalho da roupa da casa, como o enxoval da noiva. Na terra cultivava-se o linho, no rebanho extrahia-se a lã: ou ia-se ao mercado e tinha-se a lã surra, e o linho còrado. Da espadellada com lindos trajos, lindas festas, lindas facas de madeira ornamentadas, lindas mulheres, á fiação das rocas, não menos bellas e garridas, ás dobadouras ou «sarilhos» da meada feita em novello, ao tear de graciosos accessorios decorados nos de Coimbra (1) e Condeixa (cambos, lançadeiras, arrôchos), ao tecido, peças de vender ou guardar, o bragal emfim . . . Roupa de dentro e roupa de fóra, pisoada e promptinha.

Essas cobertas de traparia, famosas em todo o Minho, no colorido matizado e polychromico dos desenhos geometricos e simples da trama, quentes no agasalho do frio, vão de casa, pacientemente feitas, ao mercado taful e brilhante das feiras minhotas; são em casa um embellezamento singular.

Riscadinhos, briches, bureis, serguilhas, amantesados monotonos e grosseiros no planalto barrosão e geralmente usados pelos serranos do Norte e Centro, côres vivas no Minho farto e alacre,

---

(1) Vergilio Correia; «Velhos teares do concelho de Coimbra», in *A Rajada*, Maio 1912, sep., pg. 9.

vestem do labor da casa a santa gente das familias portuguesas (1).

O espirito artistico desenvolve-se ahi quanto pode, para embellezar esses productos ainda vivos, restos sympathicos do periodo brilhante das industrias regionaes. São as cobertas de tornar «secias» as camas no quarto de dormir, lindas no Minho (2), bellas as de Urros (3) e Santa Clara de Coimbra. São as meias, industria curiosa da terra que por isso se chamou Mondim das Meias (4) (Mondim da Beira), *piúcas,* sem pé, de Ancora, e piugas de Darque, Anha, etc. (5). O que, supponho se não teve cá foi o tear de meias, feitas unicamente com agulhas (6), servindo-se ou não de moldes de madeira e de cartão rijo, planos, com o contorno e tamanho da perna e do pé (7), onde se molda e distende a meia.

---

(1) No jornal de Lisboa *A Patria,* de 11 de Julho de 1920, o snr. D. Bernardo Vinhas evoca as velhas industrias de Bragança em contraste com a decadencia actual. Em 1826 já ellas viviam em decadencia, mas viviam. Eram numerosas as fabricas de velludos, sedas e damascos, muito procurados pelo estrangeiro; as industrias subsidiarias de estas lá estavam: tinturaria, sericicultura, construção de teares; outras industrias como a dos cortumes, as destillações, extracção de ferro e de cera, etc.

(2) *Lusa,* vol. I, pg. 91 e ss.

(3) Severo Portella, *Terra Portuguesa,* vol. I, pg. 30.

(4) Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Ethnologico Português,* 1915, pg. 252. Vergilio Correia, «A industria popular de Mondim 'das Meias"» in *Terra Portuguesa,* vol. II, pg. 50 e ss.

(5) *Lusa,* vol. I, n.º 14, pg. 30.

(6) Mettem-se as agulhas em agulheiros, que, com a forma de «boleta» e outras, se chamam «preguiças» no Alentejo.

(7) Attribue-se a invenção do tear de meias a um serralheiro da Baixa Normandia, que entregou a Colbert um par de meias de seda, que nelle fez, para o entregar a Luiz XIV; tamanha foi a intriga que elle passou a Inglaterra, onde collocou bem o invento.

A mais bella e delicada de todas estas industrias foi e é ainda a das rendas e bordados. Houve, não ha muitos annos, uma exposição de lavores populares, em Vianna do Castello, que foi uma prova admiravel de estylo tradicional, e de habilidade nas mãos que fizeram os trabalhos expostos, com bordados em panno de linho, de riscos «tirados de cabeça», como as artistas dizem.

Os bordados em Vianna, Villa do Conde, Guimarães, são a «pontos» brancos ou coloridos, a linha vermelha, azul e branca, de algodão lustroso *(perlé)*, e algodão commum; formam o desenho a cheio ou em *rede de ponto de crivo* ou de *nó* [1]; e estylizam symbolos amorosos (corações, simples ou duplos, enflorados, chaves), religiosos (cruzes), animaes (aves, peixes, cães, gatos), vegetaes (folhas, flôres e vasos com plantas), objectos de uso (lançadeiras, foices); ou tem simplesmente desenhos geometricos, dispostos geometricamente. Ha «riscos» para os bordados.

Bordam roupas de cama, roupas de vestir, toalhas, guardanapos; são decorativas as camisas, sobre tudo as dos homens, a branco, ou a côres, com flôres de bello effeito a «ponto de cordão» e «ponto de pé de flôr».

Em Viana do Castello, Villa do Conde, Peniche, revivem hoje os restos das rendas portu-

---

[1] São os pontos «alla rosa» de Burano, Argentau, Alençon; «punto in aria», do fundo de rêde, de Burano.

guesas. Cá, na Madeira, e em outros pontos talvez da costa, em Setubal (Outão) e Algarve (Olhão), as rendas nascem á beira mar, como na Veneza das Ilhas das Rendas *(Isole delle trine)*, ou por melhor sahida terem pelo porto de mar, ou por tradicional influencia da espuma do mar em desenhos phantasiosos, como já os Gregos attribuiam ao mar as rendas e a Ariadne os tecidos. *Rendeiras, rendilheiras, feitoreiras,* com os bilros, o rebolo, os alfinetes, as folhas com o desenho da renda a picotar «piques», a linha que costumava e tinha de ser do linho nacional, as rendas são a delicia dos olhos e o encanto das decorações [1].

Como os bordados estão os tapetes, os prestigiosos e tradicionalissimos tapetes de Arrayollos, na villa branca e ensoalhada, ao sol no descanso do velho castello, que espreita a um lado os campos de Evora, e do outro perfila o seu assento negro pelos montes que descem á planicie do Cano a Ameixial e ao Canal, ponto negro no horizonte vago pelas alturas do Alto Alentejo.

Disse Bluteau (sec. XVIII), referindo-se á «arte da seda»: «a mais nobre, a mais lucrativa, e a mais mysteriosa, he a arte da seda; he esta arte tão nobre que pode servir de occupação á nossa

---

[1] Como a nossa louça, a renda grossa tem uma deliciosa «gaucherie», o seu maior encanto e fortuna; não se dá com ella o mesmo que com aquella renda veneziana, «Cardinale Rezzonico», tão subtil que a não podem fazer já as operarias de 35 anos.

nobreza, sem desdouro do seu luzimento»... É o melhor elogio na epoca e na penna do homem que tal escreveu [1].

*

* *

— A roca tem de ficar espiada de noite, senão vem os defuntos dar com ella, e acabam de a espiar (Alentejo).

Adagios populares correntes symbolizam na roca a boa paz e o trabalho do lar. — «Mal vae á casa, onde a roca manda a espada», — rifão da boa harmonia da casa. — «Não ha casa farta, onde a roca não anda», — allusão á mingua domestica por falta de trabalho. — «Sabbado á noite, Maria dá-me a roca»; — e Domingo é santo, dia de descanso, Sabbado á noite é o fim da semana, o apurar do trabalho. Completa os mandamentos a série de adagios similares do fuso: — «quem faz tudo, não enche o fuso», — «mal vae ao fuso, quando a barba não anda em cima», como quando «a roca manda a espada», etc. [2].

Gil Vicence allude varias vezes á roca e ao trabalho domestico. No *Auto da Lusitania,* diz a «Mãe»:

Traze-me a roca e a banca
E o fuso que está co'ella.

---

(1) Raphael Bluteau, *Prosas Portuguesas,* pg. 319.
(2) Bluteau, *Vocabulario,* ss. vv. «Roca» e «Fuso».

Responde o «Pae»:

. . . . . .
Assentae-vos a fiar [1].

No *Auto da India,* diz a «Ama» á «Moça»:

Mostra-m'essa roca ca:
Siquer fiarei hum fio [2].

E, para findar as citações, na *Farça de quem tem farellos,* fala a «Velha» com «Isabel». Diz a «Velha»:

— Hui! pois jeita-te ao-fiar
Estopa, linho ou algodão,
Ou tecer. . . . . .

Responde-lhe «Isabel».

Eu sou filha de muleiro?
Em roca me falais vós? [3]

D. Francisco Manuel de Mello, no *Tempo de Agora,* elogiava os antigos tempos do trabalho caseiro. «Idade de ouro — dizia elle — e tempo santo, quando a Raynha D. Catharina assi era continua no trabalhar; que da secura que lhe causava o fiar, tinha sempre apar de sy hum pucaro com agua em que molhava os dedos; do qual trabalho fazia corporaes para as Igrejas» [4].

---

[1] Gil Vicente *Auto da Lusitania, Obras,* vol. III, pg. 267.
[2] Gil Vicente, *Obras,* vol. III, pg. 27.
[3] Gil Vicente, *Obras,* vol. III, pgs. 23-24.
[4] D. Francisco Manuel de Mello, *Tempo de Agora,* parte I, ed. 1785, pg. 106.

Camillo Castello Branco, esse a cada passo, na descripção natural do meio e das personagens dos seus romances do Norte de Portugal, põe em scena o trabalho domestico do fiar: «raparigas á lareira, com a roca á cinta e as estrigas no avental», do segundo volume dos *Mysterios de Lisboa* (7.ª ed., pg. 105); «fazendo zumbir o fuso, e salivando o fiado», no mesmo livro (pg. 105); «Jacintha (a mulher do sapateirola, «mestre Cambado») carregou a roca, e sentou-se ao pé de seu marido, torcendo, entre os dedos magros e callosos, o fuso, a cujo fremito monotono e regular o sapateiro parecia dormir», do *Anathema* (6.ª ed., pg. 23) (1).

Em Guimarães canta-se a quadra graciosa, em que se atribuem á Virgem os mesmos cuidados domesticos de mulher e mãe:

A Senhora da Lapinha
anda no monte sem roca;
p'ra acabar uma meada,
falta-lhe uma maçaroca (2).

Como Santa Genoveva era pastora, os seus «registos de santos» representam-na em pleno

(1) Tambem descrevem o fiar e alludem á roca, entre outros Alexandre Herculano, nas *Lenda se Narrativas*, quando fala de Anna Margarida, ama de Mestre Affonso Domingues, (13.ª ed., 1918) vol. I, pg. 245, em «A Abobada» e no «Monge de Cister», vol. I, pg. 258; Rebello da Silva, em *A camisa do noivado*, cap. IV; Simões Dias, fez os versos «A' tua roca», e Alberto Osorio de Castro as «Saudades» (*Exiladas*, Coimbra, França Amado, 1895, pg. 19)...

(2) Oliveira Guimarães (Abbade de Tagilde), *Guimarães e Santa Maria*, (1904), pg. 85.

campo, no meio do rebanho, a fiar; assim, um «registo» da collecção de A. Fernandes Thomás, hoje no Museu Ethnologico, mostra-a com a estriga na roca, a correia a apertar a estriga, a roca na cinta como a mulher do povo usa: «Coudere Pinxit, L. Maurin Lth[ographou]. — Lix.ª Lith. de Maurin, r.ª dos Poijaes de S. Bento n.º 7».

No *Romanceiro* de Garrett, as xácaras a miude referem a roca. Na *Bella Infanta* (1):

Dera-te as minhas joias,
Que não tem peso e medida;
Dera-te o meu tear de ouro,
Roca de prata polida.

Em *a Noiva arraiana* (vol. II, pg. 69) está a saudação:

Deus vos salve, minha tia,
Em vossa roca a fiar!

E em *O Cégo* (vol. II, pg. 84).

Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vae com o pobre cego, pôl-o no caminho.
. . . . . .
Espiou-se a roca, acabou-se o linho.

Em *o Cego fingido* de Mação:

— Dê-me a minha roca
bem cheia de linho,
para ir o cego
guiar ao caminho.

— No espicho da roca
acabou-se o linho;
adeante, cego,
lá vae o caminho.

(1) Garrett, *Romanceiro*, ed. de 1904 (Livraria Moderna, vol. I, pg. 40); No ultimo quadro do *Alfageme de Santarem*, Alda, fiando, embala com o pé o berço do filho, e as moças cantam a xácara da *Bella Infante*.

Para as quadras populares, é um assumpto corrente:

Menina, venha commigo
vêr o pessegueiro da horta;
se não quer perder o tempo,
venha fiando na roca.

(Villa Real)

Do tear cantam bem outras cantigas:

Mariquinhas tecedeira,
tem o tear á janella,
dá-lhe o vento dá-lhe a chuva,
todo o fiado lhe quebra.

(Villa Real)

Mariquinhas tecedeira,
tem o tear e não tece,
ou ella anda d'amores, —
ou o tear a aborrece.

(Villa Real)

Aprendi a tecedeira,
nunca aprendesse tal vida;
paus por baixo, paus por cima,
paus por trás, paus á barriga.

(Atalaya)

Em o *Conde d'Allemanha*, de Mação, ouve-se:

A teia de meu tear
empeçou em demasia.

III

OS FILHOS...

Senhora da Saude,
Quem pregunta saber quer,
Se a romaria é aceite
Do homem sem a mulher.

Quem tem filhos...

(Do Povo)

Logo de começo da sua vida em familia, que pode ser immediatamente ao acto festivo da ceremonia matrimonial, ou, se ainda algures subsiste o velho costume, depois do prazo consuetudinario de tres a dez ou quinze dias, o homem e a mulher devem de comer juntos no mesmo prato e dormir no mesmo leito, para que se não desfaça a união entre elles.

Que, depois, como na *Ignês Pereira,* de Gil Vicente [1];

Quando te não precatares,
Virão maridos a pares
E filhos de tres em tres.

A mulher procura nortear o seu amor pelos seus compromissos, adaptando-se á vida nova, por mais que lhe custe a dura passagem dos amores risonhos ás canseiras domesticas e ao con-

---

[1] Gil Vicente, *Obras,* vol. III, pgs. 122-124.

vivio constante, em que raras vezes as almas se congraçam. Ella obriga-se, mas obriga o homem ás mesmas responsabilidades. O compromisso reciproco é cantado na poesia popular, que, se tem defeito, é nem sempre corresponder ao sentimento a realidade ou a norma moral. O sentir lá está.

Dentro do templo sagrado,
tu juraste e eu jurei;
prometteste-me ser firme,
eu te ser leal protestei.

(Atalaya)

E a evocação do sacramento e a indissolubilidade da união. E a mulher, no seu novo estado, comprehende o seu dever. O seu lugar é em casa, e em casa a sua missão é o trabalho da familia, como o homem, fora de casa, anda a trabalhar para ella tambem.

A mulher e a gallinha
pouco devem passear;
a gallinha come bichos,
a mulher dá que falar.

Algum dia era eu
raminho de andar na mão;
agora sou vassourinha,
com que tu varres o chão.

Hei-de dar pontos nas meias,
arremendar os calções,
pedir pelo meu marido
lá nas minhas orações.

Senhora da Saude,
quem pregunta quer saber,
se a romaria é aceite
do homem sem a mulher.

Distinguem agora no dever os casados e os solteiros. O 9.º mandamento da Lei christã prohibe desejar a mulher do proximo. Como a mulher

de Cesar, a mulher casada não deve de ser apenas honesta, deve tambem parecer, mostrar que o é.

Chapeu de meia moeda,
não é para homem casado,
é só para os solteirinhos,
são vadios tudo lh'é dado.

Se estiveras solteira,
fazia-te os meus carinhos;
agora que estás casada,
vae «engalhar» teus meninos.

(Villa Real)

Algumas quadras, deste caso, invertem-se numa reciprocidade do cantador:

Quem quer comprar, que eu vendo,
homens ao quarteirão;
os casados a pataco,
os solteiros a tostão.

Quem quer comprar, que eu vendo,
mulheres ao quarteirão;
as casadas a pataco,
as solteiras a tostão.

E o mesmo conceito, expresso no annexim; — «quem namora mulher casada, — traz a vida emprestada», — ou na attribuição de cada um ao seu lugar e aos seus affectos, continúa as cantigas, onde corre o ciume do fructo prohibido, o calculo, o despeíto, ironias.

Amores de homem casado,
quem me dera sequer um,
para calço de uma panella,
que não tenho lá nenhum.

(Villa Real)

Menina, não se namore
d'homem casado, qu'é p'rigo;
namore-se de um solteiro,
que possa casar consigo.

(Villa Real)

Amores de homem casado,
quem nos toma é porque quer;
logo á primeira resposta...
— vá para a sua mulher.

(Villa Real)

S. João é para os moços,
S. Pedro para os curas,
coitadinhos dos casados,
que ficam nas amarguras.

(Amarante, Douro)

Depois elle queixa-se da mulher, amavelmente a sua «cara metade», a sua «patrôa», a sua «senhora», ou sarcasticamente a sua «vibora», «marafona», ou cinicamente a «mulher» ou «mãe de seus filhos». Ella queixa-se do seu «homem», o seu «marido», ou simplesmente o «seu». Falam um do outro: — o meu; — a minha. Ha tons amargos, sarcasmos, ironias causticantes:

Os homens são como os lobos,
só lhes falta botar rabo;
quer na rua, quer em casa,
ha-de a sua ir ao cabo.

(Trás-os-Montes)

Tenho o meu pão a amassar,
o meu marido a morrer;
antes meu marido morra
do que o meu pão se perder.

(Souxel)

Das zangas em familia já as raparigas cantam allusões receosas.

Não me fale de arrèmeço,
que não sou sua mulher;
eu ainda estou solteira,
serei sua, se eu quiser.

(Villa Real)

E por isso bem préga Frei Thomás, pela bocca dos velhos e conselheiros:

Antes que cases,
vê o que fazes.

E um recordar da fala doce da mulher do Conde Yanno:

— Que negra ventura é esta,
Que entre nós está mettida?

*

Amores prohibidos, desillusões familiares, factores diversos, provocam infidelidade conjugal. A victima é a mulher, que ninguem attribue culpas ao homem, e só condemnam o peccado da adultera. A aldeia aponta-a, apupa-a, na justificação das antigas penas contra o adulterio, então mais justiceiras e egualitarias. O homem é chasqueado nos apodos rudes. Ha chavelhos symbolicos, emblematicos animaes de cornos; encontram-se vestigios de antigos penedos, aonde um rito invocatorio levava homens e mulheres a procurar do oraculo do acaso a certeza das infidelidades amorosas e conjugaes; eram os *penedos dos cornudos.*

No pesar da sua sorte ou mau pensar, as mulheres cantam como um remorso:

> Quem tiver filhas no mundo,
> não fale das malfadadas,
> porque as filhas da desgraça
> tambem nasceram honradas.

E passam os adulterios do *Auto da India,* em que a Ama «de pezar está chorando» porque o marido «estava desaviado» e já não ia para a India; — de o *Conde de Allemanha,* que «com a rainha dormia»; e mais *xácaras* do nosso povo.

*
* *

A mulher ambiciona ser mãe. Não a desmoraliza, como a Hedda Gabler, de Ibsen, o pensamento de se desfear na maternidade. Não foge ao seu dever. E procura atalhar a esterilidade.

Se encontra ou ouve um mocho, fica esteril. Em Valdevez, a que fôr tocar as «trindades», agarrando a corda com os dentes, não tem mais filhos (Valdevez) (1). Para as estereis ha muitas práticas primitivas, de superstição pagã, para lhes acabar a esterilidade. Esses costumes fundam-se por analogia no simples contacto ou na fricção sexual.

Em todo o Norte ha penedos, onde as mulheres estereis acodem. Uns servem para ellas se deitarem, como o Penedo de S. Domingos, em Lamego, na Serra de S. Domingos (2); deitam-se ao comprido, para serem fecundas, tanto bastando para que o poder da superstição de estranhas forças lhes dêem a felicidade de ser mães.

De qualquer velho ritual perdido, e hoje transformado, provirão esses sorteios casamentei-

---

(1) Felix Alves Pereira, *Lusa*, vol. I, pg. 9, § 12, «Colheitas etnograficas».

(2) Leite de Vasconcellos, *Vanguarda*, 1880, n.º 27.

ros, como na Serra da Peneda (concelho dos Arcos), no monte de Santa Luzia (em Vianna do Castello), nos arredores de Guimarães [1], em que as raparigas atiram pedras, em determinado numero, para, de costas contra o alvo, os projecteis ficarem no penedo ou em o nicho do Santo, no caso especial e christão de Santo Elyseu no monte de Santa Luzia; a esta superstição se ligam, em grande numero de casos, para a cobrir, desviar, christianizando-a, as invocações rupestres e os milagres antigos das Senhoras da Lapa, da Pedra, da Peneda, da Rocha, do Monte, da Serra, etc.

Outros penedos tem protuberancias, onde as mulheres estereis passam o ventre, como em outros as prenhes vão fazer o simulacro de mammar, chupando nas «mamminhas» (Requião, concelho de Famalicão), para terem leite *(pedras leitaes)*. É talvez a um facto de estes que se refere Gil Vicente no *Pranto de Maria Parda* [3], quando ella descreve o seu testamento e allude á «pedra da estrema».

As raizes da mandragora (mandraculas) com formas humanas, mais ou menos phallicas, tornam

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Id.* n.º 34; Martins Sarmento, «Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães», in *Revista de Guimarães*, vol. I, pg. 183.

(2) Similares são as *pedras* ou *penedos dos casamentos*, de *casadas*, ou *da casada* (Moimenta da Beira, etc.), e os *penedos dos cornudos* (Baião, etc.), etc.

(3) Gil Vicente, *Obras*, vol. III pg. 374.

as mulheres fecundas (*Genesis,* vol. xxx, pg. 14 e ss.); attrahe fecundidade e desfaz maleficios ([1]).

Estes habitos não desappareceram facilmente e ainda perduram no seu paganismo brutal. Em determinados lugares, sobrepôs-se a christianização com invocações da Virgem e de Santos do Agiologio, mas ou logo ou com o tempo veio reapparecer a fricção sexual, até com a aggravante de servir ao effeito a propria imagem de um santo.

Em Moimenta da Beira ha uma romaria notavel á Senhora da Lapa, no regaço de um rochedo. Os romeiros, depois de darem certo numero de voltas em redor do rochedo, tomam de uma pedra e esfregam com ella as cavidades que apparecem num dos extremos delle, signal evidente de velhas praticas de hectairismo, hoje confuso ([2]). O culto de S. Gonçalo de Amarante é profundamente phallico; em dia da sua festa vendem-se á porta do seu templo rosarios da phallus, de doçama do typo das cavacas de Caldas da Rainha. Lá dentro da igreja, na camara tumular do santo, as mulheres estereis, perdida a pudicicia na esperança cultual do milagre, friccionam-se, desnudadas, pelas pernas da imagem jacente do

---

([1]) Leroux de Liney, *Le grand herbier français,* fim do sec. XV.

([2]) Fonseca Cardoso, in *O Archeologo Português,* vol. III, pg. 172; o fim de esta pratica é hoje a cura das maleitas; como a insensatez o não explica, deve de se considerar sotoposta a crença supersticiosa do hectairismo primitivo.

Bemaventurado, enquanto os crentes resam baixinho e não erguem os olhos para o que não devem de vêr.

*

* *

As mulheres gravidas trazem ao pescoço «pedras de ara», em uma saquinha [1]. — Só devem de trazer ao pescoço objectos preservantes; caso tragam outros, a creança nasce com o signal delles no corpo. — Chaves á cinta cortariam os beiços á creança.

Todos os cuidados são poucos. — Para que o filho cresça, a mulher gravida não pode passar debaixo de uma escada. — Para que elle nada tenha de animal, e seja esbelto, a mulher não pega em bichos nem encosta a si a cabeça de qualquer animal.

— Comam tremoços, e os filhos terão olhos bellos (Alentejo). — Comam de tudo, que desejem, ou a creança terá o corpo cheio de manchas ou de malhas (Minho).

— Se as moscas se approximam de uma mulher gravida, ella dará á luz uma menina.

---

[1] Em Moncorvo, as mulheres que lhe tocarem com as mãos (impuras) não tem filhos; por isso a pedra de ara anda num saquinho ou se lhe toca com um papel; se, durante a missa, a mulher tocar na pedra de ara, fica esteril: Leite de Vasconcellos, *Tradições populares portuguesas*, pg. 92.

— Quando as rosas de Jericó abrirem na agua, onde se mettam, ha bom presagio; se foi uma mulher gravida, que metteu as rosas na agua, terá parto feliz.

Camillo em *O Esqueleto* refere-se ao receio dos perigos do aroma das flôres na saude da geração. «Cuidou (Nicolau de Mesquita) que o aroma das flôres damnificasse á geração e mandou cavar os alegretes e taboleiros sobpostos á janella do seu quarto (onde Beatriz, gravida, dormia)».

Tem as parturientes os seus talismans. Um delles é a «pedra de ara» ou «pedra de ar», já mencionada; são grandes os perigos com ella, pois lhe não podem tocar com as mãos, as suas mãos impuras, e muito menos lhe tocarão enquanto ouvem missa, pois serão estereis, se tal acontecer (Moncorvo, Santo Thyrso); trazem-na em pequenas bolsinhas ao pescoço, para não perderem a virtude [1]. M. Chervin publicou em França um trabalho curioso àcerca de *Amulettes pour femmes enceintes et ex-voto* [2].

Para a mulher gravida saber se terá filho ou filha, vae, no concelho de Guimarães, á capella de

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Tradições populares portuguesas*, pgs. 92, 93. Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas» in *Revista Lusitana*, vol. XII, pg. 80.

[2] *Bull. et mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, vol. III, 5.ª serie, (1902). pg. 806 e ss. Os principaes *ex-votos* portugueses das mulheres gravidas são meninos de cera offerecidos aos Santos, a cuja invocação ellas recorrem, conseguindo o premio da crença.

S. Miguel do Castello, onde ha uma Santa Margarida; atira tres pedras a uma fresta da capella, e, se entram todas, a creança ha de ser um menino. Os Santos de mais invocação das gravidas e parturientes são Santo André [1] e Santa Catharina, que é advogada contra os males do parto, e pelo seu primitivismo pagão Santa Martha, adorada nos montes, lameiros, charcos e fontes santas; a «mão dina» ou «mão a dina», assim a invocavam a esta os feiticeiros que o Santo Officio perseguia [2]. Outras invocações caracteristicas: Nossa Senhora do *Parto,* cuja imagem tem o menino deitado na mão, Nossa Senhora do *Bom Successo,* Nossa Senhora do *Bom Despacho* (Braga), Nossa Senhora do Anjo (Annunciação, a Virgem pejada, da Sé de Evora, com quadros populares de milagres).

Quando principia o parto, a mulher, para deminuir as dores, deve de se cingir com o cordão de S. Francisco. Se a crise se prolonga, e para que ella termine rapidamente, usa-se em Elvas a parturiente «pegar-se» com Nossa Senhora das Dores, e mandar tocar nove badaladas no sino da igreja da Virgem de essa

---

(1) A elle se referem D. Francisco Manuel de Mello, *Carta de Guia de Casados,* pg. 110, e o P.e Carvalho da Costa, *Chorographia Portuguesa,* 1712, vol. III, pg. 355.

(2) O *Libello,* de Luis da Cunha, no Santo Officio de Evora, artigos 22 e 770, refere orações a Santa Martha, para que uma pessoa seja amada de outra. Ha uma romaria no Minho a esta Santa, aonde vão as mulheres, que soffrem de doenças e perturbações genitaes.

invocação, cujo collar lhe trazem e ella põe ao pescoço (Alentejo) [1],

Se a mulher está em perigo, o marido (Arcos de Valdevez) vae dar nove badaladas nos sinos da igreja de Nossa Senhora da Lapa. E antes, a mulher, para ter o seu bom successo, deve de se ter dirigido á ponte sobre o Lima, pela meia noite, e tirar agua do rio com um pucaro suspenso na ponta de uma corda; esperava o primeiro homem, a quem teria pedido que lhe baptizasse a creança, atirando-lhe a agua do pucaro sobre o ventre [2].

*

* *

Nasce a creança. Se é um Domingo, será feliz, «vem num folinho»; se é Sexta-feira, dia aziago, será infeliz, — coitadinha!

Apenas nasce, o pae tem o dever de a borrifar com vinho; enche a bocca de vinho e borrifa-a, para que o leite que mammar de outra, que não seja a mãe, lhe não faça mal nem lhe communique o «genio»; — e mettem mel na bocca do recemnascido, para ser de segredo, uma gemma

---

(1) O collar tem 130 contas enfiadas, e uma medalhinha de pedra quasi elliptica, circundada de doze pedrinhas miudas, todas engastadas em prata. Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas», *Revista Lusitana*, vol. XI, pg. 257.

(2) Felix Alves Pereira, «Colheitas Etnograficas», na *Lusa*, vol. I, pg. 9 § 3 e 12.

de ovo batida com assucar, para ter graça; — é a *lóquinha,* dos Arcos de Valdevez [1].

O recemnascido [2] é todo lavado em uma bacia com agua morna, e a cabeça é lavada separadamente com uma clara de ovo, batida, em agua morna tambem, mas temperada com aguardente. De esta primeira vez que se lavam as creanças, fazem-lhes uma cruz nas costas e dizem:

Eu te benzo
com esta cruz;
eu a lavar-te
e o Senhor a abençoar-te.

(Alentejo) [3]

Depois de enxuta a cabeça, *arranja-se-lhes a moleirinha;* prepara-se a *estopada,* panno de estopa ou de outra pannagem, untada de mel e com uma gemma de ovo, põem-lha na cabeça, cingindo-a com um lenço de tres pontas, a apertar na testa com ligaduras; por cima colloca-se a touca; e durante vinte e quatro horas conservam a «estopada».

---

(1) Felix Alves Pereira, *Id.*, vol. I, pg. 9, § 34.

(2) Na Provença, quando uma mulher está de parto, as parentes acodem a ajudar e servir a parturiente. Levam os presentes symbolicos, o sal *(sage coume la sau* — «teu filho seja prudente como o sal»), o pão *(bom coume lou pan,* — «bom como o pão»), e um ovo *(lein coume un iou* — «cheio como um ovo») e um phosphoro *(dre coume un brouqueto* — «direito como um phosphoro»). Dalinowicz, *L'art rustique français, — art provençal,* cap. VI.

(3) Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas» (costumes alentejanos), *Revista Lusitana,* vol. X, pg. 302 e vol. XI, pg. 258.

É preciso que a creança fique bem lavada, ao nascer, senão terá *zagre* (Alentejo) ([1]).

Em outros sitios do Alentejo, Thomás Pires informa que só se lavava a cabeça ás creanças, quando ellas soubessem pronunciar o nome de Jesus ([2]).

O cordão umbellical do recemnascido ha de ser lançado ao lume, não o vão comer os ratos, que a creança não teria mais «parança na vida». Diz-se, de uma criatura inquieta, que lhe «fugiram os ratos com o umbigo» (Arcos de Valdevez) ([3]). Se querem que a creança seja habilidosa, ao cahir-lhe o umbigo, mettem-o no miolo do enxergão, e, depois de uns dias dão-no de comer a um gallo, para a creança cantar bem (Alentejo) ([4]).

A mãe agora concentra todo o seu carinho no pequenino ser, que é o seu filho. Tudo se passa no circulo apertado de alegrias e esperanças entre superstições e cuidados fervorosos. Não lhe falte o leite; e bebe a *conta leiteira,* de galactite, desfeita em agua ([5]); traz ao peito o *leituário,* conta de àgatha, que trazida ao pescoço, suspensa de uma fita escarlate, dá vigor e leite, ou a *conta de*

([1]) Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas», *Revista Lusitana*, vol. XI, pg. 258.

([2]) Thomás Pires, *Id.*, vol. XIII, pg. 35.

([3]) Felix Alves Pereira, «Colheitas Etnograficas», na *Lusa,* vol. I, pg. 59, § 36.

([4]) Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas» (costumes alentejanos) in *Revista Lusitana,* vol. XI, pg. 260.

([5]) Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, pg. 68.

leite, suspensa de cordão branco (Elvas) ([1]), ou o *leitor,* pedra em forma de conta, pendente de uma fita em uma casa do collete (Villa Real) ([2]). São amuletos de lactação ([3]).

Ao pescoço da creança põe os amuletos infantis, proprios: contra as *luadas,* um saquinho com uma cruz de aroeira, um crescente ou meia lua, para fixar o mal; o cornicho e a figa contra o quebranto e o mau olhado; a chave (que cura os «sapinhos do leite»), a figa, as contas de azeviche, o «sino-saimão» e o cornicho da cabra loira, formam *arrelicas,* ou reliquias, contra o mau olhado, empingens, «rabuge», quebranto de ar, etc.

Na farça *Quem tem farellos,* Gil Vicente põe *A Velha* a exclamar irada:

> Má cainça que te coma,
> Mao quebranto te quebrante,
> E mao lobo que t'espante,
> Toma duas figas toma ([4]).

Uma thesoura, aberta em cruz debaixo do travesseiro, livra das bruxas as creanças (Algarve), e evita que estas sejam chupadas por ellas (Vi-

---

([1]) Thomás Pires, «Amuletos», in *Portugalia,* vol. I, pgs. 619, 620, e *Concelho de Elvas* (de Victorino Coelho) vol. I, pg. 498.

([2]) A. Gomes Pereira, «Tradições populares e linguagem de Villa Real», in *Revista Lusitana,* vol. X, pg. 218.

([3]) Quando termina a creação, a mãe traz dependurado ao pescoço a *chave-macha,* para seccar o leite; a chave deve de ficar no meio das contas. Thomás Pires, in *Concelho de Elvas,* vol. I, pg. 498.

([4]) Gil Vicente, *Obras,* vol. III, pg. 21.

mieiro, Sinfães). Mostarda em grão espalhada no telhado da casa, onde nasceu uma creança, impede que as bruxas a chupem, pois se entretêm a apanhar os grãos (Anadia).

Se a mulher, que amammenta a creança, está com ella ao peito, não beberá nenhum liquido, porque produz gotta, epilepsia, na creança; para cortar o mal, a creança tomará leite fresco de duas cabras, mãe e filha, ou de duas mulheres, tambem mãe e filha, por nove dias (Valdevez) (1).

Para a creança não ser enfeitiçada, a mãe deve de espetar um prego no chão, onde ficará pregado o feitiço (Penafiel) (2).

E, até ser baptizada, não se apaga a candeia de casa, para não virem as feiticeiras buscar a creança.

*

* *

Até ao baptismo a creança, é *moira* (3). «Não é de Deus», — dizem, — «é moirinha ainda».

E como toda a vida, tambem o baptismo está regulado pelas sempre phantasistas e curio-

(1) Felix Alves Pereira, «Colheitas Etnograficas», na *Lusa*, vol. I, pg. 59 § 31.

(2) Leite de Vasconcellos, *Tradições populares portuguesas*, pg. 100.

(3) Se a creança morre sem baptismo, vae para o limbo; se porém chega a mammar, ainda passa pelo purgatorio (Alentejo).

sissimas regras da superstição aguda, protocollo que marca e dispõe.

O *bautizo* (Extremoz) só se realiza oito dias após o nascimento. A ama, ou a mãe, que «boa massaroca fia quem seu filho cria», amammentam a creança. A parteira, em numerosas terras, leva-a até a porta da egreja, onde a recebe a mulher do sachristão *(a sachristôa)*, que a conduz á pia baptismal. Ao ser baptizada, se não chora, a creança morrerá cedo, e, se o padre lhe mette pouco sal na bocca, ella será de mau paladar (Alentejo).

Não convem que, ao ser-se convidado a primeira vez para padrinho de baptismo, se recuse. Depois do baptizado, os padrinhos, desde a egreja até casa, vão lançando aos rapazes amendoas, confeitos e moedas de cinco-reis (Alentejo).

E quando, ao entrar em casa, a commadre entrega o filho á mãe, é uso ella dizer:

Levei-o amoirado,
trago-lho baptizado.

Depois, o padrinho deita a creança na cama e cobre-a com a sua capa, e ella será mansa.

Logo que a mãe saia de casa a primeira vez, vae á missa e leva o filho nos braços; apresenta-o a Nosso Senhor e offerece-lho em orações [1].

---

[1] Todos estes factos do Alentejo são de Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas», *Revista Lusitana*, vol. x, pgs. 302, 304, 305, vol. xi, pgs. 257, 267.

*

* *

Não ficaria sem regras o nome do filho. Em regra é o nome dos padrinhos, que fica para a creança baptizada. Ha casos, porém, onde se não pode seguir a regra.

Se ha sete filhos, o setimo é *lobishomem,* o lycanthropo dos Gregos (1), resto dos terrorres da Idade Media, em que os *lobishomens* pullulavam, e se caracterizavam por uma perversão intellectual, que os levava para o ermo, onde vagueavam de noite, por vezes com as mãos pelo chão, e victimas de horriveis apetites; chamam-lhes no Alentejo *labishomes* e *lambishomes,* e acreditam que na porta, onde elles passem, e vejam luz, dão «coice féro»; os cães ladram-lhes, não obstante o *lobishomem* não se bota aos cães, mas sim aos homens, á «familia» (2).

Para que o filho não seja *lobishomem,* dá-se-lhe um nome sagrado, chama-se-lhe Bento.

Para garantir a felicidade dos filhos, põem-lhes nomes de Santos de devoção, mas especialmente de Maria para as meninas, Manuel, o nome

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal,* pg. 261.

(2) Thomás Pires, «Investigações Ethnographicas», *Revista Lusitana,* vol. XI, pg. 68.

de Christo, e João o seu discipulo dilecto, para os rapazes.

Com que enlevo a mãe procura descortinar nas feições do filho o prognostico ansiado!

O seu menino tem orelha pegada, — ha de ser rico. — Tem bico de cabello na testa, — coitadito! ha-de ser viuvo. — Tem beiço alto, — chegará a velho. — E vae fazendo caretas á lua, quando ella apparece, para lhe talhar o quebranto, e não tocar na creança.

Para desmammar a creança ou para lhe nascerem os dentes, deve de se pôr numa encruzilhada uma panella com agua, chumbo, ossos e cinco-reis (Villa Real) (1), e virão uns lindos dentes de marfim.

*

* *

São muitos os filhos, muito o trabalho da casa e da criação das creanças. É verdade que «casa que não cria, sempre pia» (Alentejo).

E cantam-se allusões:

Tudo é casar, casar,
ó menina, dê cá a mão;
mas torce a porca o rabo,
quando os filhos pedem pão.

(Atalaya)

Tudo é casar, casar,
qualquer tolo é casado;
p'ra sustentar mulher e filhos,
ahi é qu'a porca torce o rabo.

(Atalaya)

(1) *Revista Lusitana*, vol. X, pg. 218.

Menina, não se admire
de eu cantar e ser casada;
é com o gosto, que tenho,
de me vêr bem empregada.

(Villa Real)

Quando eu era solteirinha,
usava fitas e laços;
agora que sou casada,
trago o meu filho nos braços.

(Villa Real)

— «Quem tem filhos, tem cadilhos; mas, quem filhos não tem, cadilhos tem», e a mulher faz em geral quanto pode para ser mãe, toda ella se esforça pelo proverbio — «qual é Maria, tal filha cria».

Mais vale ser mulher casada,
de noite «engalhar» meninos;
do que ser freira professa,
á meia noite tocar os sinos.

(Villa Real)

Quem tem filhos pequenos,
não se lhe ignora o cantar;
muitas vezes se canta
com vontade de chorar.

Quem tem filhinhos pequenos,
sempre lhes ha-de cantar;
quantas vezes as mães cantam,
com vontade de chorar!

Quem tem pinheiros, tem pinhas,
quem tem pinhas, tem pinhões;
quem tem amores, tem filhos,
quem tem filhos tem pensões.

(Alentejo — Thomás Pires, *Cantigas Populares*, vol. III, 4038).

Quem tem meninos pequenos,
allivia a criação,
de dia em-nos nos braços,
á noite no coração.

(Minho — Leite de Vasconcellos *Tradições Populares*, pg. 208)

Mas o maior encanto da poesia do lar são as canções do berço em que a mãe «engalha» o menino, deitado no berço ou tendo-o ao

collo. De esse tempo, de que depois a moça dirá máis tarde

> Quando eu era pequenina,
> chupava por um canudo;
> agora que já sou grande,
> tenho calças e tudo.
>
> (Alcanena)

de esse tempo fica a melhor saudade. Embala-se a casa na melopeia do somno, em que se funde poeticamente o carinho maximo, o coração ansioso e esperançado da mãe a embalar o filho [1]. É um canto que sae da alma sem passar pela bocca.

Rola, rola, meu menino,
que a Senhora logo vem;
foi lavar os cueirinhos
á fontinha de Belem.

Escuta, escuta, meu menino,
qu'a mãezinha logo vem;
foi lavar os cueirinhos
á fontinha de Belem.

O meu menino é de ouro,
é de ouro o meu menino,
quero trocá-lo aos anjos
por outro mais pequenino.

Vae-te, côca; vae-te, côca,
das telhas do meu telhado,
deixa dormir o menino
um somninho descansado.

O meu menino é de ouro,
é de ouro o meu menino,
hei-de entregá-lo aos anjos,
que cresça, que é pequenino.

Dorme dorme, meu menino,
nesse bercinho dourado,
vae dormir com Jesus Christo
um somninho descansado.

---

[1] Veja-se na *Revista Lusitana*, vol. X, pg. 26, em deante, *Canções do Berço* de Leite de Vasconcellos, collecção delicadissima destes cantares de mãe.

Meu menino tem somno,
tem somno e quer velar,
venham os anjos do ceu
ajudá-lo a embalar.

(Obidos)

Que tens tu, meu filhinho,
que o somno te não quer vir!
Venham os anjos do ceu
ajudá-lo a dormir.

(Mação) (1)

Dorme, dorme, meu filhinho,
o somno que Deus te deu;
enquanto o menino dorme,
velam os anjos no ceu.

(Mação)

O meu menino tem somno
e o somno não quer vir,
tem um olhinho cerrado,
e o outro não no pode abrir.

(Bragança)

Ó papão, vae-te d'ahi,
deixa a baga do loureiro,
deixa dormir o menino
este somninho primeiro.

(Mação)

Dorme, dorme, meu filhinho,
um somninho descansado,
que o Anjo da tua Guarda
vela por ti a teu lado.

(Carvoeiro, Mação)

É o amor que canta. É a familia que se consagra e ergue ao ceu, como o incenso no thuribulo da casa de Deus. Seja bemdito o espirito familiar, e bem hajam no deserto da vida as mães que sabem cantar e, adormecendo-nos á sua voz, nos ensinam a sonhar.

* *

E neste termo final recorda-me uma vez mais a lição sentida de Bordeaux, pioneiro de estas

(1) Francisco Serrano, *Romances e Canções Populares da minha terra*, pg. 136 e sgs., com a pauta melodica, o que tambem tem o trabalho já citado de Leite de Vasconcellos, «Canções do Berço».

bellezas desamparadas. Lembrei-me della, quando passava o meu espirito pelas superstições do lar. Evoco-a no fim.

— «Instintivamente — diz elle no seu livro *Le Lac Noir* — o homem crê no sobrenatural. Joseph de Maistre escrevia que as superstições são as obras avançadas da religião. Erro. Quando a religião decresce, as superstições não deminuem; pelo contrario. E nas aldeias, a meia sciencia dos mestres, que faz descer á terra o mysterio do mundo, augmenta a credulidade publica, citando, sem os explicar, os phenomenos da natureza» (1).

Enfim é o amor, é a casa, é a familia portuguêsa, um pedaço da alma da gente de Portugal.

Dezembro de 1921 — Lisboa.

(1) Henry Bordeaux, *Le Lac Noir*, Paris, pg. 7.

INDICE

Pag.

1.ª PARTE — O NAMORO

I — O "Derrêtte" 13
II — Os Santos Casamenteiros 28
III — Symbolismo Amoroso 35

2.ª PARTE — O CASAMENTO

I — Preliminares 65
II — A Noiva 75
III — A Casar 81
IV — Depois 102

3.ª PARTE — O LAR DA FAMILIA

I — A Casa 111
II — Em Familia 122
III — Os Filhos 144

ERRATAS

Nota — As erratas principaes são:

Pag.	nota	linha	onde lê	leia
20	3	2	vol. III	vol. II, pg. 1-5.
21		22	«garguerejo»	«gargarejo»
22		27	Fernin Roz	Fermin Roz
25		19	dois amantes a falar.	dois amantes a falar?
27		21	de tão boa mente.	de tão boa mente!
27		29	amor hũa mulher.	amar hũa mulher.
29	4	2	vol. I, pg. 15	vol. I, pg. 183
39		6	*sino-sanão*	*sino samão*
50		11	*vergissmeiznicht*	*vergissmeinnicht*
51		12	adornam-as	adornam-a
63		18	pombinha, venturosa	pombinha venturosa
72		23	lhe faça	lhes faça
131		5	E o calor da casa	É o calor da casa
136	3		*Terra Portuguesa*	in *Terra Portuguesa*
140		14	muleiro	muleira
147		24	E um recordar	É um recordar

E outras, que mais haja, pede o Autor paciencia para ellas.

DO MESMO AUTOR

SEPARATAS (1916-1920)

(FORA DO MERCADO)

ARCHEOLOGIA ARTISTICA

I — **O Pelourinho de Extremoz,** da rev. *Terra Nossa*, 1916.
II — **Dois Pelourinhos de Alem-Tejo,** da rev. *O Archeologo Português*, 1918.
III — **Siglas nos edificios medievaes de Extremoz,** da rev. *O Archeologo Português*, 1918.
IV — **"Registo de Santo„ com os retratos de D. João V e da Rainha,** da rev. *O Archeologo Português*, 1918.
O Primeiro "Presepio„ conhecido, de Lisboa, da rev. *O Archeologo Português*, 1916.
Bibliografia Artistica de D Isabel, de Portugal, a Rainha Santa (Subsidios , do *Boletim Bibliográfico* da Academia das Sciencias de Lisboa, 1.ª Série, 1912.
A Moeda Comemorativa do Centenario da India, da rev. *O Archeologo Português*, 1918.

ETHNOGRAPHIA ARTISTICA

I — **Os «ex-votos» do Museu Etnologico Português,** da rev. *O Archeologo Português*, 1916.
II — **Barristas de Extremoz,** da rev. *Terra Nossa*, 1916.
III — **Ganchos de meia, de barro, de Extremoz,** da rev. *A Aguia*, 1917.
IV — **Mealheiros,** da rev. *Atlantida*, 1912.

ETHNOGRAPHIA GERAL

«Nacionalismo Etnografico» — **A Agricultura e a Etnografia,** do *Boletim* da Associação Central da Agricultura Portuguesa, 1920.

FOLKLORE

Sobrevivencias neoliticas de Portugal, de o *Arquivo da Universidade de Lisboa*, 1917.

NO PRELO:

Um plano de ethnographia portuguesa.
Pão para a boca, azeite para o prato, vinho para o copo.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

GT
2650
C43

Chaves, Luis
O amor português